DIGRESSOES LEXICOLOGICAS

J. J. NUNES

DR. J. J. NUNES
Da Academia das Sciências de Lisboa

Digressões Lexicológicas

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
LISBOA — 1928

Digressões Lexicológicas

DR. J. J. NUNES
Da Academia das Sciências de Lisboa

Digressões Lexicológicas

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
Praça dos Restauradores, 17
1928

LÍNGUA

Digressões Lexicológicas

I

Galicismos

É bem sabido que as línguas se influem mais ou menos mùtuamente, mercê da convivência, maior ou menor, que os povos manteem entre si. Tal facto, se por um lado representa riqueza, porquanto vem aumentar os respectivos vocabulários, por outro altera a pureza dos idiomas, introduzindo-lhes palavras que destoam da sua natureza e modo de ser, à semelhança das águas pluviais, que emquanto fertilizam as terras, turvam e alteram a pureza e limpidez dos arroios. Assim tem sucedido connosco e de-certo continuará a suceder, em vista das relações que mantemos com o estrangeiro, relações que a facilidade de comunicações torna cada vez mais intensas, sendo portanto impossível opôr uma barreira a essa invasão. Mas, se não está na nossa mão obstarmos que ela se dê, está por certo, empregarmos esforços para que só sejam recebidos aqueles vocábulos de que absolutamente carecemos e só depois de os vestirmos à moda da nossa terra,

procurando assim disfarçar-lhes quanto possível a feição estranha, tal-qualmente procediam os nossos maiores.

Em todos os tempos a nossa língua tem tomado doutras não só aquilo de que carecia, mas até mesmo o que lhe era inteiramente escusado. Já depois de evolucionada do latim vulgar e fixa a sua feição típica, quanto não recebeu ela dos germanos e árabes, que pisaram o nosso solo e aqui permaneceram mais ou menos longamente? Pondo, porém, de parte essas antigas aquisições, que o povo perfilhou, comunicando-lhes não raro a alma e a vida como às que já possuia, herdadas dos seus antepassados, referir-me-ei apenas às que posteriormente recebemos por intermédio da literatura.

Já nos nossos trovadores, quando a língua, ainda não de todo despojada das faixas infantis, tentava vôos, que cada vez seriam mais largos, vamos encontrar não só termos, mas ainda expressões que denunciam proveniência estranha. E compreende-se que assim acontecesse. Atraídos pelos perfumes das flores poéticas que, desabrochadas na ridente Provença, não tardariam em espalhar os seus aromas por quási tôda a Europa, os que entre nós os aspiravam não podiam esquivar-se aos efeitos dessa verdadeira embriaguez. Dia e noite recebendo-lhes os odores, como não se lhes pegariam algumas das suas partículas?

Os povos com que por essa época mais em contacto estávamos eram castelhanos, franceses e ingle-

ses; sobretudo com os dois primeiros as relações foram-se tornando cada vez mais íntimas. Com Castela vivíamos paredes meias, como dois vizinhos, que ora se zangam e desafogam a sua ira em impropérios e por vezes até em pugnas, ora se cortejam e conversam afàvelmente, por vezes mesmo rindo e chanceando; dessas conversações, na sua maioria orais, resultavam para ambos a permuta de um ou outro vocábulo, porque demais nenhum carecia dêles, visto o seu léxico ser quási igual; afora isso a medíocre diferença que as respectivas fonéticas apresentam tornava imperceptíveis ou ao menos pouco visíveis êsses empréstimos.

Já o mesmo não acontecia com França, cuja língua no seu exterior diverge bastante da nossa. Com essa as nossas relações teem sido principalmente pelo lado literário. Como é sabido, o pai do nosso primeiro monarca de lá tinha vindo; com êle veio gente mais ou menos culta; do nosso clero secular ou regular, do alto sobretudo, faziam parte não poucos indivíduos daí oriundos; nobres e até príncipes portugueses freqüentavam a corte de França; à Universidade de Paris concorriam estudantes a receber o seu ensino; os livros franceses encontravam aqui não poucos leitores, porque êsse idioma era dos estranhos ao nosso quási o único que se aprendia. Dêsse convívio com pessoas e livros vindos de França havia de necessàriamente resultar a introdução no nosso idioma de um ou outro vocábulo daquela nação; é mesmo crível que por vezes

tal ou qual prurido de novidade fizesse achar preferível o invulgar ao que andava na bôca de tôda a gente; assim se explicaria a substituição de termos de feição nacional e por tanto já bastante antigos por outros de significação idêntica e porisso inteiramente escusados. Mas então a maneira como tais vocábulos eram transplantados para a nossa língua tirava-lhes todo o aspecto de estranhos, o que não aconteceu mais tarde, especialmente desde o século XVII, em que as nossas antigas relações com a França se tornaram tão intensas que suplantaram as que mantínhamos com a Espanha a tal ponto que a literatura desta, a-pesar-de muito rica e notável, passou a ser quási desconhecida da maioria dos portugueses, inversamente ao que acontecia com a francesa. Daí por diante nem sequer houve o cuidado de vestir à portuguesa os termos franceses, que de dia para dia foram cada vez mais inçando a nossa língua por forma tal que hoje, ao defrontarmos, pelas ruas, encimando as portas de muitos estabelecimentos, os letreiros que dão a conhecer o comércio vário que nelas se exerce, nos assalta a dúvida de que estejamos realmente num país de língua portuguesa.

Para essa invasão, cada vez maior, tem contribuido principalmente a imprensa, que, mercê do progresso social, chega actualmente aos mais recônditos cantos, comunicando assim a quantos a leem, o *virus* de que vai atacada. Os que nela escrevem, na sua maioria, manuseiam de preferência gazetas

francesas, por ser esta das línguas estrangeiras a que melhor conhecem, e, para contraporem ao veneno que a sua leitura lhes inocula, não possuem o indispensável antídoto do conhecimento da sua própria, que nunca se deram ao trabalho de estudar, nem na sua estrutura, nem tão pouco na sua riqueza vocabular, compulsando as obras daqueles que melhor a conheceram e souberam usar. A par do jornal está o romance pelo agrado com que geralmente se lê. No n.º 15 da *Revista de Língua Portuguesa* aponta o Snr. Afonso Costa não pequeno número de galicismos, verdadeiramente nauseabundos, colhidos em obra, então acabada de aparecer, de «um literato português de estilo brilhante, muito festejado em Portugal e muito lido também no Brasil».

Tais escritores, absorvidos pela literatura francesa, hão de fatalmente reproduzir nos seus escritos os seus modelos; o seu espírito deixou-se arrastar pela dição estranha, que se gravou no seu cérebro, suplantando não raro a genuina, que de-certo não ignoram; de aí a sua transplantação tal qual para as suas obras, que dêste modo vestem de roupagens de côres variegadas, nacionais umas, estrangeiras outras.

E todavia não teem faltado os paladinos da boa linguagem nos dois países onde se fala o idioma português. No século XVIII encontramo-los e de rija têmpera e hoje ainda o seu ardor não esfriou na luta travada a favor da pureza da língua; infelizmente aos seus esforços nem sempre tem corres-

pondido o êxito desejado, porque para muitos êles não passam de *caturrices;* isso não obstante o bom combate não deve deixar de ser prosseguido pelos que amam a sua língua, porque, embora se não consiga todo o resultado proposto, alguma coisa sempre se alcançará. É o que me leva a apresentar alguns dos galicismos que, pela sua freqüência e repetição, ameaçam suplantar de vez os termos genuinos que lhes correspondem, esbulhando-os do lugar que lhes compete a dentro da língua, começando por *gesto,* que de tal maneira se arreigou, há anos a esta parte, que, pelo hábito sem dúvida, o temos visto empregado por escritores, que aliás costumam usar da linguagem não conspurcada de tal lôdo. A cada passo encontramos nos jornais modos de dizer como estes ou equivalentes: «fulano teve um belo gesto»; «o gesto de fulano merece todo o nosso aplauso», etc. Nunca os nossos escritores amantes da pureza da língua se serviram dêste termo na acepção de «feito», «rasgo», «acção», etc., em que se toma aqui, nem o povo, que, na sua ignorância sabe muitas vezes mais do que os que escrevem nas gazetas, o emprega com tal sentido. Para êle, como para os verdadeiros puristas, *gesto* aplica-se aos sinais com que pelos membros do corpo, cabeça, braços, olhos, etc., exteriorizamos os nossos pensamentos ou maneira de ver, a propósito de qualquer coisa, e já assim o empregavam os romanos. Pelos franceses foi adoptado o particípio passivo do verbo *gero,* no género neutro e número plural, isto é, *gesta*

ou sejam *(coisas) feitas* ou *praticadas* com certa galhardia especialmente, o que equivale a dizer «acção memorável»; daí o seu vocábulo *geste*, que ficou consagrado pelas canções épicas da Idade-Média, conhecidas pelo nome de *gestas;* mas, ao lado dêsse substantivo, outro teem que, como nós, receberam do latim, o *geste*, que o *Dictionaire Général de la langue française* de Hatzfeld e Darmesteter define assim, tal qual o nosso *gesto:* «mouvement des bras, de la main, de la tête, etc., qui exprime certaines pensées, certains sentiments ou rend plus expressif le langage».

Se, pois, a nossa língua possui termo apropriado ao sentido com que, há tempos a esta parte e com insistência tal que enjoa, tem sido empregado o termo *gesto*, para que usá-lo? Se ainda nos fizesse falta, por não termos vocábulo que o substituísse, poderia desculpar-se a sua adopção, mas assim... fora portanto com êle.

Com muita razão enumera o dito sr. A. Costa, entre os muitos galicismos que encontrara no livro a que se referia, o emprêgo do verbo *abandonar-se*, no sentido de *dar-se, entregar-se*, mas, a julgar pelo que leio em Morais, tal emprêgo aparece já na *História Geral da Etiópia, a alta*, saida aliás da pena de um «escritor aprimorado», como o classifica o Dr. Mendes dos Remédios na sua *História da Literatura Portuguesa*, o que mais uma vez confirma a veracidade dos rifões populares: «não há beleza sem senão» e «no melhor pano cái a nodoa».

O mesmo Morais regista *alarmar* e o seu primitivo *alarma*, abonando êste último com um passo da *Eneida Portuguesa* de João Franco Barreto. O classificar ali *alarme* de «forma imitada do francês» e remeter-se para *alarma* parece dar a entender que só aquele vocábulo é estrangeiro; ora tanto o são um como o outro e já assim muito bem os classifica Fr. Francisco de S. Luís no seu *Glossário das palavras e frases da língua francêsa*, embora o último, tomado do castelhano, não o reprove inteiramente, visto, a par dêle, existirem os modismos *a la par*, *alfim*, *a la moda*, formados de igual modo, condenando, porém, o seu derivado *alarmar*. Mas aquele representa o francês *à l'arme*, frase que, pela junção dos seus componentes, se tornou substantivo, tal qualmente sucedeu aos nossos *parabem*, *contratempo*, *semrazão*, etc. É óbvio, pois, que ambos os termos devem ser repelidos da boa linguagem e substituir-se respectivamente por *rebate*, *temor*, *tocar* ou *dar rebate*, *repicar*, *atemorizar*, *assustar*, conforme o sentido é próprio ou figurado.

É freqüentíssimo encontrar nos jornais o termo *artigo* aplicado, quási sempre no plural, aos variados *objectos*, *produtos*, *artefactos*, etc., expostos à venda nas lojas e casas comerciais; em tal acepção encontra-se êle já arquivado na 8.ª edição do referido Morais, sem que todavia se abone tal emprêgo com qualquer passo de escritor de pêso; êste facto mostra que, com essa acepção, nos veiu do francês, que, à semelhança das várias determinações de que

se compõe uma lei, tratado, contrato, etc., assim denomina também as múltiplas mercadorias existentes nos armazens dos negociantes.

Usa-se e abusa-se do intolerável galicismo *destacar* e seu derivado *destaque*. Em um dos dois jornais de maior circulação entre nós, encontro em artigo principal, chamado *de fundo*, à francesa, êste modo de dizer: «das três questões magnas de que anteontem nos ocupamos em geral *destaquemos* a da pesca.» O seu autor queria de certo dizer: *distingamos, separemos, consideremos em especial*, etc., mas saltou-lhe a pena para o *détachons*. Para os que não são *galiparlas*, como chamava o Filinto aos que assim escrevem e falam, *(figura) de destaque* quer dizer em português *distinto, notável*, etc.

Na mesma fôlha a que acabo de referir-me dizia-se que a certa cerimónia religiosa «assistiram individualidades das mais *marcantes* na aristocracia, etc.»; assim se exprimem os franceses, nós, porém, os portugueses, em tal caso usamos do adjectivo *ilustre* ou outro sinónimo, para classificar tais personagens.

Êrro grosseiro comete quem à francesa chama *costume* ao *traje* ou hábito e conseqüentemente denomina, por ocasião do Carnaval, *baile de costumes* aquele em que os que nêle tomam parte se apresentam vestidos vàriamente, quando deveria dizer à portuguesa, ainda que um tanto livremente, *baile de máscaras*, visto a última palavra conter em si a ideia de vestes variadas.

Galicismo muito corrente é *descoberta,* em vez de *descobrimento.* Porque ao sufixo *-mento,* de uso freqüente na nossa língua e mais ainda na antiga do que na moderna, anda já desde o latim, ligado o sentido de *acção,* segue-se que a segunda das formas deve ser preferida à primeira, que origináriamente é um particípio passado, embora não seja sem exemplo a passagem a substantivos de alguns nomes dessa classificação gramatical, no sentido de facto realizado, como são, entre outros, *dito, feito, estrada, emprêsa, enfusa, empreita,* etc. Quando o conhecimento do francês não era tão vulgar entre nós, dizia-se não *descoberta,* mas *descobrimento,* sendo disso prova o título que Fernão Lopes de Castanheda deu à obra que lhe grangeou lugar distinto entre os nossos clássicos. Os amantes da boa linguagem também preferem denominar *Renascimento* à revolução literária, mais conhecida pelo nome de *Renascença.*

Salta aos olhos, ainda do menos conhecedor do processo de formação de palavras, que *aprovisionar* e *aprovisionamento* se afastem dêle e que portanto não são vocábulos genuinamente portugueses; a sua adopção poderia justificar-se, se carecêssemos dos que exprimissem a mesma ideia, mas tal não se dá, porquanto possuímos *abastecer, prover,* e os respectivos derivados *abastecimento, provimento* e ainda *provisões.*

Raro é, por assim dizer, o dia que não lemos ou ouvimos falar no *ascendente* de uma pessoa.

Em português castiço tal termo só se aplica e em geral no plural aos que nos precederam ou estão em linha *ascendente* com respeito a nós; no sentido de *superioridade, predomínio, influência* é puro galicismo, que por isso deve evitar quem se preza de bem falar a sua língua.

Se por necessidade temos *chocar, choque,* que, no sentido de *encontrar, embate,* fomos buscar ao francês, o mesmo não acontece, quando tais vocábulos se tomam em sentido figurado, isto é, teem por complemento um nome abstracto, como *opiniões, bons costumes,* etc.; em tal caso convém substituí-los respectivamente por *brigar com, combater, pugnar,* etc.

Com os verbos *estar* e *fazer* é costume construirem-se frases que não podem classificar-se de correctas; tais são estas: *estar ao facto, ao corrente; fazer música, Avenida, as delícias* (de alguém), *um crime* (do silêncio de uma pessoa), *o objecto, fazer-se dever de,* etc., em vez de *estar sciente, ter conhecimento, estar inteirado; tocar, passear* (na *Avenida,* antes *alameda*), *deliciar-se com, sentir prazer em, inculpar* ou *ter na conta de crime, constituir, ser objecto, ter por dever* ou *julgar da sua obrigação,* etc.

É corrente chamar-se *governante* à mulher que dirige ou tem o govêrno da casa de um homem solteiro; eu com o povo, que nunca se serve de tal vocábulo, ao referir-se à que desempenha iguais funções junto de um clérigo, dar-lhe-ia antes o nome de *ama* ou ainda o de *aia,* como os nossos

antigos, se entre as suas obrigações figurava a superintendência na educação de uma criança.

Em lugar do nosso genuino *dar os parabens, os emboras,* usa muita gente *felicitar* e o respectivo derivado, em geral no plural, isto é, *felicitações;* o povo, que em pureza de línguagem não raro leva as lampas aos literatos, desconhece tais vocábulos, tomados do francês sem necessidade alguma.

Na secção chamada *Ecos da sociedade* é vulgar dizer-se de uma pessoa, que *está* ou *se encontra de cama,* que *guarda o leito,* como se tal pessoa estivesse de sentinela a êle ou o retivesse, para que não fugisse; se tal extensão de sentido é admissível no francês, não a tolera a nossa língua.

Para o povo *prejuízo* tem o sentido de *dano* em geral, embora a sua significação primitiva se referisse apenas ao motivado por uma decisão precipitada, isto é, tomada sem a devida ponderação. Há, porém, quem erradamente assim traduza o *prejugé* francês, que quer dizer *opinião antecipada* ou feita sem exame, ao que chamamos *preconceito.*

A par de *serpens,* que é pròpriamente o particípio do presente de *serpere* ou rastejar, deve ter existido *serpes* em latim vulgar; de aí as duas formas *serpente* e *serpe;* delas tiraram-se os verbos *serpentear* ou *serpentar* e *serpejar* ou *serpear,* para designarem movimentos parecidos com os do respectivo ofídio; a segunda destas formas é a preferida pelos melhores autores, tendo-se a primeira como tomada do francês.

Galicismo muito em voga e que por isso chega às vezes a insinuar-se em obras de escritores, que aliás prestam a devida atenção à pureza da linguagem, é *detalhar* e seu derivado *detalhe*. A forma simples dêste verbo, isto é, *talhar* possuímo-la com os franceses e na mesma significação de *cortar*, não fomos, porém, tão longe como êles, que metafòricamente a estenderam a objectos imateriais, dando--lhe o sentido de *enunciar com tôdas as particularidades*; neste caso dizemos *particularizar, pormenorizar, esmiüçar* e conseqüentemente a *detalhe* um nome tirado dos mesmos verbos.

Depara-se-nos com frequência nas gazetas o termo *ancestral*, quando se fala dos antepassados. Tal termo creio ser um neologismo na própria língua francesa, tirado da antiga forma *ancestre*, que, como outras nas mesmas condições, perdeu o *-s-* na que hoje lhe corresponde. Mas, se esta é desconhecida da nossa língua, como é que poderemos dar-lhe um derivado? Temos, pois, de recorrer à fonte pura do latim, se quisermos achar um adjectivo que lhe corresponda; tal adjectivo é *àvito*, que, por ser derivado de *avus* ou *avô*, tem sentido idêntico ao bárbaro *ancestral*; embora de significação mais geral, poderá também usar-se *antigo, velho*, etc.

A cada passo nos fere os olhos ou os ouvidos o verbo *constatar* e o seu derivado *constatação*. Tal palavra formou-se em francês da 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do latino *constare*, que na nossa língua, como aliás também naquela,

existe sob as duas formas, popular e literária *(custar* e *constar)*, esta, porém, de sentido aparentemente divergente do do latim clássico. A formação francesa deve ter nascido entre os juristas que, na sua nomenclatura, não raro lançam mão de fórmulas latinas; à comprovação por um oficial de justiça de um facto prejudicial a uma das partes chama-se com efeito *proces-verbal de constat* ou só *constat* (cf. Darmesteter, *Dict. Gen. de la Longue Française)*. Para nós tal vocábulo é espúrio e portanto, em vez dêle, devemos dizer: *verificar, provar, assentar* e assim, por exemplo, *é facto assente, provou-se a existência de, verificou-se haver o réu,* etc. Por igual modo há de substituir-se *constatação* por *comprovação,* etc.

Tratando-se especialmente da primeira apresentação em scena de um actor ou uma actriz, soem as gazetas empregar *debutar* e o seu regressivo *debute,* que da primeira significação de, no jôgo da bola, ser o primeiro a atirá-la, colocando-a o mais perto possível do alvo *(but)* convencionado (cf. o *Dic.* citado), tomou em francês a de *fazer as primeiras tentativas* e depois a de *começar.* Recorrendo a outra metáfora, a *strena* dos Romanos, na qual predomina a ideia do *primeiro,* visto designar os presentes que, de preferência em tal dia do ano, êles se gratificavam mùtuamente, fizemos nós a *estreia* e daí o verbo *estrear,* que exprimem as mesmas ideias que aqueles e por formas não só genuìnamente nacionais, mas até mais sonoras e agradáveis.

Erro freqüente, imitado do francês, é o emprêgo do particípio do presente, ou melhor chamado gerúndio, quando aposto ou continuado a um substantivo, em lugar de uma oração relativa, como neste exemplo colhido numa das duas mais importantes fôlhas diárias de Lisboa: «o pessoal burocrático... será escolhido entre os funcionários... actualmente prestando serviço». Se a nossa língua, como a francesa, mantivesse ainda aquele particípio, tal uso seria justificado por expressões como esta, que ocorre na *Virtuosa Bemfeitoria* «desto porem som algũus tam mal conhocentes» (pág. 241), mas, porque ela o substituiu pelo gerúndio, que só se usa para designar uma circunstância, segue-se que hoje se deve dizer, v. g. (livro) *que contém,* (fulano) *que habita,* etc. por *contendo, habitando,* etc.

Também não é raro depararmos com o adjectivo *feérico* na leitura de jornais ou romances; outro barbarismo, por não assentar a sua origem em palavra portuguesa, ao contrário do que sucede no francês, que o tirou regularmente com o auxílio do sufixo *-ique* do colectivo *feérie,* que por seu lado provém de *fée,* a nossa *fada.* Ora, como o português não possui nenhum adjectivo, derivado dêste nome com igual ou diferente desinência, temos de investigar da existência de outros nomes equivalentes àquele donde possamos tirar um qualificativo de sentido igual; êsses são *maga* e *feitiço,* de aí *mágico* e *feiticeiro.* A propósito do étimo do último dêstes nomes recordarei o que já tantas vezes tem

sido explicado, que *fetiche,* que pulula nos livros, sobretudo dos que se ocupam dos manipansos dos pretos, é forma que os franceses tiraram do nosso *feitiço,* que é o seu genuíno correspondente em português.

Ainda hoje, ao ler uma fôlha diária, que aliás prima pelo esmero que põe no uso da linguagem, encontrei *travestido* e *chagrim.* Creio que o segundo dêstes termos não será de absoluta necessidade e que, comquanto de sentido genérico e portanto sem a particularidade de designar a qualidade de granulado que o distingue, poderá substituí-lo o nosso *coiro;* quanto ao primeiro êsse é inteiramente escusado, pois temos *disfarce,* que é português de lei.

Quási que dia a dia lemos nas gazetas *abordar (alguém* ou *um assunto),* contràriamente ao uso dos nossos clássicos que, como se pode ver em Morais, se serviam de tal verbo só no sentido de, consoante a sua origem, *aproximar de outra a borda de um navio* e de aí, *assaltar, acometer;* o francês, que àquele sentido deu amplitude a que não chegou a nossa língua ou seja o uso dos que bem falam, substituimo-lo em tal caso por *chegar-se, dirigir-se, aproximar-se,* quando se trata de pessoas, e *tocar, tratar, versar,* etc., se o objecto sôbre que recai a acção do verbo são os substantivos *assunto, sciência, questão* ou outro nome de sentido equivalente.

Quem há aí que, ao referir-se à vidraça onde se expõem as fazendas nas lojas (Morais) lhe não

chame *montra?* Ora, se o verbo donde se tirou êste derivado é em português *mostrar,* segue-se que àquela forma corresponde *amostra,* como, segundo o citado dicionarista, antes se dizia, ou *mostrador,* que é o que hoje se lhe chama em boa linguagem.

Quási tôda a gente denomina *croquis* a representação pelo lápis ou pincel das partes dum objecto (sítio, figura, etc.), que mais dão nas vistas, isto é, ao seu aspecto geral; tal vocábulo é escusado, porquanto a nossa língua tem *esbôço* ou *borrão, rascunho, bosquejo,* que o substituem perfeitamente.

Mas, a par dêstes e tantos outros que seria longo enumerar, galicismos há cujo emprêgo tanto mais se insinua na fala ou na escrita quanto a sua forma externa menos os denuncia logo à primeira, pondo-nos de sobraviso; são aquelas expressões que, constituídas por palavras genuìnamente portuguesas, no seu conjunto se não harmonizam com o génio da língua; tal é, por exemplo, o emprêgo da preposição *em* ou *por,* em vez de *de* em frases como estas: *tingir em preto, estátua em marfim, bronze, etc., respeito pelos velhos, etc.;* da locução *de maneira* ou *modo,* seguida de infinitivo, em lugar da conjunção *que* e verbo no conjuntivo; a omissão da preposição *de* nos nomes de ruas, praças, etc., contràriamente ao uso antigo, que ainda perdura, a par do moderno, e tantos outros casos, entre os quais deve, a meu ver, entrar também a expressão *a quando,* que adquiriu já bastante voga e se me

afigura imitação de frases francesas parecidas, como esta, por exemplo: *au temps de ma jeunesse.*

É escusado encarecer a importância do assunto, que aqui verso apenas pela rama, e o cuidado extremo que devemos pôr na nossa linguagem todos quantos conversamos com o público oralmente ou por escrito, lembrados de que o exemplo é o que mais cala no ânimo e que o meio pelo qual um povo melhor afirma a sua independência é o uso da linguagem própria, a de que se serviam os seus antepassados e lhes foi transmitida de geração em geração; substituirmos pela dos outros a que herdamos é em certo modo renunciarmos ao modo de ser e pensar que nos caracteriza e define, para assumirmos o dos outros, por vezes tão diferente; é, numa palavra, uma escravatura, tanto mais indigna quanto nos não foi imposta pela fôrça, mas aceita por nós sem o mínimo sinal de protesto ou revolta.

II

Um caso de confusão de vocábulos

É ponto assente hoje pelos modernos etimólogos que, para se poder achar a verdadeira origem duma palavra, convém investigar tôdas as formas que ela há tido, entre as quais são de maior importância as mais antigas, como mais próximas da primitiva fonte. Com efeito, as transformações fonéticas por que, no decorrer do tempo, os vocábulos vão passando, fazem que uns se confundam com outros, sobretudo quando se encontram nêles sons comuns ou parecidos, pois, não vivendo isolados, naturalmente se influem uns aos outros, fazendo até que, devido a isto, a sua antiga ou primordial significação seja alterada.

Foi o que, a meu ver, aconteceu, por exemplo, com o verbo «arrebanhar». Consultando os dicionários, vejo que a sua quási totalidade, sem excluir o do próprio Adolfo Coelho, tem o termo como derivado de «rebanho», e nessa suposição definem-no com Morais «meter em rebanho, juntar o reba-

nho: v. g. arrebanhar «as ovelhas». CARD. D. e B. P. (isto é, *Dic. Lat. Port.,* por Cardoso e Bento Pereira, *Prosódia)* e fig. arrebanhar a gente: «irado noto as nuvens «arrebanha» adensa: «o fresco norte das ondas «arrebanha» a «carneirada»; reunir, juntar».

Na bôca do povo tal vocábulo sôa «arrabanhar»; o «a» por «e» podia atribuir-se à influência do vizinho «r», caso que se observa freqüentemente (cf. «maravilha», «rainha», «varrer», etc.), mas a significação que êle lhe dá, pelo que tenho ouvido, é a de «arrebatar», que aliás vejo perfilhada também por Bento Pereira, que, no seu *Tesouro da Língua Portuguesa,* ao citar «arrebanhar», remete para «arrebatar» e no seu *Dic. Lat.* traduz aquele por *harpago* e êste por *arripio, corripio, eripio.*

Ainda aqui, como não raro sucede, é o povo que tem razão, como passo a provar. No «Livro dos Bens de D. João de Portel», dado a lume pelo «Arquivo Histórico Português», leio a páginas 140, da respectiva «Separata», nada menos que estes três passos: «Quem quer que gaado casandeiro penhorar ou fezer *arabĩar* peite LX soldos ao senor da terra e dobre o gaado a seu dono...» «Mandamos e outorgamos que, se alguem for ladrom e, se já per hũu ano ou per dous leixou a furtar ou *arrabĩar,* se por algũa cousa for demandado daquelas cousas que a fazer soya asalve-sse assi come ladrom... E se algũu homẽe filha alhẽa *arabĩar*

contra ssa võotade dê ela a seus parentes e peite a eles CCC maravedis e a VIIª parte ao senhor da terra e sobre tod'esto seja omeziã.» Dos próprios textos e da sua correspondência no latim da época [1] vê-se que *arrabĩar* era verbo sinónimo de *furtar* e salta logo aos olhos de quem estiver um pouco familiarizado com a nossa fonética histórica que tal vocábulo representa uma evolução do baixo latim *rapinare* [2] ou *rapinar,* como hoje se diz. De *arrabĩar* fêz-se *arrabinhar,* sendo até possível que por aquela grafia se reproduzisse esta pronúncia, por quanto nos documentos do tempo é freqüente a representação pelo til ou *n* de *nh,* isto é, do *n* palatal, assim: *menĩo, nĩo, sobrĩo, vĩo, señor,* etc. A passa-

---

(1) Assim nos Forais de Évora (anno de 1166) e de Seda (1271): Quicumque ganatum domesticum pignoraret vel rapere fecerit pectet LX solidos ad palacium et duplet ganatum a suo domino («Leges et Consuetidiues» nos *Portug. Mon. Hist.,* pag. 393 e 721); no de Évora: Mandamus et concedimus quod si aliquis fuerit latro et si iam per unum annum vel duos furari vel rapere dimisit, si pro aliqua re repetitus fuerit quam comisit salvet se tanquam latro... Si aliquis homo filiam alienam rapere extra suam voluntantem donet eam ad suos parentes et pectet illis CCC morabitinos et VIIª ad palacium et insuper sedeat homidida (Id. pag. 393).

(2) Da raiz *rap* mais o sufixo *ina* formou o latim o substantivo *rapina,* que em português teria dado *rabinha* ou *ravinha,* como em francês deu *ravine,* que passou para nós sob a forma *ravina;* ao nosso antigo *arrabĩar* corresponde na mesma língua *raviner;* um e outro supõem um *rapinare* no baixo latim, tirado daquele substantivo.

gem de *arrabinhar* para *arrabanhar,* ou seja de *i* para *a,* precedida provàvelmente pela de *e,* em razão da sua atonicidade, foi motivada pelas vogais que o antecedem e seguem, às quais se assimilou. Depois os eruditos, na falsa ideia de que o verbo procedia de *rebanho,* alteraram-lhe não só a forma, mas ainda o sentido, que sujeitaram à sua pretensa derivação, falsa portanto em vista do que, como disse, o povo lhe dá.

III

Congeminação de formas vocabulares

Há uma lei que sobreleva a quantas regem a fala humana e pode em rigor chamar-se a mãe de tôdas as outras, que dela tomam origem — é a do menor esfôrço. De modo irresistível, impelido por fôrça oculta, de cuja existência só pelos seus resultados é testificado e contra a qual apenas a consciência o leva por vezes a reagir, o homem faz passar por diferentes transformações os sons múltiplos e vários que compõem os vocábulos, sempre no intento, que aliás passa para êle despercebido, de tornar mais simples a sua emissão. Mas note-se que, à semelhança doutros fenómenos, essa simplificação é relativa, variando sobretudo com o grau de instrução, hábitos auditivos e outras causas. Daí resulta que o que para uns é mais fácil, torna-se para outros de dificuldade maior, como acontece, por exemplo, com as pronúncias *acarditar, númbaro, tumblo,* etc., que ouvimos ao povo e nós, os cultos, temos por mais difíceis do que as que usamos.

É que nós regulamo-nos pelo nosso ouvido e órgãos locutores, já afeitos a direcção especial, emquanto aquele segue os impulsos e inclinações da própria natureza. E que isto é assim prova-o o aparecimento dos mesmos fenómenos fonéticos em tôdas as línguas e em todos os tempos. Talqualmente os nossos analfabetos de hoje praticam a deslocação num e a inserção de fonema estranho nos outros dos três vocábulos mencionados, os gregos e romanos de outrora diziam v. g.: πορτι, σταρτος, a par de προτι, στρατος, αμβροτος (de α-μροτος) μεσημβρια (de ημερα), ανδρος (de ανήρ), *tarpezita, corcodillus,* ou *trapezita, crocodillus, emptus* (por *entus),* etc.

Como uns e outros, quando dois sons idênticos se encontram ou vizinhos ou muito próximos, fazemos desaparecer essa identidade, substituindo um dêles por outro da mesma família, ao passo que no caso contrário procedemos de modo inverso, tornando-os a ambos iguais, isto é, praticamos ora a *dissimilação,* ora a *assimilação.* Mas êsse facto realiza-se não raro dum modo que se nos afigura arbitrário, à falta de conhecimento de regras precisas que o dirijam, até hoje não encontradas e estabelecidas, de certo por ignorarmos ainda as condições em que muitas vezes se dava. Com efeito, a admitir-se que duas consoantes de diferente natureza, quando seguidas uma à outra, se assimilam sempre recìprocamente, por influência regressiva umas vezes, progressiva outras, não teríamos nunca no interior dos vocábulos grupos constituidos de modo contrá-

rio, nem veríamos aqui a lei realizada, mas inobservada ali, resultando daí a mesma palavra assumir duas formas diversas, uma que poderá classificar-se de regular, outra de irregular. Não abundam os exemplos, há-os contudo, como passo a mostrar.

Sempre que em latim uma dental estava precedida duma nasal, esta, se não era tal, passava à mesma família daquela, isto é, se labial ou *m*, tornava-se dental ou *n*, operando-se assim uma assimilação incompleta, como em *centum, sentina, eundem, septendecim*, etc., por *cemtum, semtina*, etc. Mas, quando as duas consoantes eram de igual natureza ou ambas dentais, isto é, *nd*, a assimilação podia ser completa. Parece, porém, que êsse processo era dialectal, peculiar ao osco e úmbrio, a julgar da grafia *úpsannam*, equivalente à latina *operandam;* mas que o fenómeno não era desconhecido do romano, mostram-nos as formas *dispennite, distennite, tennitur*, esta empregada, segundo Donato, por Terencio no verso 330 da sua comédia *Phormio*, aquelas por Plauto no *Miles Gloriosus*, e ainda *innulgem, Secunnus* e *Verecunnus*, que aparecem em inscrições provenientes da Itália do Sul ou seja de território onde dantes se falara osco. Acresce ainda que Probo, gramático do primeiro século, corrige no seu *Appendice* a pronúncia, de-certo popular, de *grunnio* em *gründio*. Outro gramático, mas posterior (4.º século), Diomedes, dá-nos esta valiosa informação: *grunnit porcus dicimus, véteres grundire dicebant.* A veracidade desta afirmativa, ou seja da maneira dupla de pronunciar o vocábulo, a

própria, *grúndio*, atestada pelo grego γρυζω, velho alto alemão *grunzian*, dinamarquês *grynte*, sueco *grynta*, inglês *grunt*, e a evolutiva, *grunnio*, é confirmada pela existência em francês das duas formas *gronir* (1) e *gronder* (antes *grondir*).

Outro exemplo da existência de duplas formas, a que conserva intacto o grupo *nd* e a que apresenta assimilação regressiva, dá-nos o vocábulo latino *verecúndia*, substantivo formado pelo sufixo *-ia* mais o adjectivo *verecundus*, que já vimos aparecer, como nome próprio, em inscrições, modificado por igual forma, e o mais interessante é o uso pelos mesmos povos de ambas as formas simultâneamente e por conseqüência das que delas evolucionaram, dando origem a dois vocábulos, um tudo nada diferentes. Foram êsses povos os que estacionavam na Gália e Hispânia, como no-lo demonstram os representantes do dito vocábulo *verecúndia* nas línguas que nêles reproduzem o antigo latim popular, aí falado. Com efeito, tanto na francesa como na castelhana e portuguesa (e portanto na galega) existem (ou já existiram) dum lado *vergonde*, (donde

---

(1) A substituïção de *grogner* a *gronir*, diz o *Dict. Gen. de la Langue Française*, de Thomas e Darmesteter, parece devida a influência de *grigner*, que tem sentido vizinho; as formas provençal, catalã e castelhana, isto é, *gronhir* ou *grognir*, *grunyir* e *gruñir* são idênticas à nossa *grunhir*, que atribuo a influência da 1.ª pessoa do singular do ind. presente; como o antigo francês, apenas com metátese do *r*, o nosso povo diz *gornir*.

os actuais *dévergondage, dévergondement, divergondé,* (*se*) *devergonder*), *vergüença* e *vergonça,* provenientes de *verecundia,* doutro *vergogne, vergoña* e *vergonha,* oriundos de *verecunnia.* É até curioso que no italiano predominou esta última forma, a atestar que a assimilação de que estou falando, tendo sido apenas peculiar a certas regiões, se estendeu depois a tôda a Romània ou seja aos povos que abraçaram a língua latina na sua forma vulgar.

Mas, a-pesar-de a leve divergência que as duas formas *verecundia* e *verecunnia* apresentavam, parece ter em todos aqueles povos persistido a consciência de que se tratava dum e mesmo vocábulo; daí o abandono posterior duma das suas evoluções. Assim, emquanto nós com os franceses, provençais, italianos usamos *vergonha,* a esta forma preferiram os castelhanos *vergüença,* devendo notar-se todavia que no francês de hoje ela foi suplantada por estoutra de origem germânica, *honta,* que também não era desconhecida do português, catalão e castelhano arcaicos, como o não é ainda do actual italiano e provençal.

Vemos, pois, como é que, em resultado dum processo fonético de certa freqüência, palavras que originàriamente tinham tido formas únicas vieram depois a tê-las duplas e como estas por sua vez deram origem a outras de sentido idêntico, não obstante a diferença, embora leve, que entre si manteem. Dá-se, a par dêsse, o caso também do mesmo vocábulo primitivo apresentar-se depois com aspectos vários, ainda que mais ou menos semelhantes entre

si, como os filhos dos mesmos pais que, possuindo cada um dêles feições que mais ou menos os distinguem, teem contudo o quer que seja de comum, que logo à primeira vista denuncia a sua qualidade de irmãos.

Verifica-se êste segundo caso em grande número de vocábulos que a língua possui hoje, mas desconhecia em épocas mais ou menos afastadas; entre tantos, mencionarei apenas *alienar, apreender, augurar, cátedra, sibilar,* que representam as formas que antes tinham tido os que lhes correspondem e são respectivamente *alhear, aprender, agoirar, cadeira, assoviar* ou *silvar.*

E o que acontece na nossa língua sucede também noutras; a tais vocábulos damos nós o nome de *divergentes* ou *alótropos* [1]. Resulta êste fenómeno da diferença de época em que uma palavra foi recebida na língua e portanto da sua maior ou menor ancianidade. É evidente que as mais velhas, tendo passado pela bôca de maior número de gerações, hão de, como tudo na natureza, apresentar vestígios dessa ancianidade, que as distinguem das que vieram após elas, com distância de tempo maior ou menor. Como aquelas proveem do povo, que inconscientemente e a pouco e pouco as alterou nos

---

[1] O leitor curioso encontrará no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Sciências, vol. X fascículo n.º 3, de pág. 812 a 860 um artigo meu, onde mais extensamente me ocupo não só destas formas, mas também das *convergentes.*

seus elementos constituitivos, por isso são conhecidas pelo nome de *populares;* as outras, que, propagadas pelos cultos, vieram por fim a ser acolhidas pelas camadas populares, onde sofreram modificações maiores ou menores, chamam-se *semicultas,* mas as que não passaram nunca do círculo restrito dos literatos, onde se confinaram, essas são as *eruditas* ou *literárias.*

É de primeira intuïção que, como os nomes comuns, os próprios deviam também sofrer — e sofreram realmente — idênticas modificações.

Ainda há pouco, numa série de artigos publicados na *Revista de Língua Portuguesa,* o sr. Ruy Barbosa, com a elegância e erudição que lhe são peculiares, demonstrou pelas citações apresentadas que, emquanto o fundador da Ordem Beneditina se chamou sempre *S. Bento,* os papas do mesmo nome eram conhecidos por *Beneditos,* nos vários documentos em que aparecem mencionados, aplicando-se, como êle diz «das duas formas, a mais literária, a forma latina, aos pontífices romanos, deixando a mais vulgar, a de sabor mais lusitano, ao grande santo, de celebridade muito maior no mundo e voga muito mais popular entre os fieis do que todos êsses papas.»

Nem podia deixar de assim suceder. O particípio latino *benedictus,* aplicado, como tantos outros adjectivos, a pessoas, se nesta qualidade ainda não existia entre os nossos antepassados, tornou-se certamente conhecido no século VI, em que apareceu o

santo fundador da referida congregação religiosa e com êle os seus frades, que logo se disseminaram por tôda a parte, inclusivamente no território que mais tarde veio a chamar-se Portugal. Aquele nome, portanto, recebido e adoptado pelo povo, devia com o decorrer do tempo ser tratado, nos seus elementos, como os que se achavam em igualdade de circunstâncias; daí as formas que tem tido entre nós e são: *Beento, Bento,* a par de *Beeito*. Esta última, que usa ainda, entre outros, Sá de Miranda, deve, a meu ver, ter-se desenvolvido na região que demora entre Douro e Minho e sobretudo na Galiza, onde a ressonância nasal se perdeu em muitos vocábulos que a conservam entre nós, e lá perdura ainda sob a pronúncia *Bieito*.

Mas o mesmo nome, quando se tratava de pontífices romanos não podia deixar de ter cunho perfeitamente literário, visto chegar até nós, na grande maioria dos casos, por documentos redigidos em latim ou, quando muito, em italiano, cuja forma popular *Benedetto* muito mais se parece com *Benedito* do que a nossa.

Para o povo, que só se regula pelo ouvido, os dois nomes soam-lhe como diferentes um do outro e de aí a distinção que estabelece entre ambos. E não admira que êle assim proceda, quando os cultos vão na mesma esteira.

Assim o tradutor anónimo da *Crónica da Ordem dos Frades Menores,* que deve ter vivido nos fins do século XIV ou princípios do XV, embora no original

latino tivesse lido em todos os casos *Benedictus*, verteu êste nome por *Bẽeto* ou *Bento* e *Beeito* (cf. vol. I, 41, II, 93), quando se tratava do conhecido santo [1] e por *Benedito* (cf. vol. II, 21, 40, 80, 100), se se aplicava a personagens diferentes.

Mas não foi só entre nós que êste nome entrou na fala do povo; receberam-no os italianos, que lhe deram a já citada forma *Benedetto;* adoptaram-no os castelhanos, que o evolucionaram em *Benito;* igualmente os franceses transformaram-no em *Benoît* e, contràriamente a nós, não fazem, que eu saiba, distinção entre o santo e os papas, o que tudo prova a grande popularidade que êle gozava em épocas passadas.

À similhança dêste, como aliás era natural, outros nomes apresentam variedade de formas, conforme também o seu contacto ou não com a plebe. Estão, por exemplo, neste caso, para só citar estes, os seguintes: *Dulce* e *Doce, Cipriano* e *Cibrão, Irene* e *Iria, Juliano* e *Juião* ou *Gião, Marcial* e *Marçal, Marina* e *Marinha, Pelágio* e *Paio*, etc., etc.

Hoje predominam as formas literárias, mas das populares algumas são ainda bastante vivas, todavia para o comum da gente passam ambas por inteiramente distintas.

---

(1) Uma vez apenas o denominou *Benito*, à castelhana, quiçá por influência ou de algum texto que tivesse presente ou de algum seu colaborador.

IV

A locução «par e passo»

Em um dos seus números dos princípios do corrente mês de junho o diário lisbonense, *O Dia,* referindo-se ao comandante do navio de guerra português, *República,* que tem acompanhado no seu glorioso vôo os aeronautas Gago Coutinho e Sacadura Cabral, afirmava ser êle «o mais graduado de quantos teem seguido *par e passo* a sorte dos heroicos aviadores».

Analisando êste modo de dizer e relacionando-o com a frase de que faz parte, vêmos que êle desempenha junto do verbo o papel de complemento circunstancial de modo, equivalendo por tanto a um ablativo em latim, caso êste que, como os demais oblíquos, foi nas línguas românicas, substituído pelo acusativo mais a preposição exigida pelo sentido. É sabido que a língua clássica, conquanto em geral nessas circunstâncias se contentasse apenas com o ablativo, por vezes empregava também a preposição (cf. *deos pura... mente et voce venerare debemus* e *cum labore operoso ac molesto moliri aliquid,* Cícero);

ambos os processos continuaram a ser usados na vulgar, predominando contudo o último. Acresce ainda que na locução de que me estou ocupando figura a palavra *par,* que originàriamente adjectivo, passou, como tantas outras, também à classe dos substantivos e a esta parece pertencer aqui, a ajuizar da copulativa *e* que a liga a *passo.* Mas em tal sentido é costume empregar-se a preposição *a* e assim diz-se *ir a passo, caminhar a par dalguém, isto está a par daquilo,* etc. Para que, pois, o modo de dizer *par e passo* ficasse regular e harmónico com frases idênticas e portanto com as leis sintáticas, parece que deveria corrigir-se em *(seguir) a par e a passo.* Verdade seja que, quando a mesma proposição se repete em complemento de igual significação, na maioria dos casos, só a antepomos ao primeiro substantivo, mas também não é raro fazê-la acompanhar o outro ou outros que se lhe seguem; depende isso da clareza e elegância (cf. *ferro e fogo,* a par de *a ferro e a fogo,* no Cant. 2, est. 80 dos *Lusíadas);* ora no caso de que se trata uma e outra exigem-na.

Vejamos agora por que motivo a preposição se omite e a razão do extravagante desta frase, que se me afigura de moderno emprêgo. O termo *par,* que nela se encontra, é um adjectivo e, como tal, serve de qualificar o substantivo ao qual portanto não póde estar ligado pela conjunção *e,* que evidentemente está aqui e mais. A sua razão de ser provém de uma falsa reprodução pela escrita da

locução latina *pari passu,* que sôa como se se dissesse *par e passo.*

Mas esta alteração, resultante do ouvido, feita à frase latina, não é sem exemplo e compreender-se há fàcilmente, se nos lembramos de que a transmissão dos sons e palavras se faz sobretudo pela fala e da diferença existente entre o órgão auditivo, como aliás nos restantes, de um indivíduo e o de outro. No caso estudado foi a representação por *e* de um *i* latino, em conseqüência da identidade de som dos dois fonemas, mas em *juro,* que entra na frase *de juro,* usada, entre outros, por Camões na estância 27 do canto 6.º, onde diz: *príncipe que de juro senhoreias,* o *e* final primitivo trocou-se em *o,* ou antes, em substituïção daquele *e,* que havia caído regularmente, como mostra a forma *jur,* peculiar à nossa língua arcaica (cf. no *Livro dos bens de D. Joam de Portel,* a pág. CXXXI, *cõ todo o jur real que eu en essas vilas e logares sobre ditos ey,* e na imediata *tolhemos de nós todo senhorio, jur, possissom e propriedade que auyamos),* ajuntou-se um *o,* talvez por falsa analogia com o verbo *jurar,* do qual há, pelo menos no povo, o regressivo *juro,* ao lado de *jura,* de sentido idêntico a *juramento.*

A propósito ajuntarei que da locução latina *de jure hereditário* ou portuguesa *de juro hereditário,* que se lê, por exemplo, em Arrais (cf. *Dic.* de Morais, 8.ª edição, s. v. *juro),* se fêz estoutra, *de juro e herdade,* produzindo-se assim uma *hendiadis,* de que os escritores gregos e latinos nos fornecem exemplos

(cf. em Homero Θάνατοό και πςτμος, em Virgílio *pateris libamus et auro,* etc.) ([1]).

Do exposto se vê que, se o povo ignorante altera os sons, consoante os seus hábitos e tendências naturais, também os cultos o acompanham por vezes, embora por forma menos completa e destrutiva.

([1]) Isto *é morte e destino* e *libamos por taças e ouro* em lugar de *destino mortal* e *libamos por taças de ouro* ou *douradas.*

V

A propósito dos vocábulos arcaicos «mainça» e «sengo»

Sabe-se que o povo é essencialmente conservador e tanto mais quanto maior o seu afastamento do convívio social. Se mesmo nos grandes centros o vemos arraigado aos usos e costumes que lhe foram transmitidos pelos antepassados, a despeito dos esforços dos seus pseudo-salvadores, que por tôdas as formas e feitios procuram arrancar-lhe do coração isso que classificam de restos do seu atraso em épocas passadas, pretendendo na sua inépcia destruir o élo que prende as gerações entre si, não admira que nos pequenos povoados aonde a moderna ilustração ainda não chegou, se encontrem bem mais visíveis êsses vestígios de outros tempos, por vezes bastante remotos. O que sucede com os usos e hábitos, modos de ser ou de trajar, acontece com a linguagem também. Vocábulos sôbre os quais se acumulou a poeira do tempo e que só por acaso se encontram nalgum velho cronicão ou antigo escritor continuam a viver entre o povo, quási com a mesma

pujança de outrora, como se os séculos que por sôbre êles teem passado não os tivessem atingido. Por vezes até a descoberta de um ou outro dentre êles serve de esclarecer-nos acêrca do sentido em que os antigos o empregavam e por isso grande serviço prestam à língua os que recolhem êsses restos de tempos idos, acordando-os, por assim dizer, do sono em que jaziam e injectando-lhes, em certo modo, novas fôrças pelo seu emprêgo na literatura.

Entre êsses vocábulos desaparecidos da fala de hoje, mas conservados com um quási religioso respeito pelas camadas populares, figura o termo *mainça,* que ocorre em três versões, pelo menos, da *Regra de S. Bento,* as que se encontram nos códices alcobacences, números 300 e 73 e laurbanense 32, guardados respectivamente na Biblioteca Nacional e Arquivo da Torre do Tombo de Lisboa. Com efeito diz-se lá... «Daqui se aleuantam e nascem enuejas, iras, batalhas, detraymentos e maldizeres, *mainças,* departimẽtos», etc., o que corresponde ao original: «Hinc suscitantur invidiæ, iræ, rixæ, detractiones, æmulationes, dissensiones», etc., de onde se vê que o seu sentido era o de *emulação* ou *rivalidade,* e de aí as desavenças que naturalmente a acompanham.

Tal palavra não se acha arquivada nos vocabulários, nem mesmo no de Cândido de Figueiredo, mas sim *maiça,* que, precedida de *mal* ou seja *malmaiça,* é usada por Gil Vicente e Simão Machado nas suas respectivas comédias, *Cortes de Júpiter* e *Pastora*

Alfea. A mesma forma, segundo Castilho, aparece na locução *andar com alguém á malmaiça,* que o mesmo ou Cândido de Figueiredo interpreta por *andar de rixa com alguém* ou *às bulhas,* para me servir das palavras do *Grande dicionário* de Fr. Domingos Vieira. Na região de Alcanena e Minde, como me informa o dr. Joaquim da Silveira, igual forma vive ainda e com sentido idêntico, porém o seu segundo elemento sôa aqui com o nasalmento que tem nas citadas versões, isto é, *malmainça.* No Minho, pelo menos em Gondim, terra da sua naturalidade, diz-me o meu erudito colega e amigo, dr. José Maria Rodrigues, existe a mesma expressão, com sentido muito aproximado do que lhe dão os citados intérpretes, isto é, *contrafeito, de má vontade, sem gôsto,* porém sob a forma *malmiçe,* um tanto divergente.

Abstraindo do primeiro componente *mal,* em que o *l* se conservou, por se não encontrar entre vogais, ao contrário de *mau* e *má* (cf. os arcaicos *malpecado, malgrado,* a par de *mau-pecado, mau-grado)* e deve ser êste mesmo adjectivo na sua forma feminina, a meu ver, com o sentido de *muito, grande* (cf. *malferido,* [1] etc.), o segundo deve representar o latim *malitia,* que, além da forma literária *malícia,*

---

[1] Note-se que o *mal,* que aqui entra, representa o advérbio latino *male,* como em *male rauci,* muitíssimo roucos ou *male metuo,* receio bastante, etc.

da semiliterária *maleza,* teve a verdadeiramente popular *meiça,* citada, por J. Cornu, no § 130 da sua *Grammatik der Ptg. Sprache.* Mas, ou ao lado desta, em que a vogal átona se aproximou da tónica, (cf. *beijo, queixo,* etc.), existiu a forma *maíça* ou daquela proveiu esta (cf. pop. *tanazes, samear,* etc.), o certo é que da última, por influência da nasal (cf. *min, mensageiro,* etc.), resultou *mainça;* quanto a *mice,* afigura-se-me que ela terá resultado de *meíça* pela absorpção do *e* átono pelo *i* tónico ou antes da sua assimilação (cf. *mestre, pombo,* etc.); o *e* final, em vez de *a,* é possível que tenha origem nos nomes assim terminados, como *velhice, sandice, tolice,* etc.; a não admitirmos em latim a existência de uma forma *malitie,* como *laetitie,* a par de *laetitia.*

Do que deixo dito vê-se que pouca ou nenhuma diferença existe, quanto ao sentido, entre a forma simples *maíça* ou *mainça* da *Regra de S. Bento* e a composta *malmainça,* pois ambas são sinónimas de *rixa;* quando muito, esta terá visto reforçada a sua significação pelo acrescentamento do adjectivo *mal,* na acepção, como disse, de *grande,* acepção, que julgo a mesma já possuía na locução latina *mala malitia,* que Plauto empregou na sua comédia intitulada *Aulularia;* êsse refôrço contudo parece ter perdido grande parte da sua primitiva intensidade na *malmice* do Minho.

Entre as muitas palavras desaparecidas do uso da língua, figura *sengo,* de emprêgo bastante vulgar, sobretudo no século XVI, como se deduz dos muitos exemplos, colhidos em escritores daquele tempo, que, na revista alemã *Zeitschrift,* vol. VII, 195, onde dela se ocupou, apresenta D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Eis alguns:

Gil Vicente, na sua farsa, *O Juiz da Beira,* põe na bôca do preguiçoso estas palavras: «Diz o *sengo* sabichoso: Bem he ás vezes falar».

Jorge Ferreira de Vasconcelos serve-se dela várias vezes nas suas comédias *Ulissipo, Aulegrafia* e *Eufrosina*; Camões igualmente em suas composições de gracejo, como são *Os Disparates da Índia* e a comédia *Anfitrião.* D. Francisco Manuel de Melo utiliza-a também nas suas *Obras Métricas,* como mostra êste passo, afora outros: «Nem êle o triste mostrengo lhe há de valer o ser *sengo*». Do emprêgo mais moderno dêste vocábulo o único exemplo que conheço é de Francisco de Pina e de Melo (1695-1773) na sua *Bucólica* ou *Ética pastoril*... «o *sengo* dizia: que era a maior valentia vencer-se um homem a si mesmo».

Anteriormente ao século XVI não tenho ideia de o haver encontrado; se existia, como é de supor, não estava em uso, talvez por ser tido como vocábulo baixo e portanto indigno de entrar em composições de carácter sério, religiosas ou instructivas. Segundo informa Morais no seu *Dicionário,* Duarte

Nunes de Leão, na sua *Origem da linguagem portuguesa,* tinha-o por termo plebeu e esta opinião parece confirmada pelo uso restrito que dêle se fazia.

Vê-se dos passos onde aparece que era um adjectivo biforme e, como tantos outros, podia também exercer as funções de substantivo; a sua significação era a de «prudente, sábio, atilado, avisado, sabedor» e também de «sonso, dissimulado (Morais) ou «o que obra calando», como informa Fr. Domingos Vieira, que acrescenta «ser usado na província da Beira». Quanto à sua origem, a citada romanista, tem-no como representante de *Séneca,* o conhecido filósofo romano, oriundo da Espanha (Córdova), onde o seu nome se tornaria tão conhecido que chegaria até ao vulgo, e essa opinião eu próprio segui na minha *Gramática Histórica,* admitindo, porém, a sua troca por um hipotético *Senecus.* Há dias, passando pelos olhos um dos volumes da *Antologia Portuguesa,* com que o seu editor, dr. Agostinho de Campos, muito louvàvelmente se propõe divulgar o conhecimento da nossa tão rica quão formosa literatura, *Camões lírico,* dei, a pág. 226, com um pequeno artigo sôbre o termo em questão no qual se resumia o de D. Carolina Michaëlis, e essa circunstância levou-me a estudar um pouco o vocábulo, de que nunca mais me lembrara, e, apesar da ilimitada admiração que consagro a quem, como a ilustre senhora, tão brilhante posto ocupa na sciência filológica, de que é um dos mais brilhan-

tes luminares, a divergir um tudo-nada da sua opinião (1).

Não creio que o nome do famoso filósofo penetrasse nas camadas populares a ponto tal que se tornasse o símbolo da sisudez e prudência; para o vulgo os homens de sciência passam sempre ignorados; fora do reduzido círculo dos cultos, e nem sempre todos, ninguém mais os conhece. Isto que se dá hoje, deveria dar-se também naquele tempo.

Posta de parte a hipótese, como nada provável, de que *sengo* tenha resultado de *Séneca*, tanto mais que seria necessário crer que o povo alterara por outra masculina ou criara uma dêste género a sua terminação, de aspecto feminino, devemos procurar a sua origem noutra parte, não no nome próprio, mas no comum de igual procedência. Para exprimir a ideia de *velho*, tinha a língua do Lácio, além de outros, o adjectivo *senex*, cujo comparativo *senior* se transmitiu às suas descendentes, mas como substantivo. Ora, a forma *senex* ou *senecs* resultou certamente de outra mais antiga, *senecus*, pelo mesmo processo que de *agros*, *pueros*, etc., se fêz *ager*, *puer*, etc. Mas o evolutivo *senex* não matou o primitivo *senecus*, que continuou a viver ao lado dêle, facto que não é sem exemplo nas línguas, ora mantendo o *e* primitivo, como no cognome do filósofo, que o rece-

(1) É escusado advertir que isto foi escrito ainda em vida da referida senhora.

beu provàvelmente de alguma das suas antepassadas, ora, passando-o, pela sua qualidade de breve, a *i,* isto é, *senicus,* forma que existiu nos dois géneros, quer como adjectivo, quer como substantivo, e no 1.º caso deu o comparativo *senicior,* segundo Freund, e no 2.º *senica* e o diminutivo masculino *seniculus,* usados respectivamente por Pompónio e Apuleio (1). Do que nos ensinam as línguas românicas, que, além das formas do comparativo, apenas nos subministram *senega* (provençal) e um derivado *ensenegar* (2), sou levado a crer que o povo, usando embora o comparativo *senior,* no positivo só conhecia o mais antigo *senicus.* Segundo a evolução regular, esta forma daria primeiro *sénego* e depois *sengo,* como de *domínica* saiu *Menga,* que hoje, por influência do semiliterário *Domingos* (e também *Domingo,* nome próprio ou comum), dizemos *Domingas.*

Assim, pois, temos que a primeira significação de *sengo* foi *velho,* as outras vieram desta, como suas conseqüências. Com efeito, entre as qualidades atribuidas, ou melhor, que se consideram atributo da velhice, figuram em primeiro lugar a *madureza,* a *prudência,* a *sensatez,* como resultantes da expe-

---

(1) Santos Saraiva, no seu *Dicionario Latino Portuguez,* regista também as formas acima indicadas, isto é, *senica, senicus, senicior* (que abona com *Notae Tironis)* e *seniculus.*

(2) Talvez se devam considerar o sardo *seneghe* e o tront. *seneghir* antes como provenientes de *senicus* do que de *senex,* como os dá Körting no seu *Lat. Rom. Wörterbuch.*

riência dos muitos anos vividos. Assim é que o povo atribui a grande sabedoria do diabo à sua muita idade. Ainda resultado dessa experiência é o segundo sentido de *sonso, dissimulado,* que se diz ter o vocábulo também. Em D. Francisco Manuel de Melo há um passo que abona perfeitamente a primeira significação, quando êle diz nos seus *Apologos Dialogaes,* pág. 65: «Por onde aqueles *sengos de Athenas* prohibiam em lei aspera...» Ressalta logo à primeira vista que o escritor tinha em mente os *Seniores*, que compunham o *senado* Romano, ou os *Gerontes* de Atenas. E que outra coisa são *reprehensões sengas*, *conselhos sengos*, a que se refere Jorge Ferreira de Vasconcelos na *Eufrosina,* se não repreensões, conselhos como os que soem dar os velhos? O mesmo serve-se do termo como sinónimo de *velho*, quando na *Aulegrafia* diz: «Mas ao *velho sengo*, que viu o que passou e vê o que ora corre difficil é não escrever satyra». Retire-se à expressão qualquer dos dois vocábulos e ver-se há que o seu sentido fica completo, pois basta ser velho, ainda sem o atributo de *avisado*, para reconhecer a diferença para peor que nessa idade sempre se nota. Em Sá de Miranda ocorre a expressão *bem diz o bom sengo antigo* como variante de *bem diz o enxempro* (ou, como dantes se dizia, *vervo antigo*), na qual, a meu ver, se dá a mesma sinonímia. Os textos levam-nos, pois, a admitir que *sengo*, a princípio, tinha sentido idêntico a *velho*, especialmente quando se empregava como adjectivo, vindo depois a adqui-

rir o de *homem experiente*, *ajuizado*, quando usado só, isto é, na qualidade de substantivo. O que é de estranhar é a sua reduzidíssima representação em romance, pode contudo suceder que falas populares, ainda não recolhidas, o contenham, mas, admitindo mesmo que tal se não dê, o facto, a meu ver, tem explicação na existência de sinónimos como *antianus*, *anticus*, *vetulus*, que o suplantariam.

Não me parece contradizer a minha opinião sôbre a proveniência de *sengo* o modo de dizer *falar séneca*, que ocorre na referida comédia *Ulíssipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Estou persuadido que o autor, ao empregá-la, queria apenas indicar assim certa linguagem sentenciosa, parecida com a que empregara o escritor romano, não suspeitando sequer que do seu nome tivesse vindo *sengo*, de que várias vezes usava. É possível até que a expressão verdadeira tivesse sido *falar á Séneca*, tendo por descuido dos impressores, caído o *á* de que ainda nos servimos em locuções similares.

P. S. — Depois de escrito êste, a sr.ª D. Carolina Michaëlis, a quem o comuniquei e teve a gentileza de o aprovar, dignou-se informar-me de que Gaston Paris expendera na *România* opinião igual à minha.

VI

Os maiores nomes

Para todo o indivíduo normalmente constituido, isto é, com cérebro e coração que funcionem com regularidade, entre os inúmeros vocábulos da fala humana há dois que a todos os demais sobrelevam, não pela sua extensão, mas pelo que compreendem, os maiores na verdade pela doçura que encerram, pelos sentimentos que despertam, pelas lembranças que evocam e pelos tesouros de afecto que nêles se guardam, como em cofre precioso. Estou daqui a ouvir dizer ao meu leitor que êsses nomes são os com que designamos os nossos progenitores. E assim é na verdade. Que de encanto não tem para nós a palavra *mãe!* Parece que só com pronunciá-la uma onda de ternura nos inunda a alma. Para os que teem a felicidade de a possuir ainda afigura-se êle como o abrigo aonde se recolhem no meio das tempestades da vida, ora para as esquivarem no auge do seu furor, ora para se encherem de coragem, para as arrostar e não sossobrarem sob as suas fortes lategadas; para os que a perderam, são

fundas saüdades que lhes espicaçam os corações, saüdades do seu afecto sem igual, das suas carícias sem par, das suas palavras de ternura sem fim. E quantos desvelos não andam unidos ao nome de *pai!* Pelo nosso espírito perpassa, ao pronunciá-lo, a aflição que nas suas faces se pintava, sob o terror de perder-nos, quando a doença nos acometia, o seu desejo imenso de nos procurar um futuro o mais risonho possível, a trôco ainda dos seus descómodos e privações, e a sua satisfação incomparável, se chegou a ver realizados os sonhos de felicidade que para nós a sua alma acalentara com tanto amor. Verdade, verdade, não há gratidão possível, não há acções que paguem, não há palavras que sejam condigna recompensa do que devemos a uma e ao outro; é dívida essa impossível de saldar-se. E que de vezes, santo Deus, bem pelo contrário tanta solicitude, tanta dedicação veem por fim a ser retribuidas de maneira a mais descaroável, com esquecimento de tamanhos sacrifícios e, o que mais é, com acerbos e pungentes desgostos. Que grande verdade se encerra no adágio: «Um pai (*uma mãe* dizia, talvez com mais propriedade, a que me deu o ser) para cem filhos e não cem filhos para um pai». É que da sua longanimidade e abnegação ao nosso reconhecimento vai uma distância imensa. Mas o que as nossas vilanias não podem é deslustrar a beleza dêsses dois nomes, que, como se houvessem sido criados por Deus e recebido dêle uma parcela das suas qualidades divinas, continuam a guardar

intacta a mesma doçura que tinham no instante em que pela vez primeira sairam dos lábios do homem; após tantos milhares de anos nada ainda perderam do seu poder magnético. Que de séculos decorridos desde que o indo-europeu os inventou até hoje! E, contudo, a sua significação permanece a mesma. Tantas bôcas que os teem proferido, quantos os indivíduos sem conta, pertencentes aos vários ramos em que aquele primitivo tronco se scindiu, o mais que conseguiram foi alterar-lhes, e ainda assim bem pouco, a sua forma externa, sem de qualquer modo atingirem a sua essência. As variadas fases por que êsses mesmos povos hão passado, desde a selvajaria à mais requintada civilização, nada lhes roubaram da sua primeira suavidade, quando muito ter-lhes hão depurado talvez o conceito. Balbuciados pelos infantes nas selvas germânicas ou proferidos pelos adultos gregos e romanos nos seus salões, soavam para todos êles, como para nós hoje; a ideia permanece a mesma; só o vestido que a envolve é que sofreu uma leve alteração, como vamos ver.

Parece que as mais antigas formas teriam sido *ma* e *pa,* termos infantis, a que depois se adicionaria o sufixo *tar,* que àqueles se prendeu indissolùvelmente, sofrendo apenas com êles leve alteração nas suas vogais; assim temos *mater* (ou *meter*) e *pater* em grego e latim, *muoter* e *fater* em velho alto alemão, *modor* e *foeder* em anglo-saxónio, etc. Nas línguas românicas, que é o que a nós mais nos inte-

ressa, o *t* abrandou, donde *madre* e *padre,* comuns à grande maioria delas, sem excepção da nossa, em que foram as únicas provàvelmente até ao século XV, a julgar dos textos. Surgiram então *mai* e *pai,* correntes no século seguinte, como se vê em Bernardim Ribeiro [1] e outros escritores, mas na primeira destas formas, que ainda vive em galego, a par de *nai,* resultante por dissimilação da expressão *minha mai,* o *m* não tardou em influir na vogal imediata, nasalando-a, como aliás ainda o faz na bôca do povo, que diz *manjor, menza, munto,* etc. Mas os anteriores *madre* e *padre* não desapareceram, o que lhes sucedeu foi restringirem-se na sua significação, passando a ser tomados em sentido espiritual, tanto naquelas formas simples (*madre,* tratamento dado às freiras, *Santa Madre Igreja, padre*) como nas derivadas *(madrinha* e *padrinho).*

Na linguagem infantil aqueles primitivos monossílabos continuaram a perdurar, mas na maioria das vezes duplicados, e com certeza a graça que lhes achamos e o prazer com que hoje ouvimos os pequeninos chamar *mamã* e *papá* devem ser os mesmos que os gregos, romanos e outros povos da antiguidade experimentavam, quando os seus filhinhos lhes davam os nomes da *mamma* e *papa* ou *pappa* [2].

---

(1) Cf. a edição das suas obras e das de Cristóvão Falcão por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

(2) Outra forma infantil, mas aplicada exclusivamente ao pai, era *tata,* que pela sua existência em tôdas as línguas do

E como o espírito humano é estruturalmente o mesmo! Desta última expressão servem-se as crianças hoje, como no passado, para pedir alimento. Dir-se-ia que nas nossas almas, desde o primeiro momento da sua existência, se veem perpetuando, através as gerações, as mesmas imagens, os mesmos fonemas, como cera em que fôssem marcados. Mistério insondável da natureza!

Como acontece com a maioria dos vocábulos, o sentido dêstes não tardou em ampliar-se. De simples exclamações ou palavras infantis, como geralmente se interpretam, ambos passaram também a ser tidos na conta de equivalentes a progenitores, chegando mesmo a dar-se a seres sem vida, considerados emquanto causa produtora de qualquer efeito. Ora, porque tôda a vida promana do princípio criador que denominamos Deus, não é de estranhar que o homem lhos aplicasse igualmente e daí vem que,

---

grupo deve ascender aos primitivos indo-europeus; como *papa*, vive ela nas línguas românicas, sem exclusão da nossa, onde até chegou a constituir apelido. O italiano possui ainda outra forma hipocorística *babbo*, que deve ascender ao antigo itálico, a julgar de formas parecidas existentes noutras línguas, provenientes do primitivo indo-europeu, como se pode ver em Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, s. v. *babit* e Boisacq, *Dictionnaire Etymologique de la langue grecque*, pág. 111. Numa revista francesa, cujo nome não fixei, li em tempo que os Índios do Amazonas dão à serpente *boa* o nome *yacou-mama* ou *mamã da ribeira*, donde depreendo que o nome tem extensão maior que as línguas chamadas indo-europeias.

como os Romanos e Gregos, sem falar noutros povos, em suas invocações, chamavam *Mater Magna* a Cibele, de quem criam ser filhos os deuses, e *pater* a Jove, nós imploramos a protecção da Mãe de Cristo, sob o nome de *Mãe Santíssima,* e a Deus dizemos *Padre nosso que estás no céu,* expressão que vale tanto como *Júpiter* ou *Zeus pater.*

Também para os antigos, como actualmente para os modernos, o tratamento de *mãe* e *pai* era dado igualmente às pessoas que olhavam com respeito e familiaridade. Assim, entre outros exemplos, citarei os de Ulysses e seu filho Telémaco, que tratam aquele por mãe a velha ama Euriclea e êste por pai o porqueiro Eumeo (*Odysséa,* XIX, 500 e XVI, 57), e a quem já leu a *Eneida* de Virgílio não deve ter esquecido o *pater* Eneas. Neste ponto é que o costume diverge, pois, emquanto os franceses ainda o manteem, o nosso povo apenas aos pretos trata por *pai* ou *paizinho;* fora dêsse caso usa *tio* e *tiozinho,* e ainda *mano.* Mas esta última expressão parece mais peculiar aos alentejanos e algarvios, que igualmente se servem daquela, se bem que o seu emprêgo conte já séculos, como se vê dos exemplos, dados pelo Morais e extraídos do *Cioso,* de António Ferreira, e da *Ulíssipo* e *Aulegrafia,* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, tudo comédias e como tais de género caracterìsticamente popular. Já antes dêles Gil Vicente havia empregado o mesmo tratamento, como se vê dos passos seguintes, escolhidos entre os muitos que nas suas obras fervilham e nos quais

se vê claramente que a palavra *mano* se toma não no seu sentido próprio, mas com significação respeitosa. Assim, na *Exhortação á Guerra,* o clérigo, entre os nomes significativos da simpatia que lhes vota, como *irmãos*, *compadres*, *primos* (que ainda valem por tais), *amigos*, para que lhe não façam mal, trata de *manos* os dois diabos, Zebron e Danor. Na *Romagem d'Aggravados*, Marta chama *mano* a frei Paço e *mana* a Branca. Mais adiante pregunta Hilária: «Juliana, que faremos?» a que esta responde: «Bofé, Hilária, não sei», retrucando-lhe aquela: «Sabes, *mana*, que eu farei?» No *Clerigo da Beira*, igual tratamento dá Duarte a Almeida. E a bêbeda Maria Parda, no seu pranto, lá relembra com infinda saüdade o tempo em que, convidando-a a molhar a güela, lhe diziam a todo o momento: «mana, bebamos».

Lembrarei ainda que as pessoas idosas costumam ser tratadas de *avô*, sobretudo no diminutivo, tanto da predilecção do nosso povo.

VII

«Traviata»

Assim se chama, como tôda a gente sabe, uma das muitas produções deliciosas do engenho musical do grande compositor Verdi com que a companhia italiana, que funcionou êste ano no nosso Coliseu, proporcionou noites de supremo gôzo aos apaixonados pela arte do *belo canto;* também não ignoram, pelo menos os que já a ouviram, que o respectivo libreto foi por Piave extraído do célebre romance de Dumas, filho, a *Dama das Camélias,* no qual o seu autor se propusera, como já o havia feito Vítor Hugo, com o seu drama, intitulado *Marion Delorme,* demonstrar que a mulher que uma vez se deixou enredar nos laços da perdição pode ainda reabilitar-se ao sôpro duma afeição pura, partindo ambos os escritores de dois modelos vívidos, um no século XVII (1611-1659), outro contemporâneo do autor e que tiveram, aquele o mesmo nome que Vítor Hugo deu à sua peça, êste o de Maria Duplessis, o que porém a muitos dos espectadores escapará é que o título da ópera, traduzido em por-

tuguês, quer dizer o mesmo que «Transviada», com que se quis assim crismar a protagonista. É mais um caso de traslação ou metáfora, um dos vários tropos de que freqüentemente nos servimos.

Na mente humana a virtude tornou-se numa espécie de estrada ou caminho e portanto de quem uma vez deixou de continuar a praticá-la diz-se que saiu fora do caminho ou se *transviou* umas vezes, outras *se perdeu* ou *errou*. É uma *perdida!* ouve-se a cada passo a propósito da mulher pecadora; no mesmo sentido também se dizia antes *errada* e ainda damos o nome de *êrro* ao *afastamento* da verdade que se produz tantas vezes no nosso pensar.

Todos conhecem a linda parábola de Cristo, na qual se fala do pastor que deixou as 99 ovelhas do seu rebanho para ir em busca de uma que se perdera. É a *ovelha desgarrada*, como denominamos, principalmente em sentido religioso, aquele ou aquela que se afastou dos preceitos da moral e da religião, denominação esta que, sem dúvida, tomamos do francês, substituindo porém a *brebis* pela nossa *ovelha*.

De uma pessoa que fala coisas sem nexo continuamos com os Romanos a dizer que *delira*. Ora, *delirar* pròpriamente significa afastar-se da *lira*, como êles designavam também o *sulco;* era portanto um termo tirado da agricultura, que tantos outros produziu, o que não admira, tendo ela sido a princípio a sua principal ocupação. Depois que se inventou o caminho de ferro, criou-se o verbo *descarrilar* ou

sair fora dos carris; tal verbo emprega tôda a gente também em sentido figurado com significação igual à de *errar*, *transviar-se*, *perder-se*. Daquele que nem descarrilou, nem se transviou ou errou, afirmamos que o seu espírito funciona regularmente; tal qual o corpo, quando não é atacado por qualquer doença, consideramo-lo portanto um espírito *são*, se porém as faculdades *descarrilam*, tornou-se *insano* e tal estado classificavam os Romanos de *insanitas* ou *insânia*. Em geral as doenças mentais são acompanhadas de acessos de fúria; daí resultou transformar-se entre nós a *insânia* em *sanha* que, se não é especial daquele a quem tal desgraça acometeu, muito aproxima dêle quem dela se deixa arrastar.

Sinónimo de *insânia*, que pertence exclusivamente à língua literária, é *folia*. Verdade seja que hoje empregamos êste vocábulo quási só no sentido de dança alegre, viva e desenvolta, própria de quem perdeu o juízo, mas a antiga língua usava-o ainda com a significação de *loucura* que, a par daquele, tem em francês. Mas folia é ainda um derivado de *fol*, que os nossos trovadores empregaram nas suas cantigas também com o sentido que ainda conserva no francês actual, que lhe fêz uma ligeira alteração em *fou*. Na sua origem esta palavra é um substantivo e como tal vive em *fole*, que entre os Romanos, além de designar e mesmo ter a forma do objecto ao qual continuamos a dar ainda êste nome, se aplicava também a um *balão cheio de ar* com que moços e velhos se divertiam. E ao indivíduo falho

de juízo, portanto muito parecido com o doido, não chamamos nós *cabeça de vento?*

Outro modo de dizer. De uma pessoa que, em virtude de comoção forte ou por outro motivo, perdeu momentâneamente a consciência do mundo exterior, não dando pelo que se passa em redor de si, dizemos que está *alheia* ou *alheou-se.* Mas êste verbo representa a forma popular doutro *alienar* e o particípio dêste, isto é, *alienado,* é uma designação mais do que perdeu o juízo.

Mas, a par do *caminho,* estava também a *linha,* que era como que uma espécie de fio de prumo pelo qual os homens tinham de dirigir as suas acções, do mesmo modo que o arquitecto na construção de um prédio; a essa linha chamavam os Romanos *régula.* Ainda hoje nós chamamos *régua* ao instrumento de que nos servimos para *regrar* o papel. E êsse nome de *régula* vinha-lhe de indicar o *rectum,* palavra que depois foi suplantada pelo seu composto *directum,* sem contudo ter desaparecido por completo, como mostram os termos literários *recta, rectidão,* etc. Àquele que na sociedade desempenhava o papel de chefe, incumbia-lhe a obrigação de velar pela observância da *régula,* daí chamar-se-lhe *rex* ou *rei;* igual obrigação cabe, por exemplo, ao chefe duma Universidade, ao padre que dirige uma paróquia, um e outro conhecidos pelo nome de *reitor.*

Outro aspecto ainda sob que se encara a prática do bem é o de *ligação,* e assim a qualquer coisa que se adapta perfeitamente a outra damos o quali-

ficativo de *justa*, adjectivo que, como se sabe, é um derivado de *jus*, nome que entre os Romanos, durante o período clássico da língua, tinha valor idêntico a *rectum* e conserva ainda a ideia de ligação em *jurar*, *juramento*, etc. Naturalmente quem deixava de praticar o *jus* rompia-o, isto é, quebrava os laços que a êle o prendiam, ficava portanto *solto;* daí aplicar-se a êsse tal o composto *dissoluto*. Com igual sentido empregavam os nossos avós o seu derivado *solteiro*, no género feminino, como se pode ver das citações de Morais.

É escusado advertir que nem o termo *Traviata* nem os que em nossa língua lhe correspondem são os próprios; se lançamos mãos dêles, é só para evitarmos outros, que soam mal aos ouvidos das pessoas de bons costumes, ou pelo menos não estão em uso numa sociedade polida; dêste modo praticamos o que os gregos chamam *eufemismo*.

VIII

Tratamento

Como tôdas as expressões que se referem a usos e costumes, também tem a sua história a maneira pela qual as pessoas se tratam entre si, e essa, parece-me, não é das menos interessantes.

O modo mais simples e natural de um indivíduo se dirigir a outro é sem dúvida o que os antigos povos usavam e os árabes ainda hoje observam. Referindo-se a si próprio, ninguém emprega outro pronome que não seja *eu*, mas, ao endereçar a palavra a outrem, a sua expressão teria de regular-se pelo seu número e, portanto, ser do singular ou do plural, conforme se trata de uma pessoa ou mais. Assim aqueles povos muito judiciosamente serviam-se de *tu* ou *vós*, segundo os casos. Fôsse qual fôsse a qualidade da personagem com quem falavam — rei ou mendigo — o tratamento era sempre *tu*, porque nenhum outro pronome as suas línguas conheciam que em si contivesse a ideia de unidade.

É certo que poetas e prosadores, gregos e sobretudo romanos, uma que outra vez, falando de si,

empregavam o plural; isso, porém, a meu ver, não passa de um artifício retórico de que se serviam na intenção de, por êsse meio, captarem a simpatia dos seus leitores ou ouvintes, fazendo como que desaparecer a sua própria personalidade, para se confundirem com os que os liam ou escutavam, uma espécie de *pluralidade de modéstia.* É escusado advertir que a êsse *nós* correspondia o possessivo *nosso.*

Semelhante tratamento foi depois, no século IV, adoptado pelos últimos imperantes romanos, talvez sob a ideia de que a autoridade de que se achavam investidos lhes provinha dos que lha haviam conferido; representava assim uma pluralidade e, portanto, um plural que poderemos chamar *autoritário* ou *de majestade*, que é o nome pelo qual é conhecido. Procedendo dêste modo, os imperadores de Roma e Bisâncio e depois, à sua semelhança, não só quási todos os que exerceram cargo idêntico nos diversos Estados, mas ainda hoje, a-pesar-de o progresso das ideias democráticas, quantos se acham constituidos em autoridade, quer pertencentes à classe civil, quer à eclesiástica, não faziam, nem fazem mais do que seguir um uso bastante antigo, pois já Eurípedes, na sua tragédia *Hécuba* (verso 22), apresenta Ulisses, servindo-se do pronome *nós*, falando de si próprio.

Muito naturalmente, o emprêgo de tal forma da parte do imperante pedia o de *vós* dos que a êle se dirigiam como tal e conseqüentemente o do respectivo possessivo. Parece contudo que tal uso levou

algum tempo a generalizar-se ou que, ao lado do moderno, continuou a subsistir o antigo, o que aliás não seria de estranhar, porquanto Eutrópio, referindo-se, no princípio da sua *História Romana,* ao imperador Valente, por cujo desejo a compusera, serve-se ainda do antigo processo, tratando-o por *mansuetudo tua* e *tranquillitas tua,* porém *tranquillitas vestra* mais adiante (cap. XII do livro 1.º). Note-se, todavia, que o falecido professor Epifânio Dias, na anotação a êste último passo, explica essa diferença, dizendo que, no segundo caso, o autor tinha em mente a pessoa com quem falava e os que o haviam precedido no cargo. Mas, fôsse como fôsse, o que é certo é que êsse uso ficou subsistindo, estendendo-se depois provàvelmente primeiro aos que se distinguiam da massa geral pelas suas riquezas, poder ou posição social e, finalmente, a todos aqueles entre os quais não existia intimidade, continuando a servir-se do *tu* os que não estavam nesse caso, e hoje é êle o geralmente adoptado pela maioria dos povos civilizados, com algumas alterações no decorrer dos tempos, como nos mostra o inglês, que pôs de parte o *tu*, o francês, que se serve dêste hoje em casos em que dantes usava o *vós*, etc.

Entre nós, também o uso tem variado algum tanto. Dos documentos medievais vê-se que se tratavam quási sempre por *tu* as pessoas que tinham entre si intimidade, como a mulher com o marido, servindo-se igualmente do mesmo pronome, na maioria dos casos, os que estavam em posição ele-

vada para com aqueles que lhes eram inferiores, pais a filhos, amos a criados, os quais lhes correspondiam com o *vós;* entretanto, nos Cancioneiros trovadorescos lá figuram os namorados, os amigos e até as próprias mães com suas filhas servindo-se do último dos dois pronomes. Assim o trovador Fernão Fernandes Cogominho diz à sua dama:

> Ai, mia senhor, lume dos olhos meus,
> se vos non vir, dizede-mi por Deus
> que farei eu que vos sempre amei?

Outro, Vasco Praga de Sendim, faz dizer a uma namorada:

> Cuidades vós meu amigo,
> ca vos non quero eu mui gram bem.

Numa cantiga de Pedro Amigo de Sevilha, pergunta uma à sua amiga:

> Amiga, vistes amigo
> d'amiga que tanto amasse,
> que tanta coita levasse
> quanta leva meu amigo?

Outro ainda, João de Guilhade, exprime-se dêste modo:

> Amigos, quero-vos dizer
> a mui gram coita em que me tem
> ũa dona que quero bem.

Na bôca de uma mãe, a quem a filha consulta sôbre a maneira de se reconciliar com o amado, põe Pero da Ponte esta resposta:

> Filha, dou-vos por conselho
> que, tanto que vos el veja,
> que toda ren lhe façades
> que vosso pagado seja.

Mas nos demais textos é em geral observada a distinção que acabei de fazer. Assim diz para o filho a lendária dama de pé de cabra:

—Filho, vem a mim, cá bem sei eu ao que vens.

Igual tratamento dá a seu marido a mulher de D. Ramiro e do mesmo usam entre si êste e o rei mouro, seu rival, mas já a serva, ao encontrar aquele disfarçado junto duma fonte, fala-lhe dêste modo:

—Homem pobre, a raínha minha senhora, *vos* manda chamar.

Por *tu* trata o conde D. Henrique o filho nos últimos conselhos que lhe dá, mas de *vós* usam mùtuamente D. Afonso Henriques e D. Fernando Peres de Trava, a quem, segundo o redactor do 4.º *Livro de Linhagens,* o conhecido *Nobiliário* do Conde D. Pedro, o príncipe chamava padrasto. Também por *vós* aí mesmo o tratam sua mãe e D. Soeiro; igual tratamento usa D. Teresa para com o conde de Trastámara. Emquanto Alcarac, que comandava um dos vários troços do exército mouro,

na célebre batalha do Salado, se serve para com o rei Almofacem do pronome *vós,* êste usa com êle do *tu.*

Nas preces dirigidas a Deus ou aos santos, se por um lado o trovador Bernal de Bonaval diz, referindo-se à dama dos seus afectos:

> A dona que eu am' e tenho por senhor
> amostrade-mi-a, Deus, se *vos* en prazer for.

por outro tanto os cristãos, ao verem-se quási perdidos na batalha mencionada, como o dito rei mouro empregam o tratamento de *tu,* aqueles invocando o auxílio divino, êste queixando-se a Deus de não lho ter prestado. Neste caso, só para dar certa solenidade à frase, creio eu, é que hoje nos servimos do *tu;* fora daí exprimimo-nos como, por exemplo, na oração dominical, na qual dizemos *Padre nosso que estais nos céus* ou na *Ave-Maria,* onde saudamos a Virgem Santíssima por estas palavras: *bemdita sois vós entre as mulheres.*

É verdade que em alguns escritos do tempo se encontra o *tu* entre indivíduos não íntimos, como, afora outros, no *Conto de Amaro,* no qual o porteiro do castelo aonde êle chega assim o trata, ou no *Orto do Esposo,* em que Teófilo diz por escârneo à Santa Virgem Dorotea, que ia a degolar:

— Tu, espôsa de Cristo, envia-me do paraíso do teu espôso rosas e pomos.

Isso, porém, deve resultar de terem tais livros

sido trasladados do latim e haver o tradutor mantido o processo geral dessa língua.

Ambas as maneiras de tratar continuaram a estar em uso pelo tempo adiante, subsistindo ainda o emprêgo do *tu* nos casos indicados e noutro, dantes desconhecido, que se me afigura de importação francesa — refiro-me ao actual *tu* dos filhos para com os pais — mas tendo desaparecido modernamente o *vós,* embora não de todo, pois que, no norte de Portugal ainda aqui e ali dêle se encontram vestígios, já em expressões verdadeiramente fossilificadas, já na própria maneira de tratar. Nos textos que se seguem à Idade-Média, encontramos os dois pronomes, entre êles o *vós,* até aos meados do século XVIII. Eis alguns exemplos:

Em Gil Vicente, à pregunta de Paio Vaz, seu amo:

> Onde deixas a boiada
> e as vacas, Mofina Mendes?

responde a zagala:

> Mas que cuidado vós tendes
> de me pagar a soldada.

À *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro diz a dona do ermo:

— A mim podereis dizer tudo...

No *Elrei Seleuco,* de Camões, rei e raínha tratam-se por *vós;* na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, pregunta Zelótipo a Cariófilo:

— Bofé, senhor, outro homem vistes vós já mais contente do que eu ora estou?

No *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Melo, diz Gil para Afonso, ao ouvir bater à porta:

> Emquanto não ha porteiro,
> vede quem bate a essa porta.

Teria de citar tôda a literatura do tempo, se quisesse provar a existência do tratamento de *vós* entre pessoas que umas às outras se tributavam certa consideração e respeito, contentar-me hei apenas com aduzir um dos muitos passos em que António José da Silva, mais conhecido pelo *Judeu,* usa dêsse processo; é na comédia intitulada *Guerras do Alecrim e da Mangerona,* onde logo no começo, êle presta a D. Gilvaz estes requebros amorosos a D. Cloris:

— Diana dêstes bosques, cessem os acelerados desvios dêsse rigor, pois, quando remora me suspendeis, sois iman que me atraís.

No *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Melo na scena 2.ª da 1.ª jornada, Afonso Mendes, além da fórmula *Que mandais?* emprega também esta *Que manda vossa mercê?* ao dirigir-se a D. Gil.

Esta segunda maneira de tratamento não fica atrás daquela em antiguidade. Com efeito, do

exemplo de Eutrópio, já citado, vê-se que os pronomes *tu* e *vós* podiam ser substituidos por um nome designativo de qualquer qualidade que, se não existia, supunha-se, por lisonja, existir no indivíduo a quem era dirigida a palavra; semelhante processo continuou a subsistir ao lado daquele e entre nós com tal insistência que, à fôrça de repetir-se, acabou por levar de vencida o antigo *vós*.

Entre as qualidades atribuidas aos reinantes, figurava naturalmente a de recompensar os que lhes prestavam serviços e a essa recompensa ou paga dava-se e dá-se ainda o nome de *mercede* ou *mercê*. Assim, como é sabido, eram tratados os reis entre nós ainda no século XIV, como consta dos documentos do tempo. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outras pessoas, a princípio talvez aos poderosos, os que, depois dos monarcas, mais no caso estavam de recompensar, e, em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na bôca de tôda a gente, se transformou de *vossa mercê* em *vossemecê, vomecê,* e até *vocé,* em que apenas as sílabas acentuadas das duas palavras se salvaram. Tal vulgarização sofreu a mesma supressão em Espanha, onde deu *usted,* em castelhano, e *vosté,* em galego.

Outra qualidade reconhecida no rei era a do seu poder ilimitado ou de senhor absoluto da vida e da morte dos seus súbditos, daí o título de *senhoria,* que também se lhe deu e depois, como o antece-

dente, passou a aplicar-se a certos e determinados indivíduos, tomando por fim grande extensão, todavia não tanta como aquele, pois as suas transformações, que eu conheça, apenas se reduzem a *vòssioria* e *vòssoria*.

Outras designações ainda do mesmo cargo eram *alteza* e *majestade,* termos sinónimos, pois se aquele o considera como o mais *alto,* êste interpreta-o como o *maior* dos exercidos pelos homens entre os seus concidadãos. Ao contrário dos outros dois, estes sempre se restringiram, aplicando-se hoje só a descendentes de estirpe régia — príncipes ou infantes — o primeiro, que dantes era dado também aos monarcas, para os quais ficou reservado o segundo — o único que actualmente se lhes dá.

Por excesso de optimismo ou delicadeza, sem dúvida, certas pessoas, as mais distintas, foram tidas na conta de *excelentes* e daí o título de *excelência,* que se lhes conferia, e hoje entre nós tornou-se apanágio de quási tôda a gente, e tanto se tem usado e abusado de tal tratamento que na bôca da maioria das pessoas já foi encurtado em *vosselência* e *vossência.*

Temos, pois, o emprêgo, já bastante antigo, dum substantivo abstracto em vez dum pronome pessoal, mas, porque qualquer palavra, considerada materialmente, é tida como pertencente à terceira pessoa do singular, não é de estranhar que, em substituïção de qualquer dos mencionados substantivos femininos, tivesse entrado o pronome *ella,* de que se servem

os italianos para com as pessoas que tratam com tôda a cerimónia, servindo-se de *vós* para as de alguma intimidade, e que também da nossa fala não foi desconhecido, tendo-o usado, entre outros, Camões e Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Com efeito, aquele, na comédia intitulada *Filodemo,* no diálogo travado entre Dionisa e a sua aia Solina, afora o tratamento de *senhora, vossa mercê* e *mana,* pela sua gradação indicativos da familiaridade que com aquela ia tomando com o progresso da conversa, presta a esta também o de *ella,* como mostram estes dizeres:

DIONISA

Então vós, gentil donzella,
Folgais muito de o ouvir?

SOLINA

Si, porque me falla *nella*
e eu, como ouço fallar
nella.......................
....
Não m'esteve *ella* rogando
que fosse fallar com elle?

DIONISA

Que rosnais vós lá, senhora?

SOLINA

Digo que tardei lá fóra
em buscar esta almofada:
que estava *ella* agora só
consigo phantasiando?
....
Mas, deixando isto á parte,
se m'*ella* quizer peitar,
prometto, etc...
Inda *ella* não deo no fito?

Na scena 1.ª do acto 3.º, Sílvia de Sousa, ao perguntar-lhe Eufrosina:

—Elle que demo contava pera tanto sentimento? responde assim:

—Como o *ella* vio, tambem o ouviria.

E pouco depois observa-lhe:

—Daquellas cousas tais tem *ella* muitas.

Embora em italiano a forma feminina seja usada também pelos homens, visto, como disse, concordar com um substantivo oculto dêsse género, entre nós, por uma atracção natural, em conseqüência de se haver perdido a primitiva noção, preferiu-se no último caso a masculina, como o testemunha a frase: *Como vai êle?* que se ouve a cada passo a pessoas que se tratam com certa sem-cerimónia.

Um passo mais deram os alemães, passando do *vós* também à 3.ª pessoa do singular que, para diferençarem da dêste número, escrevem com maiúscula, empregando o plural, de-certo por analogia com o

vós que, sendo dêste número, êles igualmente aplicavam dantes, como os demais povos, a uma pessoa só, mantendo ainda o *tu* nas condições em que em geral êle é usado.

O uso da 3.ª pessoa requeria naturalmente o respectivo pronome pessoal *seu* ou *sua*, daí o seu emprêgo nas línguas em que aquele existe (português, espanhol, italiano), ao contrário daquelas (inglês, francês, etc.), que se servem da 2.ª do plural, as quais recorrem ao *vosso, vossa.* Mas no uso do pronome *seu, sua,* as línguas românicas não são tão rigorosas como a latina, que só o empregava, quando referido ao sujeito ou outra palavra da oração, e assim dizemos, por exemplo, «conheço os *seus* filhos», «admiro a *sua* formusura», etc., contràriamente ao latim, que em tais casos se servia de *ejus,* isto é, *dêle, dela.*

Com o pronome *seu, sua,* tem, como é sabido, íntima relação o pessoal *se,* donde, aliás, aquele provém. Outra das formas dêste, *si,* entra muito num modo de dizer familiar com que alguns gramáticos teem embicado, a meu ver sem razão; é quando a empregamos em vez de *você, senhor,* etc., como nestas frases: «comprei isto para *si*», «gosto muito de *si*», «tenho dó de *si*», etc., a última das quais ocasionou a Camilo Castelo Branco uma reprimenda bastante áspera a Mariano Pina, que dela se servira, ao criticar o seu livro *Cancioneiro Alegre.* Semelhante uso desenvolveu-se, sem dúvida, do tratamento na 3.ª pessoa, pois quem diz *seu,* forçosamente tem de

empregar o correspondente *si,* com o sentido mais ou menos reflexo do possessivo.

Fórmulas de tratamento há ainda que, entre nós, divergem segundo as classes sociais. Assim o homem e a mulher que entre si teem intimidade, quando não se tratem pelo nome do baptismo, chamam-se um ao outro por «homem» e «mulher», como já o faziam os gregos e romanos, os últimos dos quais usavam ainda *uxor,* se eram casados; se, porém, se referem um ao outro na ausência, a mulher do povo chama ao seu consorte mais vezes *o meu homem,* do que *o meu marido,* que se ouve de preferência às de esfera superior, dando-se o contrário com o homem, que, no segundo caso, a trata por *a minha mulher* (*espôsa* só por afectação), mas no primeiro *a minha senhora,* em substituïção do antigo *a minha dona,* ainda em uso no galego, e correspondente ao *madame* do francês, como representante do latino *mea domina.* À semelhança dos demais povos, servimo-nos de *senhor, senhora,* quando interpelamos alguém de cerimónia, mas, ao contrário dêles, com o verbo na 3.ª pessoa do singular, como procedemos com os outros substantivos de que já falei, e geralmente fazendo preceder do artigo respectivo, que dispensa o francês familiar, em especial o do Sul, o qual, segundo informa o dr. Leite de Vasconcelos, a pág. 470 (nota) do vol. I da sua *Philologia Mirandesa,* conhece igual maneira de tratar. Para as mulheres novas é que a nossa língua carece de expressão apropriada, que, como é sabido, as

outras possuem; a elas tratamo-las do mesmo modo que as de idade, não fazendo assim distinção entre as que, ou pela sua qualidade de mães de família, ou pelos seus cabelos brancos, se impõem ao nosso respeito e veneração e as que, por se acharem em tôda a plenitude e frescura da mocidade, só nos podem inspirar sentimentos de benevolência e simpatia, que se não coadunam com tratamento tão respeitoso.

IX

Etimologias

Se há coisa que em todos os tempos tenha aguçado a curiosidade humana, é a etimologia. Hoje, como ontem, cultos e ignorantes, todos procuram desvendar o mistério escondido nos vocábulos, principalmente os que, pela sua originalidade de forma, mais ferem a atenção; todos pretendem, por assim dizer, adivinhar o sentido que na sua origem tiveram. É evidente que, sem base scientífica, essas interpretações, verdadeiramente arbitrárias, não passam de puras fantasias, e delas há-as que farte em livros antigos e modernos. Compreende-se que, estando os sons, componentes dos vocábulos, como fenómenos mecânicos, sujeitos a certas e determinadas leis, só o conhecimento destas poderá dar solução a êsses enigmas, uns mais velados que outros. E, porque elas só modernamente teem sido estudadas, não é de admirar que muitas das etimologias antes propostas hajam sido totalmente postas de parte pelos organizadores escrupulosos dos dicionários que abrangem também essa parte importante

da lexiologia. Hoje ocupar-me hei de *alhures* e seus afins.

A língua actual mantém ainda êste advérbio, embora não com a freqüência da arcaica. Qual a sua origem? O *Dicionário* de Morais, 8.ª ed., engloba-o com *alhur* e dá ambos como provenientes do latim *aliorsum*, advertindo, ao mesmo tempo, que aquela primeira forma não é plural da segunda, porque — diz — os advérbios não teem plural, mas uma e outra diferem entre si, como *ante* e *antes*.

Advertirei, desde já, que a última afirmativa é errada: *ante* e *antes* são formas idênticas; o *s* que esta possui a mais do que aquela proveio-lhe da analogia com outras palavras da mesma natureza em que êle entra originàriamente, como *mais*, *menos*, etc., e talvez principalmente com o seu antónimo *depois* ou *despois*. Pelo mesmo motivo, o povo de hoje diz *sòmentes*, como o antigo dizia *estonces* (a par de *estonce*) e *mentes*.

Voltemos, porém, a *alhures*. É manifesta a semelhança existente entre esta forma e a latina, mas a maneira como ela entrou na língua é que diverge algum tanto da regular, aliás seguida por outros termos com êste aparentados, como são os arcaicos *juso* (existente ainda no derivado *jusante*) e *suso*. Verdade seja que estes, segundo parece, entravam no número daqueles de que o povo se servia com freqüência, como mostram a passagem regular do grupo *rs*, a princípio a *ss*, depois a *s* e a evolução do *o* em *u* longo, sem falar na redução a *j* do *de*

do primeiro, redução, semelhante à que se operou em *vejo*, de *video*, das antigas formas *deorsum* e *seorsum*, nas quais caíra a semi-vogal *u*, existente outrora entre *e* e *o*, para as posteriores *jusum* e *susu*, que se encontram em escritores do século IV [1]. Que *alhures* tenha sido pela nossa língua tomado directamente do latim, é coisa que não me parece provável; militam contra isso a intercalação de um *e* entre o *r* e o *s*, o que impediu a assimilação daquela consoante a esta, que se observa nos arcaicos *cosso*, *dosso*, *vesso*, etc., nos quais a língua moderna repôs o *r*, e ainda nos populares *convessar*, *quês*, etc., de *conversar*, *quer(e)s*, etc. Donde viria êle, pois? Afigura-se-me que do francês, ou antes, do provençal, que dizia *alhors*. Mas ainda nestas línguas o vocábulo deve ser de introdução tardia, a ajuízar da manutenção do *r*, que nelas é em regra tratado como na nossa, nas circunstâncias apontadas, e já o era no latim. Recebida pelo ouvido, a forma *alhors* devia naturalmente pronunciar-se *alhores*, não só porque assim seria sentido, senão também por ser contra o génio da língua de então o grupo *rs*, como mostram os exemplos citados. A influência, porventura, de outros vocábulos, entre os quais estariam os aparentados *juso* e *suso*, teria feito evolucionar o *o* em *u*.

É facto, como diz o *Dicionário* mencionado, que

---

(1) Por exemplo, S. Agostinho, que opõe *jusum* a *susum*; cf. Walde, *Lat. Etym. Wörterbuch*, s. v. *jusum*.

os advérbios não teem plural; isso, porém, não impede que o povo, que não sabe gramática, levado pela analogia, não derrogue uma que outra vez a regra; assim sucedeu ao arcaico *mentre* (1), que resultou da forma mais antiga *dementre*, representante da locução latina *dum interim*, que, parece, era sentida como um vocábulo único; pois aquele *mentre*, de-certo sob influência de outros advérbios terminados em *s* (cf. *crás* (arc.), *mais*, *mẽos* ou *menos* (2) etc.) tornou-se em *mentres* e *mentes*, que também se usavam precedidos das preposições *entre* e *em* ou seguidos de *que*; êste *mentes* passa para o povo por um substantivo, porquanto não só lhe ajunta o sufixo diminutivo *-inho*, mas até lhe dá plural (3) na expressão *mal-mentinhos*, que tenho ouvido empregar na acepção de *apenas* ou *ao de leve*. Não seria, pois, de estranhar que, vendo em *alhures* um plural, êle tirasse o singular *alhur* (4), que a antiga língua possuía e usava sem diferença sensível de sentido. É assim que eu

---

(1) Esta forma existia também no provençal e, a par dela, igualmente *dementre*, *domentre* e *domentres*.

(2) Semelhante processo é já antigo, como mostram *ante*, *estonce*, a par de *antes*, *estonces*; de aí os populares *sòmentes*, *princepalmentes* ou *palmentes*, etc.

(3) Também dum subs. no plural se compõe *apenas*; cf. as locuções *às vezes*, *às cegas*, etc., antes *a vezes*, *a cegas*, *a sabendas* (arc.), etc.

(4) No provençal havia também *alhor*, que poderá por ventura explicar-se do mesmo modo.

explico a existência das duas formas e não vejo maneira de separar uma da outra.

Parece contudo que nelas havia, pelo menos na época em que entraram a fazer parte da língua, a consciência, para quem as empregava, de que aí entrava o adjectivo *alius,* como realmente entra, e tem o sentido de *outro,* que o suplantou nas línguas românicas. Essa consciência levaria a substituí-lo pelo correspondente, sempre que se tratasse de direcção diversa daquela que, parece, andaria ligada à parte final da palavra, isto é, a *-ures.* Por tal processo, e não indo buscá-los a *alicubi* e *necubi,* que no latim tinham essa significação, pois a sua evolução nunca poderia produzir tais formas, é que se teriam formado *algures* e *algur* e *nenhures,* nos quais entram claramente os adjectivos *algum* e *nenhum,* apenas com a perda da nasal e a fusão, que só mais tarde veiu a operar-se, em um só, do antigo *u* duplicado.

Como é sabido, as palavras, uma vez entradas nas línguas, são como as plantas no solo, começam a germinar, dando origem a outras que, por vezes, com o decorrer do tempo, se vão afastando, no aspecto, das que as procrearam, ou, aliando-se com outras, como nos enxertos, dão produtos em que elas se continuam; é êsse processo de renovação, de maior intensidade no período formativo das línguas, que, do mesmo modo que nos seres vivos, faz que estas se vão a pouco e pouco enriquecendo com termos novos, dos quais muitos, dotados de mais

vitalidade que os seus progenitores, chegam, não raro, a suplantar estes que, vencidos nessa verdadeira luta pela existência, principiam a estiolar-se, até morrerem, por fim. É essa grande fôrça reprodutiva que explica, a meu ver, muitos vocábulos românicos, para os quais, sem necessidade, alguns filólogos inventam formas latinas hipotéticas. Bem sabemos que o léxico desta língua só em parte diminuta nos é conhecido, aquela que nos transmitiram os escritores, que em geral usam um vocabulário restrito e ao qual escapam muitos dos termos predilectos do povo; isto, que hoje ainda sucede, devia acontecer também no passado. Mas, dentro mesmo dêsse vocabulário restrito, é de crer que uma e mesma forma tivesse proliferado depois, dando o ser a outra ou outras, que antes não existiam. Que de termos não possui hoje a nossa língua, por exemplo, desconhecidos dos que a falavam nos séculos atrás, mas cujos germens já então viviam. É sempre a eterna lei da reprodução em exercício.

X

Etimologia popular

Aqui há dias, uma fôlha desta capital, inserindo uma entrevista havida entre o Comissário Geral da Polícia e um dos seus redactores, entre outras coisas que fazia dizer àquele magistrado, contavam-se estas palavras:

«Por causa de uma revolução, que desde longa data tem vindo a *aboborar,* afim de aproveitar, na data do 1.º de maio, a rudeza e a ingenuidade das massas operárias».

O redactor sublinhou, como se vê, a palavra *aboborar,* sinal evidente de que a considerava, parece, um plebeismo, ou, pelo menos, não usada na linguagem culta. Consultando o *Dicionário* de Morais, (8.ª edição), encontro assim definido o vocábulo: *abeberar* (de *biberare*), dar de beber, matar a sede, levar a beber; v. g. — *o gado;* o abeberarem *de fel e vinagre;* fig. ensopar: «*abeberar-lhe* a alma desolada de tôdas as afrontas, angústias e amarguras de uma tão infame morte que o esperava»; — *a sopa* é embebê-la bem de caldo ao lume

brando. O vulgo ignorante da língua diz *aboborar;* v. refl. — *se de doutrinas, vícios,* i. é., imbuir- se, embeber-se».

Da observação feita pelo autor vê-se que na bôca do vulgo *abeberar* se tornou em *aboborar.* O que é singular é que êle pratica o que condena, pois a esta última forma, além da significação de «tornar mole como as abóboras», dá-lhe no fig. a de «jazer na cama abafado»; v. g. «estou aboborando», significação que evidentemente é a mesma de *abeberar,* que na sua origem é um derivado de *bibere,* no sentido de beber ainda mais, beber muito até fartar, e, além desta, tem também a forma *abrevar,* de feição mais antiga, resultante, por metátese, de *abevrar,* que a deve ter precedido [1].

Mas por que é que de *abeberar* se fêz *aboborar?* Salta aos olhos que por influência do substantivo *abóbora* [2]. Quem observar atentamente a linguagem do povo bem de-pressa virá a reconhecer a tendência que êste tem de aproximar doutras, que lhe são ou familiares ou mais conhecidas, as palavras que ignora ou raras vezes ouve. Isto que se dá com o nosso idioma, dá-se com todos. Nas próprias línguas clás-

---

(1) Fenómeno idêntico se deu no francês *abreuver,* antes *abevrer.*

(2) Também se poderia pensar na passagem do *e* (palatal) a *o* (labial como o *b*), o que é uma espécie de assimilação; cf. popular *bober* por *beber.*

sicas, o grego e o latim, formas há, e não poucas, que só assim se explicam (1).

Êsse processo denominaram os filólogos *etimologia popular,* denominação defeituosa em extremo — como diz Dauzat, a pág. 130, do seu livro *La Vie du Langage* — se nos lembrarmos de que os factos lingüísticos são inconscientes, que o povo, ao falar, de modo nenhum se preocupa com etimologias, e muito menos pensa em reconstituir o parentesco e o estado civil das palavras. As relações de sinonímia só em proporção bastante fraca colaboram nestes fenómenos, cuja causa principal está na homonímia ou mais exactamente na quási homonímia. A análise dos sons — explica o mesmo autor — produz uma atracção irresistível, semelhante à que se observa em mecânica celeste, quando um corpo errante penetra no raio de atracção dum planeta; pouco importa que a composição química dos corpos seja diferente, basta que a proximidade no espaço exista entre êles, para que o bólide seja atraído para a órbita ou superfície do astro. Assim, também, não é preciso que duas palavras tenham sons análogos, o que se torna indispensável é que as suas fisionomias fónicas estejam próximas uma da outra; logo a mais potente — neste caso a mais usada — atrairá a outra, modi-

---

(1) Delas trata desenvolvidamente O. Keller no seu livro intitulado *Lateinische Volkselymologie und Verwandts,* Leipzig, Teubner.

ficando-a em harmonia com o seu modêlo, tanto mais fatalmente quanto estes fenómenos analógicos são todos inconscientes e se realizam instintivamente, sem que disso tenham consciência as pessoas que falam.

É natural que seja na língua do povo que as expressões, resultantes da chamada *etimologia popular,* se encontrem em maior número, como natural é também que uma ou outra se tenha introduzido na fala dos cultos, como mostra o exemplo citado. A êste ajuntarei alguns mais.

Entre as várias barracas de *comes e bebes,* que aparecem aqui nas feiras populares, há uma, e por sinal bastante freqüentada, onde se fabrica uma espécie de bolos de massa de formas várias; chamam-lhe a *barraca das farturas*. Embora o vocábulo *fritos* seja bastante conhecido do povo, que o aplica a outra espécie de bolos, feitos igualmente de massa de farinha de trigo, que, temperada com outros ingredientes, é posta também a *fritar* em azeite, já o mesmo não sucede com o seu derivado *frituras,* de que pouco se serve. Daí, vem, segundo penso, alterar-se, sob influência de *fartar,* a forma *frituras* em *farturas*.

A vista, já hoje freqüente, dos *aeroplanos,* fêz que o termo entrasse na língua do povo. E como? Naturalmente estropiado, porque para êle o nome scientífico afigurou-se-lhe bárbaro. Ora, neste há um elemento que êle conhece doutros: é *plano,* que lhe soa como *plão* (cf. o antigo *prão,* tirado da mesma forma); em *aero* pareceu-lhe existir tal ou qual pare-

cença com *arre,* e, como no seu vocabulário haja o verbo *arrepelar,* daí chamar *arreplão* à máquina voadora.

Tôda a gente conhece o *esparregado,* o prato de verdura, a princípio talvez constituido só por *espargos* (em espanhol *esparrago*), com que acompanhamos outra iguaria: êsse nome toma na bôca das criadas a forma *espernegado,* que Morais classifica de êrro do vulgo, como se tivesse algum parentesco com *espernegar* ou estender as pernas.

Outro nome que não figura na língua do povo é o grego *auto,* que já hoje entra na composição de bastantes vocábulos eruditos; é dêle, porém, muito conhecido, o adjectivo *alto,* como o substantivo *móvel,* e daí trocar o *automóvel* em *altomóvel.*

A designação de *braguilha,* dada a certa parte dianteira das calças ou ceroulas, é pela gente analfabeta e até por outra que sabe ler alterada em *barriguilha,* de-certo por se ver aí correlação com o ventre ou *barriga,* que em parte cobre, e por ter caído em desuso o termo *bragas,* de que aquele é um diminutivo. A propósito de *bragas,* notarei que o *Dicionário* de Morais escreve erradamente *en douto,* quando cita o provérbio «quem as bragas não ha *em douto* as costuras lhe fazem nojo»; a sua verdadeira grafia deve ser *endouto* ou *endoito,* como proveniente do latim *inductu,* isto é, vestido, que parece ter sido influenciado na significação por *induere.* Outro provérbio há que diz: «Não se ganhão (ou pescão) trutas a *bragas* enxutas», no qual o mesmo

vocábulo *bragas* já tenho ouvido trocado em *barbas* de-certo também pelo processo da *etimologia popular.*

Larva é termo literário, todavia já o ouvi alterado em *lavra,* a meu ver antes pelo mesmo processo, por confusão com igual forma, tirada do verbo *lavrar,* do que por metátese em que se podia igualmente pensar, pois a deslocação da consoante *r,* para formar grupo, costuma dar-se de preferência em sílaba átona: assim diz-se *barba* ou *barva* (arc.) forma, etc., mas *brabeiro* (pop.), *fremoso* ou *fromoso* (arc.), etc.

Ao povo também tenho ouvido *saltejar,* por *latejar,* evidentemente por troca do radical *lat-,* para êle desconhecido, por outro de que usa muitas vezes, tanto mais que no palpitar das veias há como que verdadeiros *saltos.*

E... ponho ponto nos exemplos, porque qualquer os achará que preste ouvidos atentos à linguagem do vulgo, tão freqüentes são.

XI

Ainda a polimorfia vocabular

Às pessoas não versadas em filologia e que da língua pouco mais conhecem do que a fase moderna parecerá de-certo estranha a afirmação de que uma e mesma palavra pode achar-se representada por formas várias e todavia nada mais certo, como atrás mostramos. Aos exemplos aí dados acrescentaremos outros ainda, começando pelo vocábulo latino *macula,* que o português possui com o sentido de *nódoa,* que já tinha na língua donde o tomamos e se encontra em *malha* e *mancha.* Em resultado, na maioria dos casos, de forte traumatismo, aquela porção de pele que o sofreu apresenta, logo após a pancada, côr diferente do resto, mais ou menos negra, por se haver o sangue congestionado aí. Mas, se aquele traumatismo, em vez de provir de matéria contundente, é ocasionado por qualquer impressão dolorosa que o nosso espírito recebe e o fere, a êsse sentimento desagradável chamamos *mágua* (1). Não

---

(1) Mas o primitivo sentido físico encontra-se neste exemplo, colhido em documento do século XV: *aquela (ovelha) que era*

existe portanto diferença sensível entre estes diversos termos, nem podia existir, visto como todos representam um único, a *macula* latina, que já em si compreendia não só o sentido mencionado, mas ainda o de «intervalo entre os fios do tecido pouco tapado» (Morais).

Vejamos agora como se produziu essa variedade de formas. Pela redução freqüente de *-cula* a *-cla*, em virtude da queda do *u*, ocasionada de-certo pela tendência natural a formar um grupo, tendência essa que se pode ainda hoje observar, sobretudo nas pessoas incultas, e da qual o próprio latim clássico nos fornece não poucos exemplos, o vocábulo *macla*, pela transformação em *-lh-* do *-cl-* depois de vogal, como em tantos outros casos (cf. *gralho, ovelha, espelho, olho,* etc.) deu o português *malha* com as mesmas duas significações que já tinha em latim. O mesmo *macla,* por influência da nasal inicial sôbre a vogal que se lhe segue, influência que se observa ainda no povo, e de que dei exemplos atrás, tornou-se em *mancla,* provàvelmente ainda na bôca do vulgo romano, de onde *manchu,* por evolução em *ch* do mesmo grupo *cl,* em seguida a consoante (cf. *concha, troncho, caruncho,* etc.).

Existiam já de-certo entre nós as duas formas *malha* e *mancha,* quando, provàvelmente muito mais

---

sem magoa. Heitor Pinto diz igualmente: *o rosto denegrido e cheio de magoas.* A mesma mudança deu-se, entre outras palavras, em *dissabor.*

tarde, mas antes do século XI, os eruditos, que falavam latim [1], puseram em voga, como os que depois se lhes seguiram, o antigo vocábulo latino, porém na sua forma completa, ou seja *macula.* Recebeu-o o povo e transformou-o em *mágua,* pela permuta em brando do *c* surdo, quando intervocálico, como em *chaga* de *plaga,* etc., e queda do *l* nas mesmas condições, porquanto o galaico-portugalense não o tolerava em tais casos anteriormente ao século mencionado, segundo se infere dos documentos.

Mas a parte *-cula,* que entra na palavra *macula,* é certamente o sufixo *tl,* que, adicionado da vogal *u* pelo mesmo processo pelo qual o nosso povo diz, por exemplo, *caravão, carapinteiro,* etc., em lugar de *carvão,* etc., servia para formar os diminutivos. Outra

---

[1] Cf. G. Paris, *La littérature française au moyen age,* § 11, onde põe bem em relêvo a oposição entre clérigos e leigos. À influência exercida pelos cultos deve juntar-se a da Igreja, que, como é sabido, se servia do latim. Compreende-se que o povo, que assistia aos actos do culto, devia fatalmente não só aceitar muitos dos termos que ouvia, como também modificar a pronúncia doutros que já possuía. No primeiro caso estão, por exemplo, os vocábulos com que denominamos os dias da semana, contràriamente aos demais povos românicos que manteem, com excepção do sábado e do domingo, as designações pagãs; talvez a palavra *macula,* de que falo acima, a qual, precedida da prep. *sine,* se aplica freqüentemente à Virgem, e tantos outros; no segundo ocorre-me, por exemplo, a forma *cruz,* em que persiste o *u* breve, quando na maioria das línguas de igual procedência se encontra o *o* regular. Que me conste, ainda não foi bem explorada essa influência da Igreja nas falas populares.

forma que o mesmo por vezes tomava era *-cella*, que se encontra por exemplo em *donzela*, de *domnicella*; se o juntarmos à raíz *ma-*, obteremos *macella*, isto é, a mesma palavra, variando apenas no sufixo, e daqui o português *mazela*, que tem e nem podia deixar de ter, visto ser vocábulo idêntico, o sentido de *nódoa* (1), e em virtude da nasalização mencionada soava e soa ainda no povo também *manzela* (2), donde se tirou o verbo *manzelar*, caído hoje em desuso.

Esta maneira de enriquecer um idioma, pelo que acaba de ver-se, não é exclusiva nossa, porque já os romanos a conheciam; nós, o que fizemos, foi desenvolvê-la ainda mais, porquanto possuimos como provenientes da mesma raíz nada menos de seis formas, ao passo que êles só conheciam três, ou, mais rigorosamente, duas, pois é de crer que *mancla* só tarde surgisse e apenas entre o povo.

Vejamos mais alguns exemplos. Pelo mesmo processo que *macula* evolucionara em *malha* e *mágua*,

---

(1) De *nota*, que de particípio do verbo *noscere* (ou antes *gnoscere*; cf. o composto *cognoscere*, donde o ptg. arc. *conhocer*, hoje *conhecer*), passou a substantivo e designava como tal «um sinal pelo qual se *conhece* e diferença uma pessoa ou cousa», fêz-se o diminutivo *notula*, que, posto a circular pelos eruditos, o povo transformou em *nódoa* e ainda em *noda*, como, em vez de *távoa*, etc., diz *tava*, etc.

(2) No castelhano existe a forma *mancilla*, correspondente a esta.

de *articulu, diabolu, parabola, populare,* resultaram respectivamente *artelho* e *artigo, diabro* (1) e *diabo, paravra, palavra* e *paravoa, pobrar* (donde *poborar* e *povoar*), etc.

Possuía já a língua estes vocábulos: *adro, ancho, avesso, bago, chão, chantar* (2), *chama, chamar, chanto* (3), *cioso, custar, delgado, diago, dobro, leigo, lindar, meigo, orago, paço, pesar, selo, soidade,* e tantos outros; vieram os literatos e aportuguesaram os que lhes correspondem em latim, donde *átrio, amplo, adverso, báculo, plano, plantar, flama, clamar, planto, zeloso, constar, delicado, diácono, duplo, laico, limitar, mágico, oráculo, palácio, pensar, sigilo, soledade,* etc., dos quais uns, como *clamar, flama, plantar, planto,* foram depois levemente alterados pelo povo, que mudou o *l* em *r,* alteração que a actual língua literária só mantém em *pranto;* outros, como *bago, paravra, pobrar, diago,* cairam completamente em desuso, embora o último ainda se mantenha no composto

---

(1) Vive ainda a antiga forma, que se pode ver na *Crónica dos Frades Menores,* vol. II, pág. 67, nos derivados *diabrete, diabril, diabrura* e composto *endiabrado.*

(2) Daqui *tanchar* ou *atanchar* (pop.) por metátese silábica.

(3) No século XV parece que o verbo *changer* já se tinha tornado arcaico, a julgar desta glossa: *os moradores daquela terra changiam e choravam,* mas o substantivo *chanto* ainda então era muito usado. Em castelhano corresponde-lhe *llanto,* todavia o verbo respectivo *plañir* já apresenta forma semi-culta. O italiano, como é sabido, usa respectivamente *pianto* e *piangere* ou *piagnere.*

arcediago, e outros enfim continuam a viver à boa paz, os velhos de cans respeitáveis, como os moços ainda de cabelos pretos.

O actual *menino,* que na bôca dos nossos avós soava *menĩo* ou *meninho,* sofreu troca do *e* em *a,* em virtude da sua atonicidade, no composto *tamanino* (1), que A. Herculano inseriu na primeira quadra da trova que, no romance *Arras por foro de Espanha,* faz cantar a um dos barqueiros que conduziam o desterrado D. Dinis, dizendo assim:

> Mortos me são padre e madre,
> eu tamanino fiquei;
> irmãos meus mal me quiseram,
> eu mal não lhes quererei.

Até ao século XV, os nomes que entre nós se davam aos progenitores eram *madre* e *padre;* daí por diante estas formas evolucionaram em *mai,* que depois se tornou em *mãe,* pela razão atrás dita, e *pai,* sem contudo destruírem as anteriores, que, portanto, tomaram sentido especial, embora não muito diferente.

---

(1) Fenómeno idêntico ao que se deu na passagem de *meninho* a *menino,* isto é, assimilação, observa-se, por exemplo, no pop. *danino,* por *daninho,* em *Bernardino,* etc. Há ainda *tamanhinho,* que deve ter resultado de processo idêntico ou talvez antes da influência de *tamanho* sôbre a mais antiga *tamaninho.* É escusado advertir que *ta-* está por *tam-* no sentido de *muito.*

O «membro de ordem religiosa que vive em cláusura sujeita a certa regra» (Morais) chama-se *frade*, mas antes dava-se-lhe também, parece que com mais freqüência, a julgar do feminino que persistiu, sem que primitivamente tivesse forma correspondente, o nome de *freire*, que depois se aplicou ao cavaleiro de ordem militar.

A propósito notarei que só na Hispânia o substantivo com que era de uso designarem-se entre si os filhos masculinos dos mesmos pais, isto é, *frater*, foi substituido pelo adjectivo *germanus*, que pròpriamente significa *carnal, direito*, etc.

Tanto às partes menores dum livro, discurso, etc., como à reunião de cónegos, etc., dá-se o nome de *capítulo*, antes, porém, a forma que êste vocábulo tinha, no segundo dos dois sentidos, era *cabidoo*, que depois perdeu o *o* final (1); ainda assim esta forma, a-pesar-de o seu aspecto popular, deve ter sido introduzida na linguagem pelos clérigos, conquanto em época bastante antiga, pois dá-se nela o mesmo fenómeno que vimos em *nódoa*, isto é, a conservação do *u* postónico, que por seu lado obstou, como ali, à formação do grupo, que se observa em *velho, acha*, de *vetulu, astula*.

Sucede por vezes também que a uma forma já existente se ajunta outra recebida de fora, vindo

---

(1) Daqui o verbo *cabidoar*, que se lê no *Códice alcobacense*, CXLIV ou 208: *este liuro screpueo e cabiduou*, etc. Cf. A. Anselmo, *Os códices alcobacenses*, pág. 29.

assim a darem-se duas denominações a objectos que ao princípio, como era natural, tinham uma só; estão nesse caso *botelha* e *botija,* que apenas divergem entre si na sílaba final e esta representa um mesmo som, primitivamente *-cla,* depois *-lh* e por fim *-ja,* mas só no castelhano, donde portanto nos deve ter vindo a segunda forma, se não também a primeira.

É evidente que, quanto mais antigas são as palavras e sobretudo se proveem de línguas de carácter diferente da nossa, maior dissemelhança nelas se encontra, a ponto tal que à simples vista parecem ser de origem diferente; está nesse caso o nome próprio *Matilde,* que no uso suplantou *Mafalda.*

De França veiu-nos certamente, mas desta vez sem menino, *corbelha* [1]; em sentido pouco diferente usamos *golpelha* ou *gorpelha,* que se me afigura ter igual proveniência, isto é, a *corbicula* dos romanos; é verdade que não são freqüentes o abrandamento do *c* inicial e o fenómeno contrário no *b,* mas há disso exemplos, como o actual *golpe* que, vindo também do francês, se dizia antes *colbe.*

Tínhamos também recebido, embora tardiamente, o vocábulo *frasco;* porém, nos últimos tempos, da Itália veiu-nos *fiasco,* com o sentido de *malôgro, insucesso,* etc., bastante diferente do primeiro, como se vê, resultante da frase *far fiasco,* que pròpriamente

---

(1) Segundo A. Rich (cf. *Dic. des Antiquités Romaines et Grecques*), existe em Nápoles o termo *corbella,* que deve provir do dem. *corbilla.*

quere dizer *fazer um frasco* (bojudo, próprio para vinho), e da facilidade com que nessa operação o vidro se quebrava nas mãos dos que o trabalhavam, inutilizando-se-lhes assim o trabalho (2).

Na maioria dos casos as formas mais modernas suplantaram as mais antigas, mas, como mostram os exemplos dados, era tal a fôrça de muitas destas que continuaram a persistir ainda, sem grande diferença de sentido entre si.

É, a meu ver, devida a polimorfia vocabular a princípio a uma espécie de combate entre os incultos e os que o não eram, estes falando o latim que aqueles desconheciam, e aqueles, como haviam já procedido os seus antepassados com os Romanos, aceitando por fim os vocábulos novos com que lhes martelavam os ouvidos; mais tarde êsse aparecimento de formas, até aí desconhecidas, resultou sem dúvida das traduções que, sobretudo do latim, se faziam para português, a princípio por necessidade, porquanto a língua popular, que evidentemente devia ser bastante pobre, possuindo apenas pouco mais do necessário à vida natural, não tinha termo que pudesse traduzir a ideia nova que se pretendia trasladar, depois, sem dúvida na maioria dos casos, por prurido de novidade.

Vê-se portanto do exposto como das maneiras

---

(2) Cf. *Dic. etym. de la langue française* de Hatzfeld e Darmesteter e R. Kleinpaul, *Deutsches Fremdwörterbuch.* s. v.

várias por que os vocábulos se apresentam nós podemos deduzir a sua idade, bastando-nos para isso conhecer um pouco da fonética histórica. Assim serão os mais antigos os que mostram evolução mais remota, como *malha, relha, artelho, chão, chanto, diabro, pobrar,* etc.; posteriores a êles aqueles cujo tratamento já difere do antecedente, mas ainda está em harmonia com a evolução natural dos fonemas, tais são: *névoa, nódoa, tábua, sino,* etc.; e modernos, entenda-se relativamente, porque, embora mais novos, contam muitos dêles séculos de existência, os que pouco divergem dos que lhes correspondem no latim, ou numa simples alteração do *-us* final para *o,* e mesmo sem ela, se proveem de tema em *a* ou femininos; estão neste caso *mácula, plano, capítulo, pensar,* etc.

É evidente que os últimos surgem a cada passo, chamados pelas exigências da civilização e em harmonia com a fonte onde ela vai buscar os nomes para as novas necessidades, que é quási sempre o latim ou o grego, cuja riqueza é, por assim dizer, inexgotável.

XII

Filologia do beijo e do casamento

Entre os gestos vários com que exteriorizamos os sentimentos de afecto e ternura avulta o beijo, e o facto não é de hoje nem de ontem, mas de todos os tempos, sem dúvida desde que o homem existe. Muito antes que Jacob tivesse beijado sua prima Raquel, junto do poço de Haran, que de beijos se não teriam trocado entre homens e mulheres! Mas há e tem havido beijos e beijos. Há os das mães, todos repassados de uma meiguice que só elas conhecem; há os dos amantes, cheios de ardor e veemência tais que parecem queimá-los; há os dos esposos, calmos e tranqüilos; há os de respeito e cortesia, sem calor nem vida, e há também os que, como o de Judas, só conteem fel e veneno. E ainda em todos devem existir gradações, resultantes já da sensibilidade mais viva, já da educação mais apurada de quem os dá. Quero crer que o rústico, o homem verdadeiro filho da natureza, não encontrará no primeiro beijo da mulher amada aquele perfume e doçura que nêle acha e durante muito tempo parece sentir nos lábios

aquele cujo espírito foi a pouco e pouco perdendo as jaças com que nascera. Mas isto é já do domínio da fisiologia e eu só tenho em vista hoje ocupar-me do beijo sob o aspecto lingüístico.

Para os gregos era êle uma conseqüência natural do amor, pois, ainda que possuissem um termo especial, o verbo κυνεῖν, talvez aparentado com o *küssen* alemão ou o *kiss* inglês, serviam-se ainda mais de φιλεῖν; ainda hoje êles continuam a designar o beijo por um seu derivado, φίλημα. A mesma coincidência de expressões, *amar* e *beijar*, observa-se nos países eslavos; o sérvio *ljubiti* significa ambas as coisas, e *Ruku libám* ou *beijo-lhe a mão* é uma delicadeza que todos os dias se ouve aos tchecos ([1]).

Os Romanos davam ao beijo três nomes: *osculum*, *basium* e *savium*, mas de ser o segundo o único que passou às línguas novi-latinas parece deduzir-se que êle suplantara, pelo menos na bôca do povo, os dois restantes. A respeito de *savium*, Freund, que traduz por *lábios que avançam agradàvelmente para dar um beijo* ([2]), observa no seu *Dicionário* que é anterior à época clássica e muito raro; quanto a *osculum*, afigura-se-me termo genérico, pois a sua

---

([1]) Cf. *Volkspsychologie*, de R. Kleinpaul, pág. 36. Em Espanha está, como se sabe, muito em uso terminar as cartas de respeito pela fórmula *q. s. m. b.* ou *que su mano besa*.

([2]) É possível que esta tradução se funde em parte na forma *suavium*, que depois se introduziu, sob influência do adj. *suavis;* cf. Keller, *Lateinische Volksetymologie*, pág. 77; êste autor

significação de *boquinha* (1) apenas designa a configuração dêsse órgão, quando beijamos, e pode portanto aplicar-se aos dois outros. No entanto, os escritores romanos faziam diferença entre êles, dizendo que o primeiro era simples mostra de amizade, o segundo de amor, o terceiro de prazer, e apresentam, como exemplo, que *osculum* se dava aos filhos, *basium* os esposos entre si e *savium* à cortesã ou, como mostram estes versos:

> Basia conjugibus, sed et oscula dantur amicis,
> suavia lascivis miscentur grata labellis

essa diferença, porém, não era rigorosamente observada pelos escritores, pois, ao passo que Catulo diz à predilecta das suas amantes, que êle imortalizou sob o pseudónimo de Lésbia:

> Da mihi basia mille, deinde centum,
> Dein mille altera, deinde secunda centum,
> Deinde usque altera mille, deinde centum,
> Dein, cum milia multa fecerimus,
> Conturbabimus illa, ne sciamus,
> Aut nequis malus invidere possit,
> Cum tantum sciet esse basiorum
>
> (I, V).

---

tradu-lo só por *beijo de amor* ou *Liebeskuss;* Wald, no seu *Lat. etymologisches Worterbuch,* pergunta se o termo não será o mesmo que *basium,* importado de um dialecto osco-umbro ou céltico, sob a forma metatésica *saviom.*

(1) A-pesar-de pròpriamente significar *bôca cheia* ou *bochecha, bucca* suplantou, no povo, *os,* provàvelmente por ser forma mais encorpada, como sucedeu com outros vocábulos.

o grave Cícero, escrevendo ao seu amigo Ático, não se esquece de recomendar-lhe que da sua parte dê um *savium* à pequenina [1] Ática. E nós, embora não façamos distinção no emprêgo da palavra *beijo,* aplicando-a a tôdas as suas variedades, quando nos referimos ao dado por cerimónia e respeitosamente, usamos de preferência o literário *ósculo.*

Como é sabido, essa mostra de afecto, porque é tal, não a damos só aos indivíduos da nossa espécie, estendemo-la aos animais, sobretudo os domésticos, com que convivemos, e ainda aos objectos inanimados; assim Agamemnon e Ulisses, ao regressarem finalmente às respectivas pátrias, beijam a terra (*Odissea,* IV, 522, XIII, 354), gesto que sem dúvida se terá repetido muitas vezes; e nós não cobrimos de beijos o retrato, uma carta, uma recordação até de pessoa querida?

A maneira, se não a mais freqüente, pelo menos a mais significativa do amor que prende entre si duas pessoas, sobretudo de sexo diferente, é a conjunção dos lábios, mas êsse amor significa-se também, beijando outras partes do corpo. Penélope dá largas ao seu afecto maternal, abraçando entre lágrimas e beijando na cabeça e nos olhos, à sua volta de Pilo, o filho querido, a quem chama *doce luz,*

---

[1] Infiro que seria menina destas palavras com que o grande orador termina a sua carta. (*Epist. ad Atticum,* XVI, 11,8: «Atticae, quoniam, quod optimum in pueris est, hilarula est, meis verbis suavium des volo».

tal-qualmente uma mãe de hoje diria *luz dos meus olhos;* já antes a velha ama Euricleia e as demais servas o tinham beijado na cabeça e nos ombros (*Odissea,* XVII), como igualmente o porqueiro Eumeu lhe beijara a cabeça, os olhos e as mãos (Idem, XVI, 15, 16); a fiel consorte, ao tornar a ver e reconhecer, após vinte anos de ausência, o estremecido espôso, corre para êle, entre soluços, abraça-o e beija-lhe a cabeça; a avó do herói, Amfitea, beija-o na cabeça e olhos (Idem, XIX, 417). Scenas inteiramente iguais se repetem ainda todos os dias e em tôda a parte; hoje, como ontem, os entes que se estimam beijam-se mùtuamente nos lábios, nas faces, nos olhos, na cabeça; hoje, como ontem, o beijo nas mãos demonstra amizade respeitosa da parte de quem o dá; assim foi, assim é e assim há de ser, emquanto no mundo houver homens e mulheres; pena é que a vida não seja um continuado beijo, sinal de que era enfim uma doce realidade o sonho, tão almejado e nunca realizado, da paz entre os homens, essa paz que Cristo tanto prègou e os anjos haviam anunciado, ao darem aos pastores a boa nova do seu nascimento.

*

* *

A união dos dois sexos existe evidentemente desde o seu aparecimento sôbre a terra, a princípio, como diz Lucrécio, o poeta-historiador dos primórdios da humanidade, sem outra lei que não fôsse o

instinto da procriação (*Venus silvis jungebat corpora amantum,* V, 959), mas depois, quando a civilização surgiu e o homem despiu um pouco a primitiva selvajaria, com certa fixidez e carácter mais suave. Só então certos ritos e cerimónias se foram introduzindo, que ao mesmo tempo adoçaram o carácter animal que lhe é próprio e lhe comunicaram tal ou qual solenidade.

Afigura-se-me interessante estudar, através a filologia, conjuntamente a denominação vária e com ela a diferente maneira como nos tempos antigos e hoje essa união era encarada.

Para os Gregos, parece que o que sobretudo ressaltava do facto era a união dos dois seres, mas uma união tão íntima que os tornava, como *gémeos,* identificando-lhes alma e corpo. E na verdade de alguns casais se conta que, havendo chegado a idade provecta, mostravam por fim semelhança notável até nas próprias feições. Afigura-se-me esta concepção mais em harmonia com o carácter dêsse povo, verdadeiramente idealista, de que a de *procriar,* que alguns vêem no vocábulo com que êles designavam o casamento.

Já não acontecia o mesmo entre os Romanos, que na mulher que *levavam* para casa viam a continuadora da família, aquela a quem incumbia dar ao Estado os cidadãos que o haviam de constituir, tendo em vista mais os interêsses dêste, ou, como quem diz, da comunidade do que pròpriamente os do homem a quem se ligava. Como em tudo, era aqui

também o lado prático da vida, a realidade, que o romano, contràriamente àquele, se propunha.

Ideia muito parecida, embora diferente na forma, se exprime pelo nosso (e espanhol) *casar*, que, como derivado de *casa*, faz encarar o acto sob o seu aspecto principal — a constituïção da família. O francês ou, melhor dizendo, o vocábulo pelo qual a sua língua designa o matrimónio, vê nêle a simples propagação da espécie pela junção da mulher ao homem — o marido. Sob igual aspecto o encara também o italiano, quer servindo-se de termo idêntico, quer doutro *(ammogliar-si)*, em que ao sexo masculino se prefere o feminino.

Ao grego muito se assemelha, se é que não o excede, o germano na maneira elevada como concebe a união marital. Para êle, se bem interpreto o vocábulo correspondente, a mulher era mais do que a companheira e sócia nas alegrias e tristezas da vida, aquela a cujos conselhos recorria em tôdas as emergências que durante ela lhe sobrevinham, sobretudo naturalmente nas mais duvidosas e arriscadas, pela crença que depositava na sua clarividência, em virtude daquele *aliquid sanctum et providum* que, segundo afirma Tácito na sua *Germânia*, julgava existir nela.

Antes, porém, de se unirem solenemente, ou melhor, de ratificarem por meio de ritos e cerimónias a inclinação que os arrastava um para o outro, em todos os tempos e povos, os futuros cônjuges, de-certo, para pelo convívio não só tornarem mais

forte o afecto que os prendia, mas ainda adquirirem conhecimento mais perfeito das suas qualidades, fizeram preceder a realização daquele acto por um espaço de tempo, mais ou menos longo. E ainda nêsse espaço de tempo, que medeia entre o simples conhecimento e a união definitiva, devemos distinguir aquele em que o futuro casal decide (quando é êle que o faz e não os seus progenitores) a sua junção. Tal facto tem sido sempre celebrado com cerimónias, que com os tempos teem variado mais ou menos, e desde êsse momento os dois passam, entre nós, de simples namorados, a ser chamados *noivos,* isto é, presos um ao outro por um pacto, convenção ou promessa, como indica o termo *fiancé* e *fidanzato,* correspondente ao nosso *afiançado,* pelo qual com mais propriedade do que na nossa e na espanhola, são designados nas línguas francesa e italiana, pois, emquanto a daquelas, como se me afigura, apenas conteem em si a ideia genérica de *casar,* incluida em *nubere,* que era o vocábulo significativo de tal facto, mas só em relação à mulher, corresponde o destas, quanto ao sentido, a *pacta* que assim chamavam os romanos à donzela nessas condições, a par de *sperata* ou *esperada* e principalmente *sponsa* ou *prometida,* designação esta que, suplantando quási por completo a *uxor,* consagrada pelo tempo e pelo uso, veiu por fim a prevalecer, sob a forma *espôsa,* de-certo porque, depois da respectiva cerimónia, ou seja os *esponsais,* que prendia um ao outro com fôrça tal que pelas leis religiosa e civil ficavam

inibidos de realizar outro enlace, os dois passavam a ser tidos por verdadeiros *cônjuges*, isto é, ligados ao mesmo *jugo*, como se fôssem dois animais que, atrelados à mesma *canga*, tinham de puxar o carro da existência que, se por vezes é leve, na maioria delas é bem pesado, tão pesado que não é raro, hoje mais do que antes, por motivos cuja discussão não vem para aqui, um ou ambos caírem ou largarem-no.

Mas êste é incontestàvelmente mais difícil de arrastar para a mulher, em vista das conseqüências que, provenientes do seu sexo, lhe ocasiona a sua união com o homem, pois, se a qualidade de mãe tanto a dignifica, circundando-a de uma auréola que a impõe ou deve impor ao nosso máximo respeito e veneração, essa dignidade compra-a ela bem cara, à custa de muitas dores, não poucas lágrimas e por vezes até da própria vida. Foi sem dúvida por isso que os Romanos apelidaram de *matrimónio* o acto pelo qual ela se liga ao homem, fazendo assim realçar a importância do seu papel, quer como propagadora da espécie, quer sobretudo como educadora da prole, pois é por demais sabido que em grande parte a sociedade depende dela ou seja da maneira como modela desde o princípio o tenro barro que a natureza lhe pôs nas mãos.

Em todos os tempos e povos o casamento tem sido acompanhado de cerimónias religiosas que, de-certo, foram inventadas para dar ao acto carácter grave e incutir no espírito dos seus protagonistas a

ideia de que contraíam uma ligação tanto mais santa e indissolúvel quanto era feita sob as vistas e invocação da divindade. E, como o facto em si era e continua a ser motivo de regosijo pela aproximação de duas famílias e estabelecimento de um novo lar, daí as várias manifestações de alegria com que tem sempre sido festejado. A êsse conjunto de práticas, rituais umas, profanas outras, davam os Romanos, como é sabido, o nome de *núpcias,* pelo qual pareciam querer significar que à mulher principalmente elas se referiam, e essa denominação continuou a ser empregada pelo povo da França e Itália, que a alterou respectivamente em *noces* e *nozze,* nós, porém, como os espanhóis, preferimos-lhe *boda* ou *voda,* de-certo porque tivemos em vista um dos números vários que o programa da festa comporta, o banquete, que, na sua origem, deveria representar o cumprimento de uma promessa ou *voto* feito pelos que nela desempenhavam o principal papel, os nubentes, palavra que depois veiu a tomar-se pelo próprio casamento, passando assim do sentido particular ao geral, fenómeno de que as línguas nos oferecem bastantes exemplos.

XIII

Um pouco de Semântica

Quem atentar na significação diferente em que por vezes as mesmas palavras são empregadas em lugares diversos e sobretudo a comparar com a que em épocas passadas elas já tiveram virá sem grande esfôrço a reconhecer que não são só os sons que se alteram, mas que, embora em grau menor, também o sentido evoluciona; a diferença está apenas em que, emquanto a alteração daqueles é devida na maioria dos casos a uma causa fisiológica, é psíquica a que produz a dêste, isto é, o aspecto sob o qual ao nosso espírito surge, em dado momento, o significado de uma palavra, já pela maior ou menor extensão que lhe damos, já ao contrário pela restrição que lhe impomos, já ainda por outras razões.

Essa alteração, evidentemente acompanha, em ordem directa, uma língua; quanto maior é o seu desenvolvimento e portanto o número dos vocábulos por ela criados ou recebidos doutra ou doutras, tanto mais aquela se exercita. A princípio ela não existia de-certo, porque a cada palavra andava

ligada uma ideia única, mas, depois que esta começou a ser representada mais ou menos completamente por vários termos, estes tiveram de diferençar-se uns dos outros, em harmonia com a maneira especial pela qual o espírito os encarava. Êste fenómeno, que não é de hoje nem de ontem, nem desta ou daquela língua, só há pouco começou a ser estudado e a sciência que dêle se ocupa chama-se, como é sabido, *Semântica,* e constitui a quarta parte da gramática.

Apresentarei alguns exemplos [1].

Ao indivíduo que nos diverte com os seus ditos chocareirros chamamos *bôbo* e já assim se lhe chamava nos tempos em que, nos paços régios, êle exercia semelhante função, mas a palavra, na sua origem, outra coisa não queria dizer senão *gago, tartamudo.* Aparentado com ela é o grego *bárbaro,* que os Latinos acolheram na sua língua e em ambos os povos designava o estrangeiro, devido à maneira como em todos os tempos êste fala, em geral, o idioma que não é o seu, pronunciando-o de maneira quási incompreensível; daí parece ter resultado, por evolução popular, o actual *bravo* [2]. Que dis-

---

[1] No artigo a seguir o leitor encontrará outros mais.

[2] Na *Romània,* vol. XIII (pág. 110 a 113), Cornu dá a *bravo* o étimo acima proposto; com êle está o *Dict. Gen. de la Langue Française,* s. v. *brave,* porém Menendez Pidal, a pág. 331 do seu livro *Origines del español,* publicado em 1926, é de opinião que a sua origem esteja no adjectivo latino *pravus.*

tância percorrida entre a primitiva significação até à última e sobretudo, quando nos servimos do mesmo vocábulo para mostrar o nosso aplauso a quem pratica uma acção que nos agrada até o entusiasmo!

Já os Romanos se serviam de *invitare* no sentido em que franceses e italianos usam respectivamente *inviter* e *invitare* e nós *convidar*, com troca do prefixo, mas em rigor o que, consoante a sua origem, tal palavra queria dizer era «oferecer por cumprimento, sem intenção de que lhe aceitem a oferta», como explica Morais, a propósito de *envidar*, que é o seu verdadeiro representante, em sentido figurado, pois, no próprio, é termo de jôgo, tal qual o francês *envier*, em que na bôca do povo se transformara o literário *inviter*. Daqui se vê que é já bem antiga a hipocrisia social; também nós hoje quantas vezes não fazemos um oferecimento contra vontade, desejando ardentemente no nosso íntimo que não no-lo aceitem, embora com palavras e gestos mostremos o contrário do que sentimos.

Ao homem ou à mulher casados com a nossa irmã ou irmão nós, como outros povos de língua românica, chamamos *cunhado*, como se êle ou ela fôssem nossos parentes por consangüinidade ou da mesma *geração*, mas semelhante alargamento de sentido ascende já ao latim post-clássico; dêsses povos apenas se afasta o francês, que recorreu também à hipocrisia de que acabei de falar, aplicando o adjectivo *belo* aos indivíduos entrados pelo

casamento a fazer parte de uma família, como são, afora o cunhado, o sogro e sogra, o genro e nora [1].

Quem é que pensa que, tratando uma dama por *senhora dona,* pratica um pleonasmo, pois repete duas palavras que vieram a tomar igual significação, embora a primeira delas já por si tivesse evolucionado de *mais velha* e a segunda contenha ainda também a primitiva ideia de «a que está em ou pertence à casa (em latim *domus*)» [2]?

Uma coisa sem importância classificamos nós, e já assim o faziam os Romanos, de *frívola* (de onde *frioleiras*) e *fútil,* mas estes adjectivos, na sua origem, aplicavam-nos êles a vasos rachados, que, por deixarem *correr* o líquido que nêles se devia guardar, já para nada serviam e eram por isso sem préstimo.

À primeira vista ninguém dirá que o substantivo *gado* é rigorosamente um particípio do verbo *ganhar,* que significou primeiro *apascentar,* depois tirar produto daí e por fim adquirir lucro com qualquer operação. A primitiva significação encontra-se no francês arcaico, mesmo o nosso *ganhão,* no sentido de

---

(1) Êste *belo* diz o citado *Dict. Gen.* ser uma expressão honorífica, empregada para distinguir os membros novos introduzidos numa família pelo casamento; segundo êle, os Holandeses usão, no mesmo caso, o adjectivo *schonn,* de sentido idêntico.

(2) No povo êste termo passou a aplicar-se só à igreja catedral (em italiano *duomo*), sendo substituido numas partes por *mansio,* noutras por *casa.*

«o jornaleiro que por seu salário cultiva os campos, guarda gado ou acompanha seu amo» (Morais), é apenas um alargamento do primitivo significado de *pastor.* De formação igual a *gado,* isto é, antigos particípios, são, como é sabido, *veado* e *pescada,* que a princípio de sentido geral, se restringiram depois. À pastorícia, que fôra dantes a sua principal ocupação, foram os Romanos buscar os vocábulos *pecúnia* e *pecúlio,* ou seja os haveres daí resultantes; tais vocábulos, generalizando-se depois, tomaram o sentido especial de dinheiro, mas dos dois só o último entrou na língua popular, transformando-se com o tempo em *pegulho.* Como já procediam aqueles, empregamos nós o adjectivo *peculiar* no sentido de *próprio, especial,* mas que nunca se perdeu a consciência da primitiva significação mostra o seu representante popular que, tornado substantivo sob a forma *pegulhal* ou *pegulhar,* os nossos antigos usavam na acepção de «rebanho de gado de tôdas as espécies e pastor de ovelhas» (Morais).

O que é conforme com a *lei* chama-se *legal;* daí apelidar-se de *leal* o homem ou mulher que é fiel aos compromissos tomados.

O termo *lenço,* com que hoje designamos a peça de pano bem conhecida e de usos vários, já teve entre nós, consoante a sua origem, também o sentido genérico de tela de linho (cf. espanhol *lienzo);* quem dirá, porém, que *lençol* é em rigor seu deminutivo e que, como em francês, além do sentido de todos conhecido, já teve o de *mortalha,* único que

esta última língua hoje conserva, havendo perdido aquele, o qual lhe veiu certamente do costume de se envolver o cadáver nessa peça de pano? E *mortalha* que outra coisa é se não o plural neutro do adjectivo *mortal,* tomado em sentido especial?

Aposto que o rapaz, janota e aperaltado, ao ouvir-se tratar de *mancebo,* sentiria menos orgulho da sua pessoa e desdenharia semelhante apelativo, se soubesse que êsse nome é apenas o representante do que os Romanos davam ao escravo, isto é, o homem ou mulher tomados na guerra. Ainda na nossa antiga língua êle conservava um resto da primitiva significação no sentido de *criado de servir,* que tinha então, como se vê do título de um dos artigos do velho *Foral de Santarem,* que diz: «Da perda que o mancebo faz a seu amo». Hoje mesmo, sobretudo no Alentejo, o termo *moço* usa-se em tal sentido. E o seu femino não veiu a tomar o sentido de *concubina, amante* [1], que mantém o verbo *amancebar-se,* dêle derivado?

Ao *mundo* chamavam os gregos *cosmos,* em vista da boa ordem que nêle se revela, e depois assim apelidavam o enfeite, o ornato, o que se reflecte ainda nos *cosméticos* de que as mulheres se servem para

---

[1] Igual fenómeno se dá com o feminino de *moço,* quando usado em igualdade de circunstâncias, isto é, empregado como substantivo, mas, que eu saiba, só em Lisboa; pelo menos, nas províncias do Sul, êle conserva a primitiva significação de *mulher nova.*

se aformosearem ou terem bom aspecto. Processo idêntico nos oferece o latim, denominando o Universo *mundo,* palavra que em rigor é um adjectivo, que quer dizer *limpo* e vive ainda no composto literário *immundo* e no verbo popular *mondar.*

A um fruto sazonado chamamos *maduro.* E por que estádios não tem passado êste adjectivo desde êsse primeiro sentido até o que se lhe dá de «excêntríco ou que se ocupa de coisas consideradas como sem importância aos olhos do vulgo» e não encontro arquivado em Morais?

Saber pròpriamente significa *ter gôsto* e ainda aos corpos que teem essa propriedade chamamos *sápidos,* mas, como, para isso se poder apreciar, é condição indispensável repetir a acção muitas vezes, daí veiu sem dúvida o *sapere* substituir na bôca do povo romano o *scire* dos literatos. Mas restos da antiga significação existem ainda em *sabor, saboroso,* etc., e já bem apagado em *desabrido,* a que hoje damos quási exclusivamente o sentido de *áspero,* quando no século XVII o autor da *Vida do Arcebispo de Braga* ainda aplicava a *ceia,* e que coexiste com *dessaborido,* de que diverge apenas na perda do *o* protónico e na passagem do *s* surdo ou melhor dos dois *ss* a um só, que, por estar entre vogais, tomou o som sonoro.

Da maneira como os Romanos contavam as horas é um resto a palavra *sesta,* que de numeral ordinal passou a substantivo, designativo do descanso que no tempo quente, do meio-dia às duas

horas da tarde, os trabalhadores costumam tomar, talqualmente aqueles já o faziam.

Sabe-se que para êles o lado esquerdo era de mau agoiro e essa superstição, que perdura ainda, continua a viver em *sestro,* que de adjectivo, como ainda o empregaram, entre outros, Camões no primitivo sentido e D. Francisco Manuel de Melo no figurado (vejam-se exemplos em Morais), passou a substantivo, em cuja classe hoje só figura, com o sentido de *mau hábito.*

Quem é que, à vista da grande diferença que há entre os dois vocábulos, dirá que *viço* (e seus derivados) provém de *vício?* Mas lá está a confirmar essa identidade a palavra *vezo,* outra forma dos mesmos nomes, talvez a mais antiga, na acepção que tem de «costume, hábito geralmente mau» (Morais). E, como o hábito é, por assim dizer, uma segunda natureza, daí veiu significar o verbo *avezar* não só *acostumar-se,* mas ainda *ter, possuir,* como quando dizemos: Fulano aveza seu vintém.

E... basta de exemplos, que, a enumerá-los todos, teria de trazer para aqui o vocabulário humano quási por completo.

XIV

O sentimento e a metáfora na linguagem

Assim como a terra na sua estrutura imprimiu a sua história, bastando só, para a conhecer, saber ler êsse grande livro cujas fôlhas são as rochas, assim aquele que a Natureza parece ter constituido senhor dela, o homem, tem deixado o seu espírito como que gravado na palavra de modo que, para lhe penetrarmos nos mais íntimos recônditos, quer no passado, quer no presente, não há mais do que estudar-lhe os vocábulos. Mas não foram só a sua inteligência e conceitos que êle por tal meio nos transmitiu; até os seus sentimentos, afigura-se-me, podemos surpreender no estudo da linguagem.

É facto assente entre os filólogos que na diversa maneira como pelos povos que hoje falam línguas românicas foram tratados os primitivos sons devem ter influido também agentes externos, entre os quais figura principalmente o clima, mas, que eu saiba, ainda se não explorou suficientemente na linguagem o muito que ela nos pode dizer acêrca das qualida-

des e modos de ser espirituais dos que a falam (1); quer-me parecer que tal estudo, além de interessante, nos revelaria aspectos, até hoje desconhecidos, dos indivíduos pertencentes a essas diferentes regiões, ou melhor das famílias que hoje continuam falando a mesma língua, em fases variadas da sua evolução.

Em abôno desta minha afirmativa está a maneira diversa como êsses povos denominam a companheira do homem e portanto como pelos seus antepassados ela foi encarada. Para os Romanos era a *femina*, isto é, *a que amamenta* (2), mais vezes, porém, a *mulier*, ou seja *a mais terna* ou *fraca* (3), mas para

---

(1) F. Oskar Weise no seu excelente livrinho *Carakteristik der Lateinischen Sprache*, embora sucintamente, como aliás exigia a natureza da obra, destinada a vulgarização, trata do assunto analisando vários termos, entre êles *Mulier* de que aqui me ocupo (cf. a tradução francesa a pág. 86) e deduzindo de aí algumas das feições morais do povo romano.

(2) Assim interpretam Sommer, a pág. 139 do seu *Handbuch der Lat. Laut- und Formenlehre* e A. Walde no seu *Lat. Etym. Wörterbuch*, s. v., mas Bréal no seu *Dict. Etym. Latin* vê neste vocábulo o particípio médio de um verbo *feo*, que significaria *produzir, dar à luz*, e do qual proviriam *fetus, fecundum*, etc., opinião partilhada por Weise no citado livro a pág. 87. Boisacq no seu *Dict. Etym. de la Langue Grecque*, s. v. θῆσθαι opina com os dois primeiros autores e aduz como prova bastantes termos de outras línguas aparentadas.

(3) É êste o sentido que dão ao vocábulo *mulier* os autores referidos, Weise a pág. 86, Walde s. v. e Sommer a pág. 46-7 e 454; estes dois últimos teem-no por um resto do

os escravos, para aqueles sôbre quem ela, como a dirigente da *domus* ou casa, exercia o seu império devia ser e era realmente a *domina.* [1] Pondo de parte a primeira denominação, que visava principalmente a distinção dos sexos, as duas outras reflectem de certo os sentimentos que, pelo menos nos seus criadores, a sua pessoa despertava, *ternura* em geral e *respeito* em especial. De natureza *mais mole* ou delicada, portanto inferior ao homem, quanto à fôrça física, excedia-o e continua a excedê-lo nos sentimentos, que são o principal apanagio do seu sexo

---

antigo feminino do comparativo do adj. *mollis,* da raiz *mel,* que quer dizer *mole,* etc., e cuja forma anterior deve ter sido *mul-ies-i.* Das palavras de S. Isidoro (*Origines* 11, 2) *mollitie tanquam mulier* parece depreender-se que já os antigos encontravam correlação entre o adjectivo e o substantivo. A criação é puramente latina, pois o nome que parece dava à fêmea do homem o antigo indo-europeu era *gani,* representado nas línguas germânicas, eslavas, etc., (cf. o inglês *queen* e *quean)* e, segundo se crê, procedente da raiz *gen* ou *gerar.*

(1) Superior a esta ainda é a denominação germânica *weib* (no inglês *wife),* que se relaciona com o sânscrito *vip* e, em harmonia com êle, se traduz por *inspirada, excitada interiormente;* criada por êste povo, reflecte bem o culto que êle, em épocas passadas, tributou à mulher, segundo o testemunho de Tácito, atrás citado.

Outra designação, peculiar ao mesmo povo, mas de nascimento posterior, é *frau,* que quer dizer *divertida, alegre* (segundo Klüge e Detter, *a primeira)* e era comum a um ser divino, a deusa *Freid* (cf. Weise, obra citada, pág. 87).

Sôbre as designações latinas diz-nos Forcellini no seu *Totius Latinitatis Lexicon,* edição de 1858; *femina* idem fere est

e com os quais triunfa tanta vezes dêle, a-pesar-de forte, impondo-lhe o seu domínio por forma dôce e suave. Companheira daquele cujo poder a lei considerava quási ilimitado, permitindo-lhe dispor até da vida dos próprios filhos, naturalmente devia partilhar da espécie de culto, quási veneração, acompanhada de terror, com que êle era olhado por todos os seus domésticos. Regenerada depois e, por assim dizer, endeusada pelo Cristianismo, continuou a ser alvo do mesmo respeito de outrora e a mais do amor, que antes não tinha, conquistado agora pelas virtudes que a exornavam e convertiam numa como que divindade do lar. Mas, antes que essa transformação nela se tivesse operado, já pelo mundo romano corriam as diferentes designações por que era conhecida e da maneira como elas foram preferidas poderemos talvez deduzir o carácter, mais ou menos sentimental, dêsses diferentes povos e portanto o modo como êles consideravam a mulher, pois não creio que o simples acaso seja bastante para explicar por que nuns se adoptou antes esta do que aquela.

---

quod *mulier*, latius tamen patet usus cum aeque dicatur de omnibus animalibus, *mulier* vero de homine tantum; *mulier* universim dicitur quaevis femina omnis aetatis et conditionis, interdum virgini opponitur; *domina* proprie quae *domui* praest, sive quae in aliqua re dominatur; universim titulus honoris quo mulieres praesertim nobiliores compellatur, hinc de martyre usurpatur in titulo christiano apud De Rossi; speciatim dicitur de matrefamilias; *dominae* dictæ sunt aliquando absolute quæ frequentius *matres* vel *matronæ* appellantur.

A designação mais geral que encontro é também a que em Roma tinha mais voga, isto é, a *mulier,* aceita por todos os povos de línguas representantes da que naquela cidade e seu território se falava. A-par desta e com igual extensão, existiu e continua a existir entre êles a outra que continha em si a ideia de respeito, isto é, a *domina* ([1]), mas aquela que nomeava a companheira do homem sob o aspecto sexual, a *femina,* além de menos espalhada ([2]), passou, como aliás já sucedia entre os Romanos, a aplicar-se, em geral com o valor de adjectivo, aos demais animais; apenas a língua francesa lhe deu preferência àqueloutra, que ela igualmente conheceu, sob a forma *moillier,* mas que pôs de parte há já bastante tempo. Porquê? Não me parece que essa preferência se deva atribuir exclusivamente a que a mais baixa das designações da mulher era em França a mais usada; mesmo que assim fôsse, isso faz-me suspeitar no espírito gaulês uma natureza menos sensível aos atractivos femininos e um tal ou qual desprêzo

---

(1) Uma e outra existem em português (e galego), espanhol, catalão, francês (mas só no arcaico a *mulier*), provençal, retoromânico ou ladino, italiano (isto é, toscano) e rumaico; afora estas línguas, devem possuí-las ainda outros dialectos a elas pertencentes.

(2) Perdura nas mesmas línguas que as duas anteriores denominações, com excepção do catalão e rumeno; pelo menos é esta a informação do *Lateinischs Romanisches Wörterbuch* de Korting.

pela sua pessoa, melhor direi, uma prova mais da frivolidade que o caracteriza e outros factos demonstram, a qual o levaria a não se preocupar com o sentido primitivo do termo, que é possível talvez até se tivesse obliterado (1). Se é verdade que outros povos a adoptaram, todavia não com a extensão das duas outras denominações, fizeram-no contudo em sentido especial, empregando-a quási todos só quando contrapunham a mulher ao homem, considerado como ser masculino; aquela língua, porém, em tal caso lançou mão de um seu derivado, *femelle.*

Mas onde o predomínio da consideração e respeito pela mulher parece ter sido maior é na Itália, talvez por aí se manter em tôda a sua viveza a tradição da *matrona* venerável de épocas passadas; para os seus habitantes ela continua a ser a repre-

---

(1) Êste meu modo de ver é partilhado por um escritor francês, G. Lanson, que, na sua *Histoire de la Litterature Française,* edição 11.ª, pág. 8 e 9 diz: Notre nation, ce me semble, est moins sensible que sensuelle et moins sensuelle qu'intellectuelle; plus capable d'enthousiasme que de passion, peu rêveuse, peu poetique... Race de bon sens, parce que l'intelligence, les idées la menent, elle est inconstante et légère... La forme degradée du type français c'est l'esprit gaulois, fait de basse jalousie, d'insouciante polissonerie et d'une intelligence absolue de tous les interêts supérieurs de la vie; ou le bon sens bourgeois, terre á terre, indifférant a tout, hors les interêts materiels, plus jouisseur que sensuel et plus attaché au gain qu'au plaisir. Sa forme frivole c'est l'esprit mondain, creux et brillant, mousse légère d'idées que ne nourrit ni ne grise, etc.

sentante da *domina* de outros tempos, pois não só a que pela sua posição social conquistou realmente o direito a êsse título, mas ainda a mais humilde das suas mulheres chama-se *moglie* raras vezes, mais raras ainda *femmina,* mas *dona* quási sempre. Certamente que a melifluidade desta expressão, como de resto a da sua linguagem, tem que ver com a natureza dos italianos, mais doce e terna do que a dos restantes povos de fala românica, sentimentos que, embora se encontrem expressos na poesia dos outros, mais se evidenciam na dêles. Há, porém, ou melhor houve outro povo que se pode pôr a par dêste na consideração que prestou à mulher e na ternura com que a ela se referiu; é o que demorava na parte mais ocidental da Europa do Sul, no território que corresponde hoje ao Portugal do Norte e a tôda a Galiza, e falava a língua que depois se fraccionou no português e galego, cujo carácter amoroso a sua fala por tal forma traduzia que era ela a preferida por quantos na península hispânica em épocas passadas queriam exprimir os mais doces e afectuosos sentimentos, como afirma o marquês de Santillana, quando diz que «qualesquier decidores é trovadores destas partes (Espanha), agora fuessem castellanos, andaluces ó de la Estremadura, todas sus obras componian en lengua gallega ó portuguesa».

O carácter da língua condizia, como aliás era de esperar, com o dos que a falavam, sempre tão propensos a afectos ternos que disso alguns se tor-

naram exemplares, passando à história com títulos que o denunciam, como os trovadores, português, Pero Rodrigues da Palmeira, que os *Nobiliários* dizem *ter morrido de amor*, e galiciano, Macias, conhecido pelo epíteto de *namorado*. Para os que estanciavam nessa parte da Península a mulher, sobretudo a que se amava, era sempre a *dona* ou seja aquela para quem ia todo o seu respeito e diante da qual como que se rendiam e prostravam, quais vassalos perante a sua rainha. Se os poetas do tempo, ao manifestarem o seu afecto, usam para com a mulher que é objecto dêle a expressão *senhor*, concorrentemente com esta servem-se também da palavra *dona*, que, de-certo pelo seu constante emprêgo, se tornou vulgar a ponto tal que à mesma, a-par-de *amiga*, recorriam as donzelas, quando umas com as outras desabafavam os seus mais íntimos sentimentos.

São disso exemplo, entre muitas, as duas cantigas seguintes, uma do rei D. Denis, outra de Paio Soarez:

> Un tal ome sei eu, ai ben talhada,
> que por vós ten a sa morte chegada;
> vede quen é e seed'en nembrada:
> eu, mia dona.

> Un tal ome sei [eu] que preto sente
> de si morte [chegada] certamente;
> vede quen é e venha-vos en mente:
> eu, mia dona.

Un tal ome sei [eu]; aquest'oíde,
que por vós morre; vó-lo [en] partide;
vede quem é e non xe vos obride:
eu mia dona.

O meu amigo que mi dizia
que nunca mais migo viveria
par Deus, donas, aqui é já.

Que muito m'el avia jurado
que me non visse, mais, a Deus grado,
par Deus, donas, aqui é já

O que jurava que me non visse,
por non seer todo quant'el disse,
par Deus, donas, aqui é já

Melhor o fezo ca o non disse:
par Deus, donas, aqui é já.

Mas, coisa notável! Êsse respeito consagrado à mulher dos seus afectos estava, segundo parece, por tal forma arraigado no espírito dos homens de então que não desaparecia ante a convivência e familiaridade do casamento, que para muitos chegam por vezes a degenerar em tédio; para êles continuava ela a ser a sua *dona,* agora talvez encarada sob outro aspecto, o de possuidora total de sua alma e corpo.

Entre os portugueses de hoje tal denominação já não está em uso; em vez dela, costumam os casa-

dos, quando apresentam a respectiva consorte ou a ela se referem na conversação, chamar-lhe *minha mulher,* os galegos, porém, em tal caso, servem-se, nas mesmas circunstâncias, da expresão, ao mesmo tempo tão suave e poética, *minha dona.* Dêsse emprêgo de todos os dias resultou tornar-se, na sua língua, o vocábulo *dona* sinónimo de espôsa, como informa Valladares, no seu *Diccionario Gallego-Castellano,* onde, em abôno dessa interpretação, cita êste aforismo: *non tomes por dona molher replicona* e esta quadra popular:

> A miña dona relouca
> e decote está berrando,
> como s'eu tuvera a culpa
> da rapiña qu' hai de cartos.

O mensário *A Nosa Terra,* de 31 de Março passado, sob a epigrafe *Liñas de Loito,* confirma igualmente o mesmo uso, pois, referindo-se a um dos amigos da *irmandade da fala,* diz que êle *acha-se magoado por unha fonda doore, a da perda da sua dona que a morte lhe levou eu mala hora* (1).

---

(1) Num soneto que, sob o título *Sede de amor,* a mesma fôlha (n.º 245 de Fevereiro de 1928) publicou, o seu autor usa de igual tratamento, dizendo assim na primeira quadra:

> Eu teño unha sede de amor infinida,
> sede malfadada que morrer me fai;
> remedio pra ela, miña dona, dai,
> se non qués que fique sen alento e vida.

É sabido que a actual língua da Galiza representa em grande parte a fase arcaica da nossa e que muitos vocábulos que aqui deixaram de usar-se vivem ainda ali; por isso conjecturo que igual modo de dizer já existiu também entre nós; que esta minha conjectura tem todos os visos de probabilidade mostra o emprêgo que dela, segundo estou informado, faz ainda o povo dos Açores, pelo menos o da ilha de S. Miguel, e o do Sul do Brasil [1], que de-certo o receberam dos seus antepassados, os antigos colonos portugueses.

Quer-me ainda parecer que a expressão *a minha senhora,* com que hoje se referem à sua consorte os indivíduos pertencentes à classe popular, é representante daquela, tendo-se a troca de *dona* por *senhora* dado, quando aquele vocábulo, aí pelo século XVI talvez, deixou de ter a vulgaridade de que antes gozava, passando a usar-se exclusivamente no tratamento, anteposto ao nome próprio da pessoa a quem se dirigia ou de quem se falava.

Se compararmos agora a expressão *minha dona,* subsistente, como disse, na Galiza e sem dúvida

---

[1] Tive conhecimento da existência da expressão *minha dona,* nos Açores, pela sr.ª D. Honorina Machado, que foi minha aluna na Faculdade de Letras e era natural de lá; no Sul do Brasil, pelo sr. Alberto F. Rodrigues, de Pelotas, que teve a gentileza de me dizer, num postal, ocorrer ela sobretudo na poesia popular, sendo sua opinião que deve ter ido dos Açores, levada pelos primitivos colonos do Rio Grande do Sul.

outrora também corrente em Portugal, com a trivial em França *ma femme*, reconheceremos que, encaradas ambas pelo seu lado etimológico, há entre aquela e esta distância enorme, quanta vai de um dito fino, delicado, todo impregnado de afecto respeitoso, a outro, vulgar, soez e mesmo grosseiro, e que, sem possuir a nobreza e elevação daquela, mais se aproxima dela a nossa *minha mulher.* É certo que o francês tem *madame,* como o antigo provençal tinha *madona* ([1]), mas, embora da mesma proveniência que a antiga galego-portuguesa *minha dona,* afigura-se-me não possuirem aquelas expressões a ternura e carinho desta, sendo antes fórmulas de respeito, semelhantes talvez à nossa antiga *meana* ou *meona* ([2]).

Outra prova da sentimentalidade da nossa gente vejo eu no uso freqüente que ela faz dos deminutivos. Como é sabido, teem estes por função principal indicar a pequenez de qualquer pessoa ou coisa e, já desde o latim, compreendem também a ideia de carinho, de-certo proveniente de aquela.

([1]) Também *madompna* ou *ma dompna.* Como é sabido, o italiano conhece igualmente *madona,* mas aplicada hoje exclusivamente à Virgem Santíssima.

([2]) Esta forma deve ter resultado da junção dos dois componentes, formando-se assim uma palavra única; é um caso de *fonética sintática;* cf. ainda em italiano *monna* e em antigo espanhol *mienna.*

Com efeito, somos por natureza propensos a dispensar afecto a tôdas as criaturas que ainda não atingiram o seu completo desenvolvimento; talvez por uma espécie de comiseração pela sua fraqueza, que a todo o instante está reclamando socorro e protecção, sentimo-nos atraidos para elas. É com ternura que tôda a pessoa bem formada trata as crianças; o mesmo sentimento experimenta pelos animais na sua primeira idade e até pelos vegetais; daí os deminutivos com que igualmente os trata, indicadores do carinho que por todos êles sente.

Mas é no povo que principalmente se revela a predilecção pelos deminutivos; já assim acontecia em Roma. Como muito bem diz O. Weise, a pág. 277 do seu livro, atrás citado, «o homem culto fala, medindo o alcance das suas palavras, proporcionando-as ao que quere dizer e só dizendo o que é preciso, o povo, ao contrário, tem, como costuma dizer-se, o coração ao pé da bôca, nem sabe, nem pretende dissimular, antes deixa ver claramente o que pensa e o que sente, assim na fisionomia e nos gestos, como também nas palavras. Sem querer, manifesta a sua simpatia ou antipatia. Naquela predilecção até revela bem o interêsse que toma pelas coisas ou pessoas de que fala, a simpatia e afeição que por elas sente». Não admira, pois, que na língua popular dos Romanos ocorram formações dessa espécie em número muito maior do que na dos eruditos.

«Destinavam-se elas a exprimir a simpatia e a afeição (*amiculus* — «o caro amigo» ou «o pobre amigo»; *lectulus* — «o caro leito, o leito cómodo e confortável») ou, embora mais raramente, a antipatia (*asellus* — «o burro estúpido e teimoso»; *voculæ* — «reflexões maliguas»). Os deminutivos eram tão familiares ao povo, na sua carne e no seu sangue, que êle, longe de os considerar como retalhos da ideia, chegou a tirar dêles outros deminutivos com o acrescentamento de novos sufixos; assim *asellus* deu *asellulus, auricula auricilla, cistula cistella* e *cistellula.* Em especial as formas deminutivas dos adjectivos e verbos teem o cunho popular; assim *pulchellus, formosulus, tacitulus, misellus, minusculus, maiusculus; sugillo, cantillo, sorbillo, scribillo, murmurillo,* etc., pertencem quási exclusivamente à linguagem familiar ou popular, e foi dela que os últimos passaram as línguas românicas». Catulo, por exemplo, descrevendo em belos versos a dor que à sua Lésbia causara a morte de um pardalzinho, por ela muito estimado, diz que por isso os seus *olhinhos* estavam vermelhos de chorar; nêste deminutivo revela êle bem a ternura que por ela sentia. *Meu coraçãozinho* chamavam êles à mulher amada, dando assim a entender o afecto que lhe consagravam.

É evidente que com a língua os povos que a receberam herdaram muitas dessas expressões, que aliás, como era natural, são igualmente comuns a outros, que não estão nesse caso, o que nada tem de estranho, visto todos êles terem a noção de peque-

nez e a esta andar mais ou menos ligada a ideia do carinho; na sua maior ou menor freqüência é que eu vejo um indício da sua sentimentalidade e comigo pensa o autor acabado de citar, que enumera as expressões deminutivas entre aquelas pelas quais a alma e o sentimento se afirmam.

Se a língua é, pois, em tôda a parte o reflexo da alma, a nossa não foge à regra. Mas, como já entre os Romanos, é a popular que, pela razão exposta, melhor nos elucida e esclarece acêrca do carácter do nosso povo. Se bem a observarmos, reconheceremos o gôsto especial que êle manifesta pelos deminutivos. Nas ruas a cada passo o mendigo aplica a si essas expressões. Aqui é o *ceguinho*, ali o *aleijadinho*, além o *pobrezinho*, mais adiante a *velhinha* que nos pedem uma *esmolinha*.

A uma pessoa a quem fizemos qualquer favor, não é raro ouvir como agradecimento um *obrigadinho*. Dois amigos que se encontram, perguntam-se um ao outro pela *saüdinha* e, se acontece algum ter estado doente, inquirem com solicitude se já está *melhorzinho*. De uma criança cujo precoce desenvolvimento admiramos, dizemos, conforme o sexo, que está um *homenzinho* ou uma *mulherzinha*.

Os pais são freqüentemente tratados por *paizinho* e *mãezinha*. Aos pequeninos quási nunca se lhes dá o nome na forma que lhes foi imposta no baptismo, mas reduzida no número das suas sílabas, prevalecendo quási sempre só a primeira com repetição *Mimí, Lulú, Jujú, Tòtó,* etc.

Também aqui o facto não é exclusivo da nossa fala; creio que não haverá nenhuma que desconheça os chamados *hipocorísticos,* mas do que duvido é que haja outra, a não ser a italiana ([1]), onde os deminutivos sejam tão abundantes e de uso tão freqüente.

Nisso está a meu ver uma revelação mais do sentimentalismo, tão característico do povo português, carinhoso e afável, na sua grande maioria, e propenso sempre à ternura e ao amor, como evidenciam os seus cantos e mostram diàriamente os factos relatados pelos jornais.

É de todos conhecido o grande papel que na linguagem desempenha a metáfora. Mais do que qualquer outra das várias espécies de tropos, ela aparece de contínuo, tanto na fala das pessoas cultas como na das incultas, e mais ainda na destas do que na daquelas, porque, sendo uma comparação abreviada, de poucas palavras carece. Além de que uma das principais características da língua do povo é a vivacidade; emquanto a dos cultos se cinge mais à rigorosa expressão do pensamento, aquela visa a torná-lo bem perceptível e em certo modo quási pal-

---

([1]) É esta a única das línguas românicas que, na fala corrente, se serve dos deminutivos *figliuolo, fratello, sorella,* para designar o *filho,* o *irmão* e a *irmã.*

pável pela vida e movimento que lhe comunica. De aí a multiplicidade de imagens que caracteriza a conversação da gente rude, que podemos comparar a uma verdadeira fita cinematográfica pela sua sucessão e variedade, tanto maiores quanto mais baixa é a sua cultura, o que aliás confirma o estudo da linguagem humana nos seus primeiros e principais elementos, a raíz. E, se de qualquer língua costuma dizer-se que ela é o espelho em que se reflecte a alma do povo que a fala, isso provém, em grande parte, da metáfora, porque esta nos revela as suas predilecções, o seu modo de ser, a sua labuta de cada dia. Naturalmente às pessoas ou coisas com que lidamos constantemente tomamos-lhes amor a ponto tal que dentro em pouco quási as consideramos como fazendo parte da nossa existência e por forma tão íntima que as temos de contínuo diante dos olhos e dentro do coração. Vão lá dizer a um velho marinheiro que não pense no seu navio e que ponha de parte as expressões que se referem à sua profissão e êle adoptou pela prática diária das mesmas manobras. Ao que encaneceu na carreira da milícia tirem, se é possível, a par da postura própria adquirida, as acções, os gestos, as palavras que começou a contrair em verdes anos. Se conversarmos com um agricultor, notaremos que a sua linguagem traduz o que o traz de contínuo absorto, o amanho da terra, e o leva a servir-se a cada passo de imagens tiradas da sua ocupação. O mesmo pode dizer-se de tôda e qualquer profissão; só pelas suas

palavras, quando o não saibamos, poderemos com facilidade adivinhar qual o ofício do que as profere.

Sendo a estrutura do espírito humano idêntica em todos os homens e em todos os tempos, não será de estranhar que as mesmas imagens se vão apresentando sempre à mente de quem pensa, umas vezes tais quais, outras levemente modificadas, e que por tanto as encontremos perfeitamente iguais nos que nos precederam há bastantes séculos e falavam línguas, hoje de todo desaparecidas do convívio social, pelo menos na sua antiga forma, como são o grego e o latim.

Pondo de parte as milhares de metáforas, que êsses dois idiomas nos oferecem nos monumentos, uns mais brilhantes que outros, chegados até nós, lembrarei apenas algumas, que nos são comuns com os Romanos.

Quando nos referimos à pessoa ou coisa cujo préstimo é nulo, entre outras comparações costumamos servir-nos dos resíduos ou sedimentos de qualquer líquido e assim chamamos *de borra* (homem, mulher, objecto). Igual comparação se nos depara em Plauto, na sua comédia *Trinummus,* onde um dos personagens, o velho Philto, censurando os costumes do seu tempo, para que seu filho Lysiteles os evitasse, assim se expressa (versos 297 e 298):

Nihil ego istos moror FÆCEOS *mòres, turbidos quibus boni decorant se* ou, como diríamos em português: Só tenho desprêzo por êsses costumes *de borra* e desordem em que a gente de bem se enlodôa.

Como a língua é um dos órgãos que mais contribuem para a produção da fala, dizemos do muito loquaz que a tem *comprida* e ameaçamo-lo por isso de *cortar-lha;* do mesmo modo e com mais propriedade, por quanto restringe essa operação à sua ponta, o avarento Éuclio da *Aululária* do citado autor, referindo-se à criada, que suspeita de ter badalado sôbre o seu tesouro, usa destas palavras: *Annus hercle huic indicium fecit... quoi ego jam* LINGUAM PRÆCIDAM... que correspondem pouco mais ou menos às nossas de hoje: Não há que duvidar; a velha *deu com a língua nos dentes,* mas deixa estar que eu *lha cortarei.*

Para reduzirmos alguém ao silêncio, seja qual fôr o meio de que nos servimos, dizemos que lhe havemos de *tapar* ou, o que é o mesmo, pôr-lhe uma rôlha ou *tampa na bôca,* como os Romanos se serviam da locução *linguam occludere* [1].

A ideia contrária, isto é, escutar, representa-se metafòricamente por *dar* ou *prestar ouvidos a alguém;* com igual sentido diziam os Romanos *aures patefacere* [2].

---

[1] Cf. Plauto: *Quippe si resciverint inimici consilium tuum, tuopte tibi consilio* OCCLUDUNT LINGUAM, *Miles Gloriosus,* versos 601-2.

[2] Assim Cícero, no cap. 26 do seu *De officiis:* também *aures adhibere, præbere* (Plauto, *Casina,* 2, 8; Lívio, 38, 52) ou *aurem admovere, dare, applicare* (Terêncio, *Phormio,* 5, 6, 28; Cícero, Att. I, 4; Horácio, *Odes,* 3, 11, 8), etc. Note-se ainda *aures*

Por que a vista é de todos os sentidos o mais apreciável, quando queremos significar que estimamos muito uma pessoa, costumamos dizer que lhe queremos tanto como à menina dos olhos; referindo-se ao pardalzinho da sua Lésbia, o poeta Catulo informa-nos que a sua dona a êle *plus oculis suis amabat.*

Com significação idêntica afirmamos da pessoa amada que a trazemos nos olhos ou temos os olhos cheios dela [1]; o mesmo quer dizer a frase latina *aliquem in oculis ferre* ou *gestare* ou ainda *alicui esse in oculis.* Semelhantemente usamos da expressão *meus olhos* para indicar carinho; em Plauto o homem a quem a mulher com meiguices consegue seduzir trata-a por *ocelle mi* [2].

Do mesmo modo que nós, quando nos referimos à retribuïção recíproca, os Romanos diziam *uma mão lava a outra* ou *manus manum lavat* [3].

Para indicar que se levara ao fim um trabalho, completando-o o mais possível, serviam-se êles igual-

---

arrigere (Ter. *Andria,* 2, 3, 3), que corresponde ao nosso *arrebitar as orelhas.*

(1) Por exemplo, na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, cap. XX, lê-se: eu... ho vi sayr da tenda com os olhos cheyos da senhora Aonia.

(2) Cf. Plauto, *Trinummus,* 245. Nos nossos trovadores é freqüente a expressão *lume dos meus olhos,* como designação carinhosa da mulher querida.

(3) *Si quid volueris, invicem faciam; manus manum lavat,* diz Séneca na sua *Apocal. med.*

mente da expressão *extrema manus*, no mesmo sentido em que dizemos *(dar) a última demão* (1).

Seguindo ainda na sua esteira, comparamos o Estado ora a uma *nau*, ora a um *cavalo* e chamamos portanto à sua direcção *leme* ou *rédeas* (2).

Do que não pode fazer nada dizemos que está de *mãos atadas*, a-par-de *braços cruzados*; essa ideia exprimia o latim pela frase idêntica *compressis manibus sedere* (3).

O continuado sofrimento produz sempre sôbre aquele em que recai diminuïção de sensibilidade, a qual aumenta constantemente a ponto tal que por fim já quási o não sente; de aí o dizer Amador Arrais «que hum bem tinha a continua infelicidade e era *calejar* e endurecer os que vexa» (Morais), como Horácio, no livro 17 das suas *Odes*, a n.º 9,

---

(1) Cf. Cícero, *Brut.* 33: *manus extrema non accessit ejus operibus*. Segundo Morais, também se diz *(dar) a última mão;* a prep. *de*, que se juntou a *mão*, formando assim uma palavra só, entrou aqui provàvelmente como na locução popular *última da hora*. Mais chegado ao latim diz Amador Arrais: *obra de extrema mão*.

(2) É bem conhecida a 14.ª do 1.º Livro das suas *Odes*, em que Horácio usa da comparação do Estado com uma *nau*. Em Cícero encontram-se as expressões *ad gubernacula reipublicæ sedere* (*Rosc. Amer.*, 18, 97) e *habenas (reipublicæ) accipere* (*Rep.*, 1, 5, 9).

(3) Tito Lívio, com a locução *quod aiunt*, que intercala entre *compressis manibus*, dá a entender que o dito andava na língua quotidiana de tôda a gente.

classifica de feliz o que, entre outras qualidades, *duram callet pauperiem pati.* Também do que, pelo excesso de uso ou antes abuso, já nada sente dizemos que está *embotado,* como se se tratasse de um instrumento cortante, que houvesse perdido o gume; no mesmo caso está o *hebes* dos Romanos.

Quando nos interessamos por qualquer coisa, costumamos significar que *tomamos calor* por ela, mas, ao contrário, se não nos desperta nenhuma espécie de atenção, êsse estado de indiferença é manifestado pelo modo vulgar de dizer que vem na *Eufrosina: nem me aquenta nem me arrefenta;* igual sentido metafórico teem os verbos latinos *calere* (1) e *frigescere.*

---

(1) Na nossa língua deve ter havido o verbo *caer,* a julgar dêste passo de D. Denis: *con mia morte oi mais non m'en cal,* afora outros, que Lang cita na sua edição das obras do rei-trovador *(Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal,* pág. 13 e 113); contribuiu de-certo para o seu desaparecimento do uso e substituïção pelo incoativo *aquecer,* de *calescere,* a coexistência de igual forma, mas proveniente de *cadere,* que suplantou aquela, vivendo ainda, mas com passagem à 3.ª conjugação, ou do *e* em *i.* Quanto a *refrigentare,* isto é, do particípio *refrigent* mais o sufixo *-are,* a queda do *r* no grupo *fr-,* motivada pela existência já de igual letra no mesmo vocábulo (dissimulação) e a adjunção do prefixo *a,* tanto do gôsto do nosso povo, completavam a forma *arrefentar.* Exemplos latinos de *calere* e *frigere* são, entre outros, estes: *quod tibi supra scripsi, Curionem valde frigere, jam calet,* Cícero, *Famil,* 8, 6, 5. *Non patiemur hoc opus* (i, é, *miserationem) frigescere,* Quintiliano, *Inst.,* 6, 1, 28.

Do que viveu longos anos, nós com os Romanos, comparando-o a um fruto já completamente sazonado, afirmamos, como Camões de D. Denis:

> ...... a dura Atropos cortou
> o fio de seus dias já *maduros* (1).
>
> (III, 98).

Mas às vezes a comparação diverge algum tanto na maneira, como os Romanos a encaravam e nós a vemos actualmente; assim, emquanto nós dizemos *(saír) com as mãos atrás,* êles, servindo-se de uma metáfora, proveniente do tempo em que a agricultura constituía a sua principal ocupação, reproduziam a mesma ideia pela palavra *(effugere) inanem* (2), isto é, sem uma *acna* ou medida agrária de 120 pés quadrados.

Fazer a trouxa quer na nossa linguagem dizer, em sentido figurado, *preparar-se para uma viagem;* os Romanos serviam-se, com igual significação, de um dito usado na milícia, *sarcinas colligere* ou seja rigorosamente *recolher* (o soldado) *a sua bagagem* (para se pôr em marcha) (3).

---

(1) Cf. *Aevi maturus Acestes,* no livro V, 73 da *Eneida,* de Vergílio.

(2) Usa-a ainda Plauto na mencionada comédia *Trinummus,* verso 701.

(3) No começo do seu livro *De re rustica,* tendo em vista o termo dos seus dias, que a longa idade lhe fazia antever

Quer-me parecer que um estudo profundo das metáforas de qualquer povo nos elucidaria mais do que a própria história dos estádios de civilização por que êle tem passado, revelando-nos o que constituía o seu principal gôsto e portanto a sua ocupação mais predilecta. Quem, ao ouvir um algarvio classificar uma coisa bem feita e trabalhada de *da ponta do gomo,* se não lembrará logo de que é a figueira a sua principal cultura e que dos seus produtos, os melhores, mais polpudos e saborosos são os que nascem na extremidade do ramo, onde naturalmente teem condições mais favoráveis de se desenvolverem do que a dentro da árvore, cobertos com as fôlhas e menos expostos à luz e ao sol? [1]

Mas não são apenas as qualidades que o homem observa nos objectos inanimados que o cercam que êle transfere para si; os animais, sobretudo aqueles com que mais convive, dão-lhe azo a criar outras tantas, senão ainda mais imagens. A observação de factos, atitudes e características idênticas leva-o naturalmente a transferir para si as mesmas expressões pelas quais êles são designados. Raro será o

---

próximo, Varrão exprime-se assim: *annus octogesimus admonet me ut sarcinas colligam antequam proficiscar e vita.* Cf. o citado livro de Weise, *Les caracteres de la langue latine,* onde, de um modo tão atraente como instrutivo, o seu autor analisa a língua latina sob os três aspectos, arcaico, literário e popular.

(1) Julgo ainda especial do Algarve o dito *estar no seu parreiral* ou *nas suas sete quintas,* que se aplica a quem se acha extremamente satisfeito ou contente.

animal a que êle não tenha ido buscar um qualificativo, pedir uma designação para si ou para as suas acções. Na impossibilidade de os citar todos, vou enumerar alguns.

Abelha se chama a mulher astuta (em mau sentido, segundo Morais), certamente da habilidade que êste insecto mostra na confecção dos seus favos, habilidade essa que de tal forma escapa à inteligência humana que uma coisa de difícil ou impossível compreensão se classifica de *segrêdo da abelha*. A azáfama que o mesmo desenvolve, saltitando de flor em flor, a chupar-lhe o pólen, e que Vergílio pintou magistralmente com a expressão *fervet opus*, tornada popular, deu origem a criar-se o verbo *abelhar-se,* como do facto dêle, nesse constante rodopio, penetrar em tôda a parte onde possa encontrar o material com que depois há de fabricar o mel e a cera, proveio a denominação de *abelhudo* para a pessoa que se ingere e intromete no que lhe não pertence, sem o rogarem (Morais).

Com a ave de rapina chamada *abutre,* que costuma refestelar-se nos cadáveres que encontra, já os Romanos comparavam o indivíduo que anda em cata de heranças [1]; no sentido quási idêntico do

[1] Assim o faz, por exemplo, Marcial nestes versos:

> Amisit pater unicum Salanus;
> Cessas mittere munera, Oppiane?
> Heu, crudele nefas malæque Parcæ!
> Cujus vulturis hoc erit cadaver?

que suspira pela morte de alguém, na intenção de gozar os bens que dêle espera, usou êste termo Amador Arrais, quando no Diálogo IX, cap. 18 diz: «E cuido que só este pensamento é ao enfermo mór enfermidade, vendo-se cercado de... abutres, que, sendo vivo, o tem por morto».

Os flancos ou *alas* de um exército são equiparados às asas das aves, e êste mesmo vocábulo, como *adejar*, que dêle deve provir, sem falar em *voar, esvoaçar*, etc., a gente o aplica a si em sentido figurado [1].

Alvéloa ou *arvela,* na pronúncia popular, é um passarinho de plumagem branca e negra, que tantas vezes vemos aos saltos em roda dos arados, em procura dos vermes na terra que êles vão sulcando; assim se chama também a mulher franzina e delicada (Morais).

Pela sua leveza e fragilidade comparamos às *teias de aranhas* as ninharias, bagatelas, ilusões ou preconceitos que a nossa imaginação forja, dando-lhes, não raro, importância que na realidade não possuem.

---

[1] O mesmo entre os Romanos, que chamavam igualmente *ala* à parte do braço que fica entre o ombro e o cotovelo (cf. Horácio, *Epist.* I, 13: *ne forte sub ala fasciculum portes librorum)*, a certa porção de cavaleiros, no exército, e ainda a outros objectos comparáveis às asas. Cf. também a expressão *palavras aladas* (ἔπεα πτερόεντα), tão freqüente nos poemas homéricos. Em sentido idêntico diz Plauto, *Amphitrus* I, 1, 170: *vox mihi ad aures advolavit.*

Parece ou pelo menos é crença geral que dentre os animais com que diàriamente convivemos é o *asno* ou *burro* o mais estúpido; donde dar-se o mesmo nome ao indivíduo falho de inteligência [1].

Bicho é entre o povo a designação genérica sôbre tudo de qualquer insecto; em linguagem mística assim se classifica também o homem, considerado como ser mesquinho e vil; por êsse motivo talvez damos igual designação ao indivíduo que exerce um ofício baixo, donde *bicho da mantieiria, da cozinha*. Ainda a mesma designação, só ou acompanhada do qualificativo *do mato,* tenho ouvido dar à pessoa concentrada e metida consigo. Pelo respectivo feminino é conhecida entre o povo a *víbora;* daí aplicarem-se ambos os nomes à mulher de génio violento e irascível.

Sem dúvida porque, à semelhança da ave assim chamada, é de noite especialmente que exerce o seu ofício, dá-se o nome de *bufo* ao polícia que, ao contrário dos outros, não usa sinal exterior que o diference dos restantes cidadãos e dificultaria a sua missão de descobrir crimes ou conjuras, envoltos no máximo segrêdo.

De *cabra* é costume alcunhar-se a mulher que, como o animal homónimo, *salta* freqüentemente por sôbre as leis da moral e honestidade.

---

(1) Lá diz Plauto no seu *Pseudolus,* 1, 2, 4: *neque ego homines magis asinos unquam vidi.*

O que muda com facilidade de opinião, consoante os seus interêsses, e sabe amoldar-se a tôdas as circunstâncias, virando a casaca, como se usa dizer, a todo o momento, é comparado ao *camaleão*, que se diz tomar várias côres.

O *cão*, apesar das qualidades que o exornam, tão excelentes que levaram Schopenhauer, se não estou em êrro, a dizer que, quanto mais conhecia o homem tanto mais apreciava aquele; êsse animal, duma dedicação invulgar ([1]), é todavia, desde remota antiguidade, considerado o emblema da impudência e desfaçatez, como o mostra o seu derivado *cínico*, que ainda hoje conserva a primitiva significação. À mulher impudica e sem vergonha damos o mesmo nome de *cadela* que a formosa Helena a si própria aplicava, nos momentos de certo em que sentia os rebates da consciência ([2]), e ao homem que a procura costumamos apelidar de *cadeleiro*; de cão procede também o verbo *encanzinar*.

Cuco se chama o marido enganado; tal compa-

([1]) Já Homero na *Odissea* apresenta o Argos, o velho cão de Ulisses, contràriamente ao porqueiro Eunes (XIV, 36), reconhecendo o seu antigo dono, não obstante os farrapos que o cobriam e haver já vinte anos que não o via, e morrendo sùbitamente de alegria (XVII, 327, 291).

([2]) Homero, *Ilíada*, VI, 344 e 356. Também entre os Romanos *canis* era epíteto injurioso, como se pode ver, por exemplo, em Terêncio, *Eunuchus* 803; *ain vero, canis?* e Horácio, *Epod.* VI: *quid immerentes hospites vexas, canis ignavus adversum lupos?*

ração resulta de se crer que a fêmea da ave dêsse nome se mete no ninho doutras, o que não está bem averiguado. Na farsa *Inês Pereira* de Gil Vicente encontra-se essa comparação [1], junta à de *cervo* e *gamo,* animais de notável armação, símbolo do casado a quem tal precalço acontece.

Quando dizemos que um indivíduo *arrasta a asa a uma mulher,* em vez de nos servirmos de *cortejar* e *namorar* ou outro vocábulo de sentido idêntico, comparamo-lo ao *galo* e, como a respectiva fêmea o faz aos ovos, nós *chocamos* por vezes uma ideia, uma doença, quando pensamos na maneira de pôr em prática aquela ou, antes que esta se revele claramente, nos sentimos indispostos e num indefinido mal-estar.

A meretriz tinha já entre os Romanos a designação de *lupa* ou *loba,* donde chamar-se *lupanar* ao prostíbulo; daí, segundo Tito Lívio (I, 4), a conhecida fábula, perpetuada pelo bronze, da amamentação dos fundadores de Roma, quando infantes, por êsse animal [2]. Não se me afigura clara a razão

---

[1] *Cuculus* chama Plauto (*Trinummus,* 245) ao que se deixa embair pelas carícias falsas da amante.

[2] *Larência* dizia a tradição chamar-se a mulher de *Faustulo,* o chefe dos pastores do rei *Amúlio.* Deve de-certo ter havido aqui influência de *Acca Larência* (ou *Larentina),* originàriamente talvez identificada com a Mãe dos Lares, *Lara Larunda,* que, como *Lupa* ou *Luperca* (donde as festas *Lupercais*), amamentava os dois espíritos protectores da cidade de Roma, Pico e

de tal semelhança, a não ser que a mulher em questão costuma devorar os haveres de quem lhe cai nas mãos; é possível todavia que, como afirmam os etimólogos, a palavra *lupa* seja um divergente de *vulpes* ou *raposa;* sendo assim, compreende-se essa assimilação, pois êste animal é, desde tempos remotos, tido como símbolo da astúcia e manhas correlativas que caracterizam a mulher que exerce tal profissão e por isso o seu nome e o seu sinónimo *zorra* ainda hoje são dados ao indivíduo de qualquer dos sexos em que essas qualidades se revelam.

À amante do padre tenho ouvido chamar *mula* [1], ou por que em geral não aparece com filhos, tal qual aquele animal, que o povo classifica de *malina* ou *maninha,* ou antes por ser êste animal o prefe-

---

Fauno, devendo a êste nome de *Luperca* (pròpriamente a que afasta *(arcet)* os lobos *(lupos),* ascender a lenda da loba, que deu de mamar aos dois irmãos. Posteriormente fêz-se dela uma personagem histórica e ama de Rómulo e Remo. Mas, porque *lupa* tinha também significação indecorosa (cf. por exemplo Cícero *(Mil.* 55) *ille qui semper secum scorta, sempre lupas duceret),* no intento de explicar a amamentação da loba, fêz-se aparecer a ama como meretriz: (cf. Tito Lívio, cap. IV, do livro I, nota de Moritz Müler).

(1) Morais, citando o dito do *Livro Velho das Linhagens,* pretende, a meu ver, sem razão, corrigir em *manceba* a classificação de *mula (delrei de Portugal),* que êle dá a certa D. Delgradelin: cf. o conto intitulado *A ama do padre* na *Rev. Lusitana* 11, 322. Catulo chama *mulo* a um homem (83.3) como nós diríamos *besta* ou *cavalgadura.*

rido pelos abades, bispos e grandes senhores, quando viajavam.

O homem astuto, sagaz, velhaco, costuma ser equiparado ao *melro,* provàvelmente por se crer existirem essas qualidades nesta ave.

Já pelos antigos foi notado, como se vê da fábula, o orgulho que o *pavão* tem na sua, realmente bonita, plumagem; donde dar-se o mesmo nome ao inchado da vanglória e também o verbo *pavonear-se* ou *apavonar-se.*

Do costume talvez de, antes de o matar, fazer ingerir vinho ao perú, para lhe tornar a carne mais tenra e macia, veio para a bebedeira a denominação de *perua.*

De *urso* é alcunhado aquele que evita a sociedade; daí porventura chamar-se assim também nas escolas ao estudante que sobressai entre os condiscípulos pelos louros alcançados, na maioria dos casos, por aplicação constante, que se não coaduna com excessivo convívio.

De uma pessoa que se irrita como a *vespa,* quando a provocam, dizemos que se *abespinha.*

De *serpente* (forma que coexistiu com *serpe)* fêz-se *serpentar* ou *serpentear* (a-par-de *serpear* ou *serpejar*) e, como se me afigura, o popular *sarapantar* ou *assarapantar* (1), isto é, causar susto igual ao

---

(1) Só em Constâncio (Dic.) encontro esta etimologia. Devo esta observação ao meu amigo dr. Sá Nogueira.

que se experimenta, ao ver o ofídio, e *sarapintar* ou cobrir de manchas, à semelhança do mesmo, devendo, porém, neste último vocábulo ter influido a etimologia popular.

E... fico por aqui, pois, se quisesse enumerar tôdas as metáforas que ou herdamos com a língua ou criamos pela nossa parte, quási que teria de transportar para aqui todo o vocabulário, tão grande é o número delas.

GRAMÁTICA

I

Plural dos nomes terminados em «l» e nasal e evolução em português destas consoantes

Algumas gramáticas, ao ocuparem-se da formação do plural dos nomes terminados em *l*, dizem que esta letra se muda nuns em *es* (na actual ortografia oficial *is)*, noutros em *s* ou *eis*. Embora tratando-se de livros elementares e de intuitos puramente práticos, parece-me que tal preceito, além de não corresponder exactamente à verdade, porque em fonética tais trocas não são possíveis, deverá causar grande confusão em quem aprende. Ora, como o processo da formação do plural dêstes nomes está ìntimamente ligado com a evolução sofrida pelo *l*, parece-me não será de todo descabido dar aos que a desconhecem a história desta consoante, tanto mais que ela apresenta um fenómeno, apenas conhecido da língua portuguesa (e conseqüentemente da galega), que por isso lhe dá uma característica especial, que a distingue das suas irmãs. Antes, porém, de expor as transformações por que no decorrer do tempo

essa letra tem passado, devo observar que dos vocábulos em que elas se revelam, naturalmente só aproveitarei para exemplo os chamados *populares*, isto é, os que, uma vez acolhidos pelo povo, foram evolucionando na bôca dêste, vivendo portanto a sua vida, ao contrário dos *literários* ou *eruditos*, que morreram com a língua de que faziam parte, tendo sido apenas uma que outra vez erguidos da sua jazida com o vestuário com que estavam enterrados.

Como é sabido, o *l* tem em fonética o nome de *lateral*, porque, ao proferir-se, o ar expelido dos pulmões, encontrando na sua frente, a impedir-lhe a saída, a extremidade da língua, encostada a um ponto qualquer da linha média do palato, desde os dentes até ao véu palatinal, escoa-se pelos dois *lados* dela. E, porque êsse ponto de articulação pode residir ou nos alvéolos dos incisivos superiores ou no véu palatinal, conforme êle se encontra ou no princípio de sílaba e depois de consoante, ou em fim de sílaba e precedido de vogal, o *l* chama-se *palatal*, no primeiro caso, *velar*, no segundo.

Esta diferença de pronúncia, que dos Romanos era também conhecida [1], é importante, porque com ela varia a maneira como foi tratada a consoante. Esta podia achar-se no princípio, meio ou fim de vocábulo e em qualquer dos casos apresentar-se só

---

[1] Assim nos informa Prisciano, notável gramático do século VI; cf. Sommer, *opus laudatum*, pág. 166.

ou acompanhada doutra ainda; quando média, estar em contacto com vogais apenas ou com estas e consoantes.

Quando inicial de palavra, manteve-se sempre assim: *lavrar, ledo, ler, liar, logo, lodo, luz*, etc., mas, ainda na primeira sílaba, se o precedia alguma das consoantes com que pode formar grupos próprios, isto é, *c, p* e *f*, fundiu-se com elas, resultando daí, a sibilante palatal *ch*, que, tendo sido antes um som composto, hoje, com excepção apenas de parte do Norte do país, sôa simples: (1) assim: *chave, chama, chorar*, etc. Quando com as mesmas consoantes começava sílaba interna, experimentou igual tratamento, se a esta precedia consoante, mas transformou-se em *lh*, (2) se vogal: assim: *funcho, inchar, encher, gra-*

---

(1) Contràriamente ao que sucedia ainda no princípio do século XVIII (cf. *Die ptg. Sprache* de Cornu, pág. 972 (nota) do vol. I do *Grundriss der rom. Philologie* de Gröber), hoje em quási todo o Portugal não se faz diferença entre *ch* e *x*, pronunciando-se da mesma maneira a sílaba inicial, por exemplo, de *chave* e *xarope*, o que trás dificuldades à ortografia; já assim não acontece onde ela se mantem, pois aí dizem-me que os pequenos da escola, ao fazerem ditado, sabem como hão de escrever, em vista da pronúncia do seu professor (quando oriundo da região, é claro) ser *tx* no primeiro caso e só *x* no segundo. Facto idêntico deu-se também no francês, mas muito mais cedo que entre nós, ascendendo já ao século XIII (cf. Darmesteter, *Cours de Gram. Historique, Phonétique*, pág. 135) a redução a simples daquele som composto.

(2) Para que os três grupos produzissem um som único, há de, a meu ver, admitir-se que dois dêles se assimilaram a um

lho, escolho, etc., som êste que em qualquer dos dois casos tomou, se a consoante precedente era *g;* assim: *senlheiro* (arcaismo), *coalhar, telha,* etc. Êste foi o tratamento primitivo e portanto inteiramente popular sofrido pelos mencionados grupos, quer latinos, quer doutra origem; mais tarde outro se operou nos vocábulos postos a correr pelos homens de letras, no qual o *l* apenas permutou com a outra líquida, *r*, abrandando a consoante que o antecedia, se era forte e estava precedida de vogal, com excepção do *g*, que nem sempre se manteve: assim: *crasta, freima, prazer, brando, afrigir* (arc.), *empreita, dobrar, grude, segral, lándoa,* etc.

Quando em fim de sílaba, manteve-se umas vezes, vocalizou-se outras: [1] assim: *solto, souto, muito, toupeira,* etc.

Quando intervocálico, se duplo, simplificou-se,

---

terceiro, talvez *cl,* no qual depois se teria desenvolvido um *i*, que a seguir palatalizaria o *l,* suplantando-o por fim (cf. italiano antigo *cliave,* hoje *chiave)* e, por ser forte a consoante que o precedia, se tornaria também forte, dando assim *cx,* que passaria depois a *tx;* isto no caso do *ch,* pois no do *lh* êsse *i* molharia o *l,* segundo a sua tendência, com assimilação do *c* a êle.

[1] Resultou esta vocalização, que em francês é perfeitamente regular, da qualidade de velar do *l,* pois dêle diz Gonçalves Viana, a pág. 46 da sua *Exposição de Pronúncia Normal Portuguesa,* que o seu «efeito acústico é quási de um *u* muito sumido ou do *w* inglês». Veja-se também a já citada obra de Darmesteter, a pág. 137 e seguintes.

se simples, caiu, mas, se se lhe seguia *i* e outra vogal, combinou-se com aquela, produzindo o som molhado, que nós representamos por *lh* à provençal, assim: *baleia, cebola, paço, pombo, filho, mulher,* etc.; no caso, porém, de estar em sílaba final e ser a vogal subsequente *e,* menos vezes *u,* continuou a persistir, mas esta desapareceu: assim: *cal* (dantes *caal* ou *canal), cabedal, paul, amável, anel, lençol,* etc.

A queda do *l* intervocálico deu-se a dentro da língua e quando esta contava já bastantes anos de existência, aí pelo século XII, segundo opina Cornu (1) ou no anterior, conforme pensa Leite de Vasconcelos (2), que a explica pela guturalização do *l,* resultante de êle se pronunciar encostado à vogal que o precedia.

Estas foram as transformações sofridas pelo *l* na sua passagem do latim ou doutras línguas para o português; se algumas apresentam certos vocábulos que delas se afastam, essas excepções são apenas aparentes e acham-se explicadas por Leite de Vasconcelos nas suas *Lições de Philologia Portuguesa,* págs. 295-7, e por mim na minha *Gramática Histórica,* págs. 89, 105-6, 131 e ainda 91.

Vimos, pois, que o *l,* colocado na última sílaba da palavra e tornado final pela queda da vogal subsequente, se manteve, sucedeu, porém, que, ao

---

(1) Cf. o seu trabalho atrás indicado, a pág. 970.

(2) *Lições de Philologia Portuguesa,* pág. 295.

ajuntar-se-lhe a desinência *-es*, própria do plural dos nomes terminados em consoante, a sua posição variou, passando a intervocálico e seguindo portanto a sorte dêste, isto é, caindo. Mas na junção da vogal que o precedia àquela desinência, quando as duas por natureza se aproximavam uma da outra ou, por outros termos, eram *e* ou *i*, deram-se com o decorrer do tempo fenómenos fonéticos que vieram alterá-las. Assim, se a que precedia o *l* era *i*, a da desinência do plural assimilava-se a ela, fundindo-se depois as duas numa única, quando sôbre aquela recaia o acento tónico, porém, no caso contrário, dava-se o inverso: a primeira passava a *e*, se já não era tal de origem, e a segunda a *i*, como se vê dêstes exemplos: *a) aguazis, ardis, arrabis, civis, covis, mulheris, peitoris, redis, servis, touris, vis*, etc.; *b)* 1.º *alugueis, aneis, cinzeis, crueis, farneis, picheis, toneis*, etc.; 2.º *dóceis, fáceis, férteis, hábeis, móveis*, etc.

Afigura-se-me, pois, que, mais em harmonia com a verdade dos factos, se poderá dar, para a formação do plural dos nomes terminados em *l*, a regra seguinte: obtem-se o plural de tais nomes, adicionando, como a todos os terminados em consoante, a desinência *-es*, tirando-lhes, porém, depois o *l* e passando a *i* o *e* de *es*, quando, em virtude do desaparecimento do *l*, se encontra em contacto com outro *e*, mas, se pela mesma causa, vier a juntar-se a um *i*, assimilando-o a êle, reduzindo depois os dois a um só em sílaba tónica, mudando o primeiro para *e* em

átona (1) ou seja passando *ees* sempre a *eis* e *ies* a *iis*, depois *is* ou *eis*, conforme a sílaba fôr acentuada ou não.

Outra consoante há que, em virtude das transformações sofridas, faz que seja também aparentemente irregular a formação do plural dos nomes em que entra; é o *n*, que, como o *l*, afasta sob êsse ponto a nossa língua e portanto a galega das que trazem a mesma origem; é o que passamos a ver.

A propósito do *l* dei como regra que os nomes terminados em consoante faziam o plural com a adjunção da desinência *-es* ao singular, tal qual sucedia em latim em circunstâncias idênticas. As excepções a esta regra são apenas aparentes, segundo já ficou demonstrado a respeito daquela consoante. Mas, além dela, são ainda finais de palavras *r*, *s* e *z*, sôbre as quais não pode haver dúvida (2), e *m* ou

(1) Para a actual ortografia oficial a regra será esta: Os nomes terminados em *l* formam o plural adicionando-se-lhes, como aos restantes acabados em consoante, a desinência *es*, com supressão a seguir do *l* e troca em *i* do *e* de *es*, seja qual fôr a vogal que preceda a consoante, exceplo *i*, que, quando tónico, funde-se com aquele, passando depois os dois a um só, quando átono, muda para *e*.

(2) Os nomes em *s*, dizem os gramáticos, não mudam de forma do singular para o plural, mas nem sempre assim foi, pois escritores do século XVI dão-lhes no plural a costumada desinência *-es*, escrevendo *alferezes*, *arraizes*, *ourivezes*, etc. A invariabilidade actual deve datar do tempo em que o *s* final, tendo

n, em que os processos variam; que também aqui a excepção à regra é apenas aparente é o que a seguir passo a mostrar.

Parece definitivamente assente que já no latim preliterário o *m* final e o *n* em certos casos haviam perdido o seu primitivo som especial para comunicarem um nasal à vogal que os precedia [1]. Isso mesmo deduz-se da maneira como os dois fonemas foram tratados pelos que nos precederam, há já bastantes séculos, no território em que nos encontramos, a qual em resumo foi a seguinte:

Quando iniciais, qualquer das duas consoantes continuou a permanecer, como aliás tôdas as demais em condições idênticas, assim: *malha, mesa, milho, moer, mudo, navio, neve, ninho, noite, nu,* etc.

Quando precedidas de vogal e seguidas de *yod,* como os foneticistas chamam ao *i* ou *e* latinos que veem antes de *a* ou *o* [2], o *m* conservou o seu som,

---

tomado um som aproximado do *z,* veio, pela queda do *e,* intermédio, a absorvê-lo; o povo, que considera de singular alguns nomes do plural, dá-lhes *-es* neste número, dizendo *avoses, filhoses, ilhoses,* etc.

(1) É o que se conclui de, nas inscripções mais antígas, não figurar por vezes o *m,* indicador do caso acusativo, e de o *n* ter em muitas delas sido omitido antes de *f* e *s;* afora isso, há o testemuuho dos gramáticos latinos, que se pode ver, entre outros autores, em Niedermann, *Précis de Phonétique Historique du latin,* pág. 43 e 83 a 85.

(2) Em fonética chama-se também *yod,* porém *românico,* para o distinguir do acima, que se diz *latino,* o *i* resultante de

mas o *n* combinou-se com êle, resultando daí o que se classifica de *molhado* e nós representamos por *nh* à provençal, assim: *vindima, lenha, linha,* etc.

Uma e outra, quando, dentro da palavra, se achavam precedidas de vogal e seguidas de consoante, nasalaram aquela, excepto se a segunda das consoantes era igual à primeira ou no grupo *mn,* em que o *m* se assimilou ao *n,* pois neste caso simplificaram-se as duplas, conforme a sua tendência, conservando todavia o seu som próprio; assim: a) *encher, empreita, santo,* etc.; b) *chama, soma, anel, pena,* (1) *dono, sono,* etc., mas, se entre vogais, o *m* persistiu e o *n* comunicou o seu costumado som nasal à vogal com que se achava em contacto, som que, se nalguns vocábulos ainda perdura, na maioria dêles perdeu-se, e tornou-se molhado, quando a vogal que o precedia era *i,* assim: *comer,*

---

consoante, o qual por vezes produz resultados iguais aos daquele (cf. *conhecer, cunhado, punho, senha,* etc.

(1) A-par-de *pena,* há *penha,* formas estas que, nos dois números e também acompanhadas de um qualificativo ou seguidas de sufixos vários, ocorrem muito na toponímia; assim: *Pena, Penas, Penha, Penhas, Penalta, Penalva, Pena Grande, Pena Longa, Penha Longa, Penha Verde, Penedo, Peneda, Penela, Pinhaço,* etc., etc. Em Lisboa existem a freguesia chamada *da Pena (Nossa Senhora)* e a igreja da *Penha de França.* É escusado advertir que da língua comum desapareceu *pena,* usando-se hoje só os derivados, *penedo,* etc. Sôbre esta forma e *penha,* que a suplantou, cf. Leite de Vasconcelos *Revista Lusitana,* IV, 131 e 273, e *Lições de Philologia Portuguesa,* 268.

chamar, funcho, painço, joelho, moeda, semear ([1]), *dinheiro, vinho,* etc. Neste caso podia ainda o *n* encontrar-se na sílaba final da palavra e então a sua acção sôbre a vogal que o precede é a regra geral.

Vejamos agora como êsses nomes formam o plural.

Dizem as gramáticas, e assim é, que aos nomes terminados em *-em, -im, -om, -um* se lhes ajunta um *s*, mudando porém em *n* o *m* com que entre nós é uso indicar a nasalidade da vogal em fim de palavra ([2]), o que aliás não podia deixar de ser, visto seguir-se-lhe uma dental (assimilação incompleta). No mesmo caso estão os em *-ã*, que também se poderia escrever *-am*, com a diferença que nestes é mais corrente representar-se a nasalidade nos dois números pelo sinal ortográfico, chamado til. Note-se todavia que, se, na formação do plural, estes nomes seguem os temas vocálicos, não quer isso dizer que todos o sejam; são-no com efeito os em *-ã, -om* e *-um;* quanto aos em *-em* e *-im* foi a evolução que

---

([1]) O *-n-* de *pena, feno, menos, menor,* etc., é devido a reacção literária, pois a antiga língua dizia *pea, feo,* etc.

([2]) Às vezes, mas raramente, também ela se indica por *n*, como em *gérmen,* que pode ter dois plurais, conforme sôa ou não nasal a sílaba final; no primeiro caso segue a regra dos nomes em *-em,* isto é, *germens* (Epifânio, *Gram. Portug.* § 3 a), no segundo, a dos em consoante, isto é *gérmenes* (Gliz. Viana, *Dicionário);* assim *canon, liquen*, etc.

os tornou tais, pois com a queda da consoante, que, como nos outros, deixou vestígios da sua existência apenas no som que comunicou à vogal, veio esta a juntar-se à seguinte, a qual, se lhe não era igual, não tardou em assimilar-se a ela, como aconteceu nos em *-im*. Houve tempo em que as duas vogais se proferiram, até que se reduziram a uma só; assim, emquanto nós hoje dizemos *lã*, *lãs*, *homem*, *homens*, *fim*, *fins*, *som*, *sons*, *jejum*, *jejuns*, etc., diziam os antigos *lãa, lãas, homẽe, homẽes, fĩi, fĩis, sõo, sõos, jejũu, jejũus,* etc. [1].

Afora estes, há os nomes em *-ão,* dos quais, no plural, uns manteem o *a,* ao passo que outros o mudam em *o,* tomando no mesmo número aqueles *-s* e estes *-es*.

Ainda aqui a razão desta diferença de tratamento é apenas aparente, como vai ver-se.

Entre os assim terminados há-os hoje de temas vocálicos e consonânticos, não assim na antiga língua, que os distinguia, dizendo, por exemplo, *cã* ou *cam* (o animal), [2] *pam,* etc.; foi só no século XVI que

---

[1] Ainda na *Gramática* de João de Barros, cuja 1.ª edição é de 1591 (regulo-me pela de 1785) lê-se: Os nomes que acabam nestas terminações, *em, im, om, um,* se forma acrescentando-lhe *es, is, os, us* e o *m* final poemos em cima da vogal precedente e fica reflexa e dizemos: *bem, bẽes, pentem, pentẽes* (hoje *pentes*), *beleguim, beleguĩis, cetim, cetĩis, bom, bõos, tom, tõos, atum, atũus.*

[2] Mas *cão* o adjectivo: cf. o apelido do descobridor do Congo.

tal confusão se deu, devido a, nesse tempo, assim as vogais como os ditongos nasais *ã, õ* e *õe* terem sido assimilados ao *ão,* resultante de temas vocálicos. Por êsse motivo, em vez de *cam, pam, ladrom, multidõe,* etc., passou a dizer-se *cão, pão, ladrão, multidão,* etc., continuando, porém, os respectivos plurais a fazer-se, como se persistisse no singular a forma anterior, e representando-se a nasalidade pelo til, em vez do *m* do singular. Quanto aos de temas vocálicos, êsses continuaram a formar o respectivo plural consoante a regra própria de tais nomes, isto é, com a adjunção apenas do *s* ao singular, assim: *cristãos, grãos, mãos, sãos, vãos,* etc.

Da suplantação do antigo *-õ,* que nalgumas partes de Portugal ainda se ouve, pelo actual *-ão,* resultou, a confusão entre os dois e daí o dar-se o plural *-ães* a nomes que o deviam ter em *-ões* e vice-versa [1], confusão que não é moderna, como mostram as grafias *dões, sões, carvões,* etc., encontradas em textos já antigos, devendo contudo notar-se que o *-om* parece ter tido mais predomínio, a julgar de muitos derivados de nomes em *-ão,* como *açafroal, feijoeiro, seroar,* etc.

Regra que na formação do plural englobe todos estes nomes poderá ser talvez esta: Os vocábulos

---

[1] Assim diz-se, por exemplo, *feijões, fuões, varões,* etc., quando o regular seria terem o plural em *ãos;* outros nomes fazem-no das duas formas, como *alãos, alães, aldeães, aldeões, anciãos, anciões,* etc.

que no singular acabam em vogal ou ditongo nasais (*ã, em, im, om, um, ão*) formam o plural: os primeiros segundo a regra dos terminados em vogal, isto é, com acrescentamento de *s* e passagem (na grafia, é claro) a *n* do *m* final do singular, com excepção dos em *ã*, que continuam a figurar pelo til a nasalidade da vogal; os segundos com a adjunção de *-s* ou *-es* e persistência ou não do *o* do ditongo, conforme êle faz ou não parte do tema; assim: *a*) 1.º *bem, bens, fim, fins, tom, tons, atum, atuns,* etc.; 2.º *anã, anãs, romã, romãs,* etc.; *b*) 1.º *grão, grãos, são, sãos, zángão, zángões,* etc.; 2.º *cão, cães, pão, pães, coração, corações,* etc. A destrinça se o *o* entra ou não originàriamente no singular só a pode dar o conhecimento das formas usadas na antiga língua ou um bom dicionário etimológico. Serão de tema vocálico e conservarão portanto o *o* no plural os nomes que em latim faziam parte da segunda e quarta declinações, no caso contrário estarão os da terceira, devendo, porém, notar-se que, embora a maioria dos vocábulos desta fôsse de tema consonântico, pela conservação do *e* do acusativo, passaram em português para vocálico, excepto quando aquela vogal estava precedida de consoante, que podia encostar-se à que lhe vinha atrás.

II

Variabilidade e invariabilidade dos adjectivos

É manifesta bastante a quem analisa a linguagem a influência que nela exerce a analogia, fazendo que as palavras, na sua evolução, não raro se afastem do caminho que lhes estava naturalmente traçado pelas leis que a ela presidem; a única diferença está na maneira como estas operam, que é espontânea, sem qualquer interferência do espírito, ao passo que aquela é filha da reflexão e portanto consciente (1). Assim, quando, por exemplo, o povo diz *convessar*, não faz mais do que obedecer a uma lei fonética, de existência bastante antiga, pois vêmo-la já praticada pelos Romanos, a qual faz, no grupo *rs*, assimilar-se a primeira à segunda destas duas consoantes (2). É regular a passagem de surda a

---

(1) Já atrás me referi ao papel importante desempenhado, na língua, pela analogia e dêle terei ainda ocasião de falar.

(2) O nome *Alpiarsa* da vila estremenha é pronunciado *Alpiassa* pelo povo, em virtude da mesma lei que de *adverso*,

sonora, sempre que se acha entre vogais, facto que ainda se pode observar na fala, no entanto tal não se observa em *deter;* porque? Certamente porque êste vocábulo passou sempre aos ouvidos de quem o pronunciava como um composto de *ter* [1]. Pode, pois, considerar-se a analogia como uma lei de carácter reflexo, que se opõe a outra de natureza inteiramente contrária, e cuja acção se não limita apenas aos sons componentes da palavra, mas se estende a tôda ela. Dão-nos disso prova alguns adjectivos nas formas que hoje apresentam e que nem sempre foram as mesmas, como passo a mostrar.

No latim havia, como se sabe, duas classes de adjectivos, uns de temas em *o*, *a*, outros em consoante, os quais seguiam as declinações dos nomes em circunstâncias idênticas e portanto, no caso acusativo, o único geralmente sobrevivente no romance,

---

corsário, dorso, verso, etc., fêz *avesso, cossairo, dosso, vesso,* etc.; a sua origem, creio ser árabe, ignoro, porém, se há nêle o grupo *rs* ou *rç*, mas para o caso isso nada tem, visto a pronúncia de ambos ser hoje igual.

(1) É escusado advertir que o mesmo fenómeno se dá em tôdas as línguas, mas basta-me o latim que, a par de *adhibeo, exhibeo, inhibeo,* dizia *posthabeo,* conservando o *a* do simples, que naqueles passara a *i*. Sucede até encontrar-se a apofonia ou enfraquecimento de vogal breve dentro de palavra composta só em formas populares; assim, enquanto a língua culta não a operou, por exemplo, em *separare, comparare,* fê-lo a vulgar, como se infere de *sevrer* (francês), *comprar* (português), etc.

aqueles mantinham as mesmas vogais, ao passo que estes terminavam em *-e*, não contando, é claro, em ambos os casos, com o *m*, reduzido cêdo a ressonância nasal, segundo parece, depois desaparecida. Perdido o género neutro, o masculino e feminino, como aliás já acontecia nos substantivos, passaram a ser caracterizados por aquelas duas vogais, mas, nos adjectivos da segunda classe, em que tal diferença se não dava nos dois géneros, a mesma e única forma não podia deixar de ser-lhes comum, daí, por exemplo, *mau*, *má*, porém *grande*, etc., isto é, aquele *biforme*, êste *uniforme*. Por esta razão todos quantos terminavam em *-dôr* (*-tor*, *-sor*), *-or*, *-ol*, *-nte* e *-es* (resultante de *-ens*), na antiga língua, possuiam apenas uma forma única para ambos os géneros e dêles alguns ainda manteem essa invariabilidade. Nos Cancioneiros trovadorescos encontramos, referidos a nomes femininos, os adjectivos *devedor*, *entendedor*, *jazedor*, *ladrador*, *mercador*, *merecedor*, *morador*, *pecador*, *perdoador*, *preitejador*, *rengedor*, *sabedor*, *sofredor*, *traedor* e *tecedor* (1). Esta invariabilidade continuou ainda por muito tempo, como no-lo atestam, entre outros textos, a *Virtuosa Bemfeitoria* do Infante D. Pedro (sec. XIV), a comédia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (séc. XVI) e ainda, no séc. XVIII, António Dinis da Cruz e Silva, no seu

---

(1) Outros mais apresenta D. Carolina Michaëlis na sua crítica à edição do *Cancioneiro de D. Denis*, do dr. H. Lang.

Hyssope, assim procede com o adjectivo *português* (1).

Mas a tendência para harmonizar o adjectivo com o género do substantivo manifesta-se logo no princípio da língua escrita. Assim é que a forma *parenta* aparece nada menos de quatro vezes na cantiga 37 do *Cancioneiro da Ajuda;* o mesmo sucede na *Crónica Troyana*, códice galego do século XIV, que ao nome *infante*, de desinência idêntica, dá igualmente o feminino *infanta;* essa variabilidade é hoje a regra, mas durante muito tempo, em harmonia com a sua origem, foram as formas, actualmente tidas por masculinas, as que mais predominaram, ainda quando aplicadas a pessoas do outro sexo. D. Afonso, o Sábio, nas suas *Cantigas de Santa Maria*, ao contrário do que hoje fazemos, dá feminino aos adjectivos *cortês* e *montês*, mas no *Fabulário Português*, texto do século XV, aparece a forma *cortês*, seguida, embora separada, a indicar a consciência da composição, da desinência *-mente.*

---

(1) No canto V põe êle na bôca do P.e Mestre estas palavras:

> D'esta audacia, senhor, d'este descoco,
> Que entre nós sem limite vai grassando,
> Quem mais sente as terriveis consequencias
> É a nossa portuguès casta linguagem.

A antiga invariabilidade de *português* é mantida ainda, como se sabe, no respectivo advérbio.

A palavra *senhor*, na sua origem também adjectivo, ainda que na maioria dos casos seja invariável na língua dos trovadores, uma que outra vez lá toma a desinência *-a* própria do feminino (1).

Mas o contrário, isto é, a passagem de variável a invariável também não é sem exemplo. Em textos antigos encontram-se os adjectivos *contente*, *firme* e *covarde*, escritos *contento*, *fermo* e *covardo; só*, que devia ter e teve realmente duas formas distintas, visto pertencer, como aqueles, à primeira classe dos adjectivos latinos, actualmente possui uma única para os dois géneros. A *comum*, provàvelmente porque se viu aqui um composto de *um*, deu-se-lhe o feminino *comũa*, êste, porém, substantivou-se mais tarde, perdendo depois a nasalidade, e o masculino ficou invariável.

Resultante duma expressão constituida pelo substantivo *filho* ou *filha*, seguido do respectivo possessivo *de algo*, nome que na língua antiga era sinónimo de *riqueza*, é o vocábulo *fidalgo*, (2) que passou

---

(1) Facto idêntico passa-se noutras línguas; lembrarei apenas o francês *grand*, que, a princípio uniforme, passou depois a biforme, subsistindo o uso antigo apenas em expressões como *grand'mère, grand'messe, grand'chose*, etc., que se deviam de escrever *grand mère*, isto é, sem o apóstrofe, que não tem razão de ser.

(2) A queda da sílaba *-lho* ou *-lha*, resultou da junção da palavra em que ela entra às que se lhe seguem, o que é um caso de *próclise*.

à classe dos adjectivos, e, porque terminava em *o*, enfileirou entre os variáveis, todavia, em um documento do século XIV (cf. *Revista Lusitana*, vol. XIII, pág. 15), encontramos a expressão *molher fidalgo*.

Vê-se, pois, que a língua sob a acção da analogia, tende ao nivelamento das formas vocabulares, assimilando-as umas às outras e reduzindo assim o número de excepções.

III

Comparação

É sabido que, com excepção de certos comparativos, em número muito reduzido, como *maior*, *melhor*, *peor*, *menor*, *senhor* (tornado depois substantivo), os quais continuam as formas latinas correspondentes, todos os mais se formam pela adição do advérbio *mais* ao positivo. Note-se, porém, que, a-par desta partícula, a língua antiga, durante certo tempo, empregou também *chus*, um representante de *plus*, hoje completamente desaparecido, com excepção apenas do modo de dizer proverbial e ainda, que eu saiba, não satisfatòriamente explicado: *nem chus nem bús*. Num códice inédito, que se me afigura ter sido escrito no século XIV, ocorrem, entre outros, estes exemplos: *logares chus asperos* (40); *lhis semelha o nome chus fremoso* (77); *chus negro ca pez* (114).

Semelhante processo ascende já ao latim literário que, embora, na maioria dos casos, se servisse do comparativo orgânico ou constituido pelo sufixo *-ior* (antes *-ios*), casos havia, como nos adjectivos cuja vogal final do tema se achava pre-

cedida de outra (ex.: *idoneus*, *dubius*, *arduus*, etc.), em que lançava mão da formação perifrástica, antepondo ao positivo os advérbios *magis* [1] e *plus*, e que êle foi o preferido pelo popular mostram-nos as línguas hoje suas representantes, as quais usam umas *mais* (*más* em espanhol), outras *plus* (francês) ou *più* (italiano). Fôsse qual fôsse o modo de formação, sintético ou analítico, o segundo termo de comparação era constituido ora pela partícula *quam* (ex.: ignoratio futurorum malorum *utilior* est *quam* scientia) ora pelo ablativo (ex.: *vilius* argentum est *auro*).

Estes dois processos foram seguidos pelo português, sobretudo na sua fase arcaica. Nos escritos medievos há disso exemplos que farte. Além do acabado de citar, encontram-se mais estes no referido códice: «sabi (imperativo) que largueza de coraçon he mais doce *ca* mel; nehũas outras graças non son melhores *ca* estas». Nas Cantigas 77 e 731 do *Cancioneiro da Vaticana* lê-se respectivamente: «chus mol'é *que* manteiga; muito vim eu mais leda *ca* me vou». Gil Vicente, na *Romagem de Agravados*, põe

---

[1] Exemplos há de adjectivos que, embora no grau comparativo, de-certo por se ter perdido a consciência de que já o eram, ocorrem uma ou outra vez, no latim, acompanhados do advérbio *magis;* tal processo, que devia ser próprio da língua vulgar, continua-se ainda no nosso povo e encontra-se por vezes até em escritores.

na bôca do Vilão êste dizer: «He mais agudo *ca* espada». Ao povo é vulgar ouvirem-se ainda expressões como esta: «aquele é mais velho *ca* mim». A representação pelo ablativo, isto é, pelo substantivo precedido da preposição *de*, que substituiu aquele caso, encontra-se também em todos os períodos da língua. Assim D. Denis diz na Cantiga 99 do citado *Cancioneiro:* «desejo eu mui *mais doutra ren*», como Gil Vicente na Farsa *Inês Pereira:* «E cousa que vós digais não vos ha de valer *mais daquillo* que eu quiser» e Camões: «a cidade correram e notaram muito *menos d'aquilo* que queriam» (apud J. Moreira, *Estudos,* pág. 55-6).

Mas, enquanto esta segunda maneira de exprimir a comparação continua a viver, como se vê dêstes e outros exemplos análogos, «mais de sete séculos são passados, etc.; tem menos de vinte anos, etc.»; a outra desapareceu por completo da actual língua culta que, em vez do antigo *ca*, emprega hoje *que* ou *do que.* Donde a sua origem? Júlio Moreira, nos seus citados *Estudos,* inclina-se a crer que *a expressão do que* se deveria considerar como representando um cruzamento, uma contaminação das duas construções, a da preposição *de* e a da conjunção *que*, e que sôbre essa contaminação actuaria ainda a confusão com as orações relativas. Na sua opinião esta conjunção *que* é diferente da antiga *ca.* Darmesteter, porém, no seu *Cours de Gram. Hist. de la Langue Française, Syntaxe*, pág. 22, considera-as idênticas, pois diz que o actual *que* da locução *plus savant que Pierre*

representa o latim *quam* [1]. Ainda que, na opinião da maioria dos filólogos, a conjunção *que* represente o latim *quid,* não me repugna acreditar que o nosso antigo *ca*, em vista da sua posição na frase ser sempre proclítica, tenha evolucionado em *que*, tanto mais que, embora raros, exemplos há do relativo apresentar também ambas as formas [2].

---

[1] Assim opinam também Nirop, *Gram. Hist. de la Langue Française* e D. Carolina Michaëlis, no seu *Glosário do Cancioneiro da Ajuda,* tem como da mesma proveniência a antiga integrante *ca.*

[2] Positivo é um que se lê na *Regra fragmentária de S. Bento,* publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura nos seus *Inéditos,* por mim reeditada no vol. intitulado *Evolução da Língua Portuguesa* (pág. 145) e diz assim: (o dicipolo)... nõ seerá recebudo *a Deo,* ca esguarda o coraçõ do murmurãte (no latim: *a Deo qui respicit,* etc.; duvidoso (porque poderá lêr-se também *verdadeir'é*), outro, que ocorre na Cantiga 713 do *Cancioneiro da Vaticana,* onde se lê:

..................of
un verv'antigo, de mi ben
verdadeir'e ca diz assi...

IV

Artigos

I. **Definido.** — A forma que êste apresenta no português e que nas línguas românicas só encontra paridade nalgumas falas populares da Itália, sobretudo do Sul (Nápoles e Sicília), levou alguns autores, que ùnicamente atendiam ao masculino e punham de parte o plural dêste e o feminino, a procurarem no grego a sua origem; opinaram outros que esta se encontrava no caso ablativo (nos dois géneros) do pronome latino *hic,* isto é em *hoc, hac,* opinião que parece ter ainda algum raro adepto, não obstante a sua impossibilidade, como a anterior, em explicar não só o plural pelo mesmo caso, mas também as formas mais antigas, ainda por vezes subsistentes; o estudo comparativo do nosso idioma com os outros da mesma proveniência demonstra claramente que só o pronome latino *ille* no acusativo dos dois géneros explica tanto essas como as usadas actualmente. A única objecção que poderia opor-se seria que o latim não possuía artigos, mas essa mesma perde todo o seu valor, ao atentar-se

no emprêgo que êle por vezes fazia dêste pronome com sentido idêntico ao do chamado artigo definido, o que, entre outros, mostra êste exemplo *magnus ille Alexander* (Cícero, *Arch.* 10); além de que, no próprio grego, como é sabido, tal elemento morfológico na sua origem era e continuava a desempenhar a função de pronome demonstrativo, do mesmo modo que ainda entre nós, sempre que se lhe segue um pronome relativo, caso em que pode substituir-se por *aquele:* cf. *a mulher que fôr honesta,* etc., ou *aquela mulher que,* etc. Se a língua literária não raro se servia do dito pronome *ille,* junto a um substantivo, próprio ou comum, para indicar que êle era conhecido, a popular de-certo também assim devia proceder e com maior extensão.

Sabido é que os seis casos latinos se reduziram na bôca do povo a dois principalmente — nominativo e acusativo — e que o último foi o que afinal predominou; assim, pois, em vez de dizer-se, por exemplo, *ille filius, illa petra,* passou a usar-se de *illu filiu, illa petra,* donde *ello filho, ella pedra.* Mas as formas *ello, ella* casos havia em que se empregavam sós — eram então pronomes — outros em que andavam juntas a substantivos — desempenhavam agora as funções de verdadeiros artigos. Neste último caso, dessa íntima união resultava as duas palavras constituirem quási que uma única e a primeira encostar-se à segunda; dêsse facto, a que em gramática se dá o nome de *próclise,* proveiu cair o *e* de *ello* ou antes de *elo,* pela redução das geminadas a simples,

por se achar desprotegido por qualquer consoante, como aconteceu em *namorar, nojo, cris* e outros vocábulos, reduzindo-se dêste modo os primitivos *elo, ela* a *lo, la,* talqualmente noutras línguas (1).

A passagem dos antigos *lo, la,* que, nos casos em que ainda subsistem, eu considero como formas fossilificadas, aos actuais *o, a,* deve ter-se realizado em época já antiga, aí pelos séculos XI ou XII, e tido origem num facto peculiar à nossa língua — a queda do *l* intervocálico (2). É de crer que a princípio essas novas formas só se usassem, quando

---

(1) As formas *elo, ela* existiram em antigo castelhano, como mostram os exemplos seguintes, colhidos em *Spanish Grail Fragments:* «por conplir todas *elas* cosas que convenian, I, 22; conplir *elas* obras de humildat, 43; el (Cristo) conosce todos *elos* pensamientos e todas las cosas, etc., 54; mucho sannudos fueron *elos* diablos, 57; e *ela* otra (a par de e *la* otra), 65; e *ela* madre dixo, 70; memoria de *elas* cosas que son dichas, 76; cedo averedes *ela* puerta abierta, 86; e *elos* otros que esto viron, 87». Em documentos, provenientes da região navarro-aragonesa, encontram-se também as mesmas formas, como se pode ver em Pidal, *Origines del español,* pág. 347.

(2) Mr. Meillet (cf. *Bulletin de la Soc. de Linguistique,* XXII, I, 87-88) dispensa mesmo esta explicação: «Si l'*l* initiale — diz êle — de l'article *lo, la,* s'est amui en galicien-portugais, cela ne tient pas nécessairement à ce que le traitement de la position intervocalique aurait été généralisée; cela peut s'expliquer aussi par le fait que le mot était accessoire et très faiblement prononcé; son initiale, débile par nature comme toute consonne portugaise, aura subi l'un des ces affaiblissements qu'on observe souvent dans les mots de ce genre».

realmente o *lo* e *la* se encontravam entre vogais, como, por exemplo, em *a lo, de la, tinha-lo, amava-la,* etc., expressões estas que seriam substituidas por *ao, de a, tinha-o, amava-a,* etc. Não se julgue porém que tais formas suplantaram logo as antigas; por muito tempo, como se vê dos Cancioneiros trovadorescos, elas viveram ao lado umas das outras, embora com predomínio daquelas, só mais tarde triunfaram por completo, arrastando consigo as que mantinham o *l* normalmente, por se não encontrarem nas circunstâncias daquelas, isto é, *o, a,* passaram em todos os casos a ser as formas dos artigos e pronomes objectivos, provenientes do latino *ille, illa.*

A manutenção ainda dos antigos *lo lo* é devida a, nos casos em que ela se opera, isto é, em seguida a *r, s, z,* o *l* não ser simples, mas duplo, pela conversão destas consoantes na mesma letra em virtude da assimilação, por outras palavras *amá-lo, ei-lo, fi-lo,* e outras frases idênticas estão por *amal-lo, eil-lo, fil-lo* (1).

Também por assimilação, mas neste caso progressiva, os velhos *lo, la,* tornaram-se *no, na,* sem-

---

(1) Das duas maneiras de escrever *amal-o* e *amá-lo,* por exemplo, a verdadeira e mais consentânea com a história e a pronúncia deve ser a última; adoptando-se a primeira, teria de considerar-se o *l* gutural, isto é, encostado ao *a,* quando na fala nós o proferimos apoiado no *o.*

pre que os precedia vogal ou ditongo nasal. Por essa razão é que hoje se diz *no, na,* em vez dos arcaicos *ẽ lo, ẽ la,* depois *ẽ no, ẽ na,* a seguir *eno, ena,* pela desnasalização do *e,* e finalmente *no, na,* em virtude da mesma queda do *e* inicial que, como vimos, fizera passar *elo* a *lo,* donde por analogia *neste, nesta, nisto, nesse, nessa, nisso, naquele, naquela, naquilo, nalgum, noutro* (1).

Pelo testemunho das velhas formas, confirmado aliás pelas línguas congéneres, vê-se claramente que os actuais artigos definidos representam o caso objectivo do pronome latino *ille, illa;* quanto ao caso sugeito, êsse ficou persistindo igualmente, mas sob a forma dos pronomes pessoais *êle, ela.* Há ainda *el,* que só aparece hoje junto a *rei* e antes também a *conde,* fazendo as vezes do artigo, mas qual a sua proveniência? Teem-no uns como importação castelhana, outros por oriundo do primitivo *ello* (tornado depois, segundo vimos, *lo*) pela queda da vogal final. Não se me afigura contudo provável que a mesma forma *illu* desse por um lado *lo,* por outro *el,* sob idêntica influência — a próclise — antes creio que

---

(1) As formas *en no, en na* e *eno, ena,* encontram-se a cada passo na literatura antiga. É evidente que, quando passou a dizer-se *no, na,* se tinha consciência de que aí estava a preposição *em* (nos meus tempos de estudante classificava-se erradamente *no* de contracção da preposição *em* e o artigo *o*), donde veio aplicar-se o mesmo processo, com os pronomes demonstrativos e indefinidos, que começam por vogal.

devemos procurar a sua origem no pronome pessoal *êle*, que pelo mesmo motivo soava e se escrevia freqüentemente *el.* Em abono desta minha opinião tenho o uso que de *elle* com valor de artigo faz o tradutor anónimo da *Crónica dos Frades Menores*, que umas vezes verte o latim *idem* por *elle mesmo*, outras, o põe de sua casa, sem correspondente nesta língua, como nestas frases: *demostrasse por elle tal milagre; seendo elle dito frey Zacharias gardiam*, que no original são «tali miraculo demonstraret; cum existens Guardianus»: cf. vol. I, pág. L.

II. **Indefinido.**—Do numeral cardinal *unus*, *una*, que os próprios escritores clássicos uma que outra vez usaram também com o mesmo sentido que o actual artigo indefinido, como se vê dêste dito de Cícero, *sicut unus paterfamilias his de rebus loquor* (1), resultou o nosso *um*, *uma*, que a língua antiga, mais próxima da origem, dizia *ũu*, *ũa* (2) e a moderna tornou *um*, pela contracção numa só das duas vogais idênticas, e *uma*, em virtude da troca da nasal *n*

---

(1) Apud Bourcrez. *Éléments de Linguistique Romane*, § 108 b. É provável que aqui, como noutros lugares, o grande orador tivesse seguido um uso popular, o que parece confirmar uma frase idêntica de Plauto, citada pelo mesmo autor.

(2) A pronúncia *ũa* durou, na escrita, pelo menos até ao século XVI e subsiste ainda no povo.

por *m*, ou seja de uma dental *n* por *m*, labial como a vogal que a precede.

Do exposto se vê mais uma vez como a moderna sciência filológica explica as várias formas que numa língua, com o decorrer do tempo as palavras vão tornando.

V

Permuta de casos nos pronomes pessoais

De quantos teem algum conhecimento da filologia românica é sabido que o latim, na sua fase vulgar, perdeu, em virtude principalmente de razões fonéticas, a maioria dos casos; na nossa língua, afora outras, essa perda foi quási total, tendo-se conservado apenas o acusativo em ambos os números, e um ou outro por excepção. Deu-se isto na declinação nominal, mas já o mesmo não aconteceu na pronominal, em que quási todos se mantiveram. A razão é óbvia. Emquanto nos nomes a forma, na sua base, era sempre a mesma, apenas as desinências é que mudavam de caso para caso e nalguns mesmo eram idênticas, os pronomes pessoais — os da primeira e segunda pessoa de ambos os números, pois para as terceiras não os havia, substituindo-os os demonstrativos respectivos — tinham para cada pessoa sua forma especial e, ainda, na mesma, os casos, quando não divergiam grandemente entre si, como na primeira, mantinham dife-

renças mais sensíveis que nos nomes. Mas, se se mantiveram quási todos os casos dos pronomes pessoais latinos, depois de reduzidos a um só os que eram idênticos na forma e assimilados os dativos e ablativos do plural aos nominativos ou acusativos do mesmo número, o que provàvelmente já o latim vulgar fêz foi confundir alguns dêles, atribuindo a uns funções que competiam a outros. Assim, por exemplo, o francês emprega como sujeitos, isto é, desempenhando o papel de nominativos, os pronomes *moi, toi* e *lui,* [1] que procedem directamente do acusativo os dois primeiros e de um dativo popular o terceiro; dialectos há da mesma língua, como os falados na Champagne Oriental, no Delfinado e outras partes, que, em vez de *je* e *tu,* usam *mi* e *ti;* dá-se o mesmo em certas falas da Itália do Norte, e a língua corrente emprega não raro, com valor de nominativos, *lui* e *lei,* que na sua origem foram dativos; também no poema *Flamenca,* escrito em antigo provençal, lê-se (versos 6088 e 6089):

> E cujas *ti* qu'en paradis
> Aia hom talent de manjar?

O fenómeno não é estranho à nossa língua, embora hoje se observe em escala menor do que nos

---

[1] Na sua tão erudita como consciencosa monografia, *La Substitution des cas dans le pronoms français,* Karel Titz ocupa-se não só dos pessoais, mas também dos demonstrativos.

tempos passados e quási esteja confinado à língua popular. Do mesmo modo que nos dialectos apontados de certas regiões de França e Norte da Itália, foram e são dativos dos pronomes das 1.ª e 2.ª pessoas que desempenharam e continuam ainda em certos casos a desempenhar funções de nominativos.

Eis alguns exemplos dêsse emprêgo em português desde o século XIII até o XVI.

Numa das suas cantigas de amor (a 146, v. 18 do *Cancioneiro da Vaticana*) diz assim D. Denis:

> ... queria non vos aver amor,
> mais o coraçom pode mais ca *mi*.

Outro trovador, D. João Garcia de Guilhade, exprime-se dêste modo numa das suas cantigas (a 358 da mesma colecção):

> Os grandes nossos amores,
> que *mi* e vós sempr'ouvemos

Em um passo do 4.º Livro das Linhagens, mais conhecido por *Nobiliario* do Conde D. Pedro, por ter sido seu autor ou inspirador êste filho do monarca referido, na Lenda de D. Ramiro, conta-se que, tendo êste conseguido rehaver a espôsa, que um príncipe sarraceno lhe raptara, ao reconduzí-la ao seu castelo na galé que com êsse intento levara consigo, deu com ela a chorar e, preguntando-lhe o motivo

das suas lágrimas, obteve esta resposta: «Choro por aquele bom mouro que era melhor que *ti*».

Um poeta do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende, João Barbato, entre os avisos ou conselhos que dá a quem quiser servir as damas, inclui êste:

> esta dama que servires
> nam valha menos que *ti* (1)
> por linhagem.

Gil Vicente põe na bôca de um dos personagens do *Auto Pastoril Português* estas palavras:

> Mas casemo-nos eu e *ti*

e na de outro do *Auto da Feira* esta pregunta:

> Compadre, vás tu á feira?

e, logo a seguir à resposta afirmativa do interpelado, êste convite:

> Assi,
> ora vamos eu e ti.

---

(1) Estes modos de dizer com *que,* em vez do mais freqüente *ca,* subsiste ainda no actual galego, como se depreende do que se lê nos *Contos* de Lugris Freire, pág. 31: «E haberá no mundo home mais leal e melhor vassalo que *min?*»

Embora esta segunda forma fôsse exigida pela rima, se o dramaturgo a empregava, é porque ela tinha valor idêntico à primeira.

Na scena 2.ª do acto V do seu *Filodemo,* Camões faz dizer a Doloroso: «Quem ha de cuidar que huma (aliás hũa) mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo coma (nas edições erradamente *como* a) *ti*»? No *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, lê-se a pág. 5 do vol. II, edição de 1786: «eu serey na corte tã cedo coma *ti* a todo meu poder».

No galego foi tal o predomínio que tomou o *ti* que chegou a suplantar o *tu*, sendo hoje aquela forma a geralmente usada, como afirma M. Lugris Freire, a pág. 32 da sua *Gramática do Idioma galego*, que chama a esta dialectal; é o que mostram estes exemplos, colhidos entre os muitos, que nos oferecem as obras escritas modernamente nesta língua: «E *ti* conoces ao rapaz»? *(A Tecedeira de Bonaval*, pág. 21, de A. Lopez Ferreiro); «*ti* tês noivo, Dolores»? *(Pé das Burgas* de F. A. de Nóvoa, pág. 37, onde a-par diz: «Ai, eres tu!»); «*ti* és home de ben?» *(Contos* de Lugris Freire, pág. 31, e finalmente estas bonitas quadras, insertas com outras pelo mesmo a pág. 133 da sua já citada *Gramática:*

Cria *ti* o teu filhinho,
Da-lhe da tua tetinha,
Que n'hai leite nin carinho
Com'o da própria naicinha.

Que noite aquela, neninha,
Que noite aquela de vran,
Ti contando nas estrelas
Y eu nas pedrinhas do chan

O meu coraçon che mando
C'unha chave pra o abrir,
Nin eu tenho mais que dar-che
Nin *ti* mais que mi pidir.

Embora com menos freqüência, usava-se também a forma *tu* do nominativo, segundo mostra êste exemplo, colhido no códice inédito a que já me referi: «ha (o servo de Deus) maior graça com Deus ca *tu*, 15».

Mas, além das funções de nominativo, podiam os dativos dos pronomes citados e a mais o do reflexo *se* desempenhar também as de acusativo; é o que se vê dêstes exemplos, tomados do *Cancioneiro da Vaticana:*

Da mha senhor que eu servi
sempr'e que mais ca *mi* amei, 88, 1, 2.

.... o meu amigo
que sei que me quer maior ben
ca *si*, nem ca seu coraçon, 266, 7 a 9.

ca sei que mui melhor ca *si*
me quer, nen que m'eu quero *mi*, 289, 7 e 8.

Na língua popular actual continuam estes dativos a ser usados, sempre que se acham precedidos das partículas *ca* e *coma*, ouvindo-se a cada passo estas ou outras frases idênticas: eu sou mais velho ca *ti* ou *si* (conforme o tratamento); quero-lhe mais ca *mim*, *ti* ou *si;* êle é tão velho coma *mim;* eu tenho tanto coma *ti*, etc.

Naqueles modos de dizer em que entra a partícula *coma* entendia-se que aí havia, afora *como*, a preposição *a* e era portanto esta que requeria o dativo *ti* ou *mi*. E assim Bento José de Oliveira, na sua *Gramática Portuguesa*, 1.ª ed., 1872, pág. 114, explicava como anacolútica a expressão *é como a mim,* julgando-a equivalente a *é como outro homem similhante a mim.*

Outros teem seguido na mesma esteira. Mas que, no português arcaico, a forma *coma* era paralela de *como* (também *come*) e não resultara da junção de *como* à preposição (1) nem ao artigo *a* mostram-nos, entre outros, os seguintes exemplos de Gil Vicente, nos quais se vê claramente, que o segundo termo de comparação só pode estar em nominativo, isto é, servir de sujeito como o primeiro e o substantivo

---

(1) Entenda-se *a dentro da língua;* tal junção deve ter-se realizado já no latim vulgar, que, parece, usava com sentido idêntico *quomodo, quomodo et* e *quomodo ad,* donde as três formas *como, come* e *coma,* das quais a primeira é a única em uso na língua literária, a segunda deixou de viver e a terceira subsiste ainda no povo.

seguinte pertence em geral ao género masculino: «eu sam pobre *coma* cão» *(Romagem de Agravados)*; «os cabellos carcomidos, louros, *coma* sovereiros» (id.), «antes vossa renda encurta, *coma* panno d'Alcobaça» *(Farsa dos Almocreves)*; «o bafo, a Deus louvores, he *coma* algalia d'Arruda» *(Clérigo da Beira)*; «que quem assi fica sem nada, *coma* vós, que he obrigada» *(Auto da Índia)*; «e hei de dizer o meu, *coma* qualquer criatura» *(Juiz da Beira)*; «quem tem vida guaida, *coma* vós da vossa sorte» (3.º vol.) e finalmente no epitáfio da sua sepultura: «tal fin coma *ti*». Mas a suposição de que em *coma* havia a preposição *a* parece-me ter influido em frases como estas: *se eu fôsse a ti, a ele, a vocês*, etc., em que, a meu ver, a preposição está a mais, tendo no entanto motivado naturalmente o emprêgo do caso oblíquo do pronome em vez do respectivo nominativo, se é que, segundo se me afigura, tais modos de dizer equivalem a estes: *se eu fôsse tu, se eu fôsse vocês*, etc., que não se usam, mas quereriam significar, do mesmo modo que aqueles: *se eu estevesse no teu lugar*, etc.

Do exposto mais uma vez se conclui que, para bem se compreenderem certas locuções da linguagem actual é imprescindível o conhecimento da antiga, nem de outra maneira podia ser, visto aquela continuar esta e estar-lhe ligada de modo indissolúvel. O que acontece com a língua sucede com usos, costumes, modos de ser, que fazem como que partes integrantes do homem actual e o pren-

dem ao que o precedeu por um nó de tal maneira forte que não há pretensões que o possam quebrar, como na sua estultícia pretendem certos utopistas modernos, sem se lembrarem que, mau grado seu, os seus actos contradizem as suas palavras.

VI

A analogia no verbo

Quem quer que tenha conhecimento, embora leve, das leis fonéticas ou pelo menos atente na fala do povo, verificará quam poderosa é a acção exercida nos sons pela analogia. Prosseguem estes na sua evolução, seguindo o caminho que os órgãos vocais lhes impõem, mas quem os profere, realizando inconsciente e espontâneamente essas transformações, a certa altura repara que por êsse processo fêz desaparecer o parentesco íntimo que certas formas tinham entre si, quebrando o laço visível que as prendia. Que faz então? Corrige o que fizera sem dar por isso e intervem agora com plena consciência no novo trabalho, com o fim de harmonizar e prender o que havia separado, acabando assim com as excepções, isto é, a uma operação inconsciente faz suceder outra reflexa, arrastado por essa «tendência niveladora que se exerce sôbre palavras aparentadas pelo sentido ou função

gramatical» ou seja a analogia, na expressão de Niedermann [1].

É evidente que a sua acção recai sôbre os vocábulos, sejam êles quais forem, que estiverem nas condições indicadas, onde, porém, ela se manifesta com mais evidência é nos verbos, em razão da grande variedade de formas de que são susceptíveis e da estreita união que tôdas mantém entre si, como flexões de uma e mesma palavra; neste campo principalmente se mostra a antipatia que o povo sente pela excepção, isto é, por quanto se afasta do comum e do geral. E, se não, vejamos.

Costumam os gramáticos dividir os verbos, considerados quanto à conjugação, em *regulares* e *irregulares*, conforme seguem ou não certos tipos, como *andar*, *escrever*, *partir*, nos quais o radical não se altera e a acentuação persiste sempre na mesma sílaba, nas primeira e terceira pessoas do singular do pretérito.

Tal denominação é, a meu ver, menos própria, pois faz supor que na formação dos segundos dêsses verbos se saiu *fora das regras*, quando ao contrário nada há tão regular como êles, provindo as diferenças que as suas formas acusam de terem os fonemas de que se compõem seguido a sua evolução natural, consoante a *regra* ou lei que os domina. Tais formas mostram apenas que escaparam à ra-

---

[1] *Phonetique Historique du Latin*, pág. 2.

soira da analogia, provàvelmente por estarem já radicadas no uso por forma tal que a sua influência foi aqui nula, ao contrário de tantas outras sôbre as quais ela se exerceu, como evidencia a comparação entre a língua arcaica e a moderna. Apontarei alguns exemplos.

Em verbos, como *benzer* e *aduzir* (antes *bẽezer* e *aduzer*, composto de *duzer)*, em que originàriamente, na 1.ª pessoa do indicativo e em todo o conjuntivo há um *-c-*, precedido de vogal e seguido de *o* ou *a*, êste abrandava, segundo o costume; de aí *bẽeigo* (mas *bẽezes*, etc.) e *bẽeiga*, etc.; depois o *-z-* das restantes formas suplantou o *-g-*, fazendo desaparecer a excepção, que todavia continua a subsistir em *digo*, *diga*, etc., não obstante *dizes*, etc. O *-ç-* regular dos antigos *arço*, *arça*, etc., *menço*, *mença*, etc., *senço*, *sença*, etc., proveniente respectivamente de *-deo-*, *-dea-*, *-tio-*, *-tia-*, trocou pelo *-d-* e *-t-* das outras pessoas. O mesmo *-ç-*, oriundo de *-ceo-*, *-cea-*, que existia em *jaço* e *jaça*, etc., permutou com o *-z-* regular das formas em que se lhe segue *-e-*, dizendo-se hoje *jazo*, *jaza*, etc., no entanto vive ainda a diferença existente, no verbo *fazer*, entre as pessoas mencionadas e as demais. Ainda a analogia trocou, no verbo acabado de citar, o mais antigo pretérito *jougue*, o verdadeiro representante do latino *jacui*, por outro *jouve* (1), que depois foi substituido pelo

(1) Mas não foi na mesma esteira *prouve*, que, tendo sido antes *prougue*, por aí se quedou.

actual *jazi*, realizando-se assim finalmente a semelhança completa. Os antigos pretéritos e seus derivados, *arsi*, *crive*, *pris*, que constituíam formas anómalas no meio de tôdas as demais, fôram vencidos pelos analógicos *ardi*, *cri*, *prendi*, passando dêste modo de fortes a fracos. O mesmo aconteceu aos antigos particípios em *-udo* dos verbos da 2.ª conjugação ou em *-er*, os quais foram assimilados aos da 3.ª ou em *ir*. Nos verbos que, na origem, antes da característica *-er* ou *-ir* do infinito, tinham *l*, *n*, *r* ou *s*, estas consoantes, quando, tornadas finais pela queda de um *e* subseqüente e precedidas de vogal, persistiam na antiga língua, que dizia, por exemplo, *dol, sol, sal, pon* (3.ª do sing. do pres. do ind.), *perdon, ampar, pes* (id. do conj.); depois a analogia restabeleceu o *-e;* então o *l* e *n*, que passaram a intervocálicos, segundo o costume, caíu um e o outro nasalou a vogal precedente, nasalização que nem sempre subsistiu, passando portanto a dizer-se *doe, soe, sai, põe, perdoe, ampare, pese* (1). Nos futuros dos verbos terminados em *-zer*, a língua mantém (2) em geral a absorção do *z* pelo *r*, resultante da

---

(1) Por motivo idêntico se escreve *quere* e *vale*, na 3.ª pessoa do singular do pres. do indicativo dos verbos respectivos, *querer* e *valer*, que, antes da ortografia em uso, se grafavam sem *-e*, como sem êle continuam a grafar-se os pronomes ou conjunções em que entra a primeira daquelas formas. Ainda no imperativo a antiga língua dizia *val;* mostra-o esta frase invocativa *Santa Maria, val.*

(2) O antigo castelhano ora mantinha o *-z-*, ora suprimia-o,

queda do *e* intermédio, motivada pela sua posição de protónica, e usa *direi, farei, trarei*, mas substituiu o artigo *jarei* pelo actual *jazerei*, note-se contudo que esta tencência não é só de hoje, pois, ao lado de *trarei*, ocorre nos textos também a forma analógica *trazerei*.

Ainda no século XVI pelo menos dizia-se na 1.ª pes. do ind. presente *moiro* e em todo o conjuntivo *moira*, etc., ou, pela equivalência então e hoje do ditongo *oi* a *ou*, também *mouro, moura*; depois a excepção desapareceu com a assimilação destas às demais formas, que conservavam o *r* dobrado do infinitivo, que por seu lado o deve ter tomado do antigo futuro *morrei* [1], substituido depois pelo actual

---

dizendo *yazremos, dizré, luzrá* (mas também *yazdrá, bendizdré*, com epêntese da dental), a-par-de *diré, adurá*, cf. M. Pidal, *Gramat. Hist. Española*, pág. 230.

[1] Entre as línguas românicas é a portuguesa (e com ela a galega) a única que no infinitivo tem *r* dobrado (simples apenas no incoativo *esmorecer*) e característica *-er*. A explicação do facto, a meu ver, deve ser esta. No latim vulgar, o clássico *moriri*, usado até por Ovídio no verso 215 do livro XIV das suas *Metamorfoses* e coexistente com *mori*, perdeu a forma médio-passiva, passando a **morire*, que deu um **morir*, que devemos ter possuido também; dêste infinitivo tirou-se o futuro *morrei*, como de *salir* se formou *salrei*, em virtude da queda do *i* protónico; porque a diferença entre o futuro e o infinitivo está apenas no *-ei*, daquela forma, mantendo-se o *-e-*, fêz-se *morr-er*. Além de que é idêntica a relação que existe entre o futuro e o infinitivo dos verbos terminados em *-zer* e a de iguais formas em *morrer*; a única diferença está em que naqueles o grupo *z'r*

morrerei, por analogia com o dos outros verbos, com excepção apenas de *dizer, fazer* e *trazer,* como aconteceu igualmente aos arcaicos, *porrei, querrei, salrei* e *verrei.*

Nos verbos incoativos ou terminados em *-cer,* na 1.ª pessoa do presente do ind. e no mesmo tempo do conj., a antiga língua mantinha o *s* que originàriamente precedia o *c,* visto êste encontrar-se antes de *-o* e *-a,* mas absorvera-o no *c,* se se lhe seguia *-e* ou *-i,* assim dizia, por exemplo, *gradesco, gradesca,* etc., *meresco, meresca,* etc., mas *gradeces, mereces,* etc.; por analogia com estas formas ou com a do infinitivo, aquelas trocaram o *-sco* e *-sca* em *-ço* e *-ça.*

---

se reduziu a *r* simples pela absorção da primeira consoante sonora *(z)* pela segunda, também sonora (cf. *dèreis,* pop. por *dez reis* e no latim *canus, aenus, nidus, tredecim, judex, idem,* de **casnus, *aiesnus, *nisdus,* etc., depois **caznus, *aieznus, *nizdus,* etc.), neste as duas, isto é, *r'r* permaneceram, como sempre (cf. *correr, varrer,* etc.).

Partindo, pois, de um infinitivo *morir,* teremos o futuro **morirei,* no qual o *i,* por ser átono, passou a *e* (cf. por exemplo, *verdade,* antes **veredade,* de *veritate* por *verĭtate),* caindo posteriormente; entre êste futuro e o infinitivo, comparados com as mesmas formas dos verbos mencionados, podemos estabelecer á seguinte proporção: *mor(e)r-ei: morr-er:: diz(e)r-ei* ou *dir-ei, faz(e)r-ei* ou *far-ei, jaz(e)r-ei* ou *jar-ei* (arc.), *traz(e)r-ei* ou *trar-ei: diz-er, faz-er, jaz-er, traz-er.*

O italiano e o francês manteem ainda o *r* dobrado no futuro, o espanhol, que também o teve, reformou-o segundo o infinitivo, de modo contrário ao nosso. Não creio na existência

Por assimilação do *e* átono ao *i* tónico, as formas regulares *mentir* e *sentir*, aí pelos fins do século XIV, passaram a *mintir* e *sintir*, e, assim como as anteriores tinham contribuído para a alteração dos regulares *menço, senço, mença, sença* em *mento, sento, menta, senta*, assim as novas por sua vez fizeram passar estas para *minto, sinto, minta, sinta*, que ainda duram, e mais ainda nas outras pessoas em que o acento tónico recaía sôbre o *i*, como *mintes, sintes, minte, sinte*, etc.; nestas, porém, a língua literária [1] voltou às primitivas. Estão no mesmo caso e portanto talvez tenham idêntica explicação os actuais *firo, sigo, sirvo, visto*, dantes *feiro, sego, sérvio* e *servo, vesto*. Devem também provir de infinitivos com *-u-*, em vez do antigo *-o-*, as formas *cubro,*

---

da suposta forma *morere*, que daria *morre* e pela adjunção de *-re*, como em **esse-re, *vole-re* e **offeri-re*, exigidos por várias línguas, em vez dos incaracterísticos *esse, velle* e *offerre*, porque tal facto, a dar-se, seria exclusivo do português, o que não é admissível. Por processo idêntico, de *sarei*, antes *sãarei* e *saarei*, criou-se *sarar*, em substituïção dos antigos *sãar* e *saar*. Outro infinitivo oriundo do futuro é o actual *pôr*, pois assenta sôbre *poerei*, em que se não fazia ouvir o *e*, pronunciando-se, como se se escrevesse *porei*. Igual supressão tenho ouvido sobretudo a gente do Norte no vocábulo *poesia* e deu-se em *mosteiro*, que antes soava *moesteiro*. Note-se ainda que o *poerei* foi tomado do infinitivo *poer*, e levou de vencida o mais antigo e regular *porrei*, em que se deu igualmente queda da vogal protónica *e* e assimilação do *n* ao *r*, como aliás em *terrei, verrei*, hoje *terei, virei*.

(1) A popular ainda as mantém.

cuspo, durmo, fujo, etc. as quais anteriormente mantinham o *-o-* de origem e soavam portanto *cobro, cospo, dormio* e *dormo, fojo,* etc. (1).

Pela mesma razão por que o latim *vĭdeo, vĭdea* se transformou em *vejo, veja,* etc. e *vides, videt,* em *vees, vee,* assim *rideo, ridea, rides, ridet* devem ter dado **rijo, rija* (2), **ries, *rie;* nestas duas últimas

---

(1) Atribui-se geralmente a passagem do *e* e *o* respectivamente para *i* e *u* a metafonia ou influência destas vogais, quando átonas e colocadas em sílaba imediata, sôbre as tónicas precedentes; assim também se explicam as 1.as pessoas dos pretéritos *fis, pus* (mas já ouvi *fêz* e *pôs* a pessoa das vizinhanças do Pôrto) *tive, vim,* resultantes das latinas *feci, posi, tenui, veni,* mas, a admitir-se tal explicação, parece que só tarde se fêz sentir na língua a influência referida, como mostram as antigas formas *menço, senço, mento, sento,* etc.

Em vez dos regulares *peço, pedes, peça,* etc., *meço, medes, meça,* etc., parece que se dizia *pido, pides, pida,* etc., *mido, mides, mida,* etc., no século XVI (cf. exemplos em Morais); a sua explicação estará também nos infinitivos *pidir* e *midir* (êste registado pelo mesmo Morais) ou talvez antes na adopção das respectivas formas castelhanas. A propósito de *pedir* notarei a confusão que se deu em *impedir,* que foi considerado falsamente um composto de *pedir,* donde as formas em uso, *impeço, impedes, impeça,* etc., e portanto também *impido,* etc. Êste mesmo verbo já a antiga língua possuia sob a forma incoativa, isto é, *empeecer,* que fêz no indicativo e conj. primeiramente *empeesco, empeesca,* depois *empeeço, empeeça,* e faz hoje *empeço,* etc.; *impedir* deve ser de origem culta e de introdução relativamente moderna.

(2) Assim se acha escrito na cantiga n.º 1106, 21 do C. V. e, embora no verso 14 se encontre *rijr,* que evidentemente se

formas o *e* assimilou-se ao *i* precedente, fundindo-se depois com êle, mais tarde, porém, as restantas formas influíram naquelas, fazendo desaparecer o *j*.

A influência da escrita, que não raro omitia certos sinais ortográficos ou, ao contrário, os empregava onde eram desnecessários, como a cedilha e o til, talvez se deva atribuir, no verbo *perder*, a troca das primitivas e regulares formas *perço*, *perça* (cf. *arço, arça, ouço, ouça,* em que há igualmente *-deo*, depois de consoante ou, o que vale o mesmo, de ditongo) por *perco, perca.* Não creio na existência de um hipotético **perdico, *perdica,* que se teria criado para uso exclusivo da 1.ª pessoa do presente do indicativo e todo o conjuntivo (1).

No verbo *estar,* o conj. pres. em uso até muito tarde, pelo menos até ao século XVI, era *estê, estês*,

---

pronunciava *riir,* afigura-se-me que se deverá dar ao *j* o mesmo som que hoje tem; ambas as formas contam-se por duas sílabas, como mostra a métrica; de *rijo* não conheço exemplos, deduzindo-se do conjuntivo a sua existência. Em um códice inédito do século XIV ou XV, a-par de *riir, riis, riiam, rija-se* (imperf. do indicativo), vem o conjuntivo *ria.*

(1) D. Carolina Michaëlis explica dêste modo as formas em uso: «*perco, perca* (*perca* em primeiro lugar) provem da fórmula imprecatória *que Deus te perca* com que a maledicência respondia na Idade-Média à usadíssima bênção *que Deus* (ou *Santa Maria*) *te parca* (de *parcir*)». Esta última forma (*parcir*) existe também no antigo provençal, a-par-de *parcer;* quanto à sua significação de *perdoar,* cf. na ladainha: *parce nobis, Domine.*

Afigura-se-me que a essa mesma influência ortográfica se deverá atribuir a actual forma *raio,* que parece se dizia antes

etc., consoante o latim *stem, stes,* etc.; depois passou a dizer-se *esteja, estejas,* etc., por analogia com igual tempo do verbo *ser,* que assim termina, e por vezes se empregava antes com a mesma significação. Já anteriormente o seu pretérito perfeito trocara a antiga forma *estede*, representante de *steti,* por *estive,* igualmente por analogia com *sive,* que foi a forma própria do verbo *seer* nesse tempo, depois substituida pela do verbo *sum,* que com aquele se fundiu [1]. Por seu lado a 1.ª pessoa do indicativo presente de *estar* fêz que igual pessoa de *ser* passasse de *som* ou *sam,* como se dizia no século XV e se ouve ainda por vezes ao povo, à forma *sou,* em uso.

Nos verbos de tema em *i* ou mesmo em *e,* quando não atraídas pela vogal tónica, com que formavam ditongo, como em *requeiro, beijo,* etc., aquelas vogais, que se pronunciavam do mesmo modo, isto é, *i,* mantinham-se na antiga língua, sempre que se lhes seguia *-o* ou *-a,* portanto na 1.ª pessoa do pres. do indicativo e em todo o conjuntivo, como se vê das formas *sérvio, sérvia, véstio, véstia;* depois o *i* desapa-

---

regularmente *rajo,* segundo deduzo da grafia *rago,* que encontrei no já citado códice inédito, comparada com *ango,* existente no mesmo e onde evidentemente o *g* representa o actual *j.*

(1) Assim os antigos presente do indicativo *sejo,* etc., imperfeito *siia,* depois *sia,* pretérito e seus derivados *seve* ou *sive, severa, sevesse, sever,* os actuais futuro, condicional, imperativo, conjuntivo, infinitívo e particípios são representantes de *sedere,* que deu *seer* e depois *ser;* do verbo *sum* existem hoje o indicativo pres. imperfeito, pretérito e derivados.

receu, absorvido talvez pelo *-e-* tónico, e passou a dizer-se *servo, serva, vesto, vesta,* donde os actuais *sirvo,* etc., de que já falei. Casos houve, como nos verbos *caber, saber, comer, doer* em que a atracção do *-i-* pela vogal tónica se realizou bastante tarde e, se se mantem ainda nos dois primeiros dos quatro verbos citados (*caibo, saiba,* antes *cábia, sábia*), desapareceu nos restantes, dizendo-se hoje *como, coma, doa,* como nas demais formas, em vez dos antigos *coimo, coima,* que por sua vez evolucionaram de *cómio, cómia* e *doia.*

Do exposto vê-se claramente a grande influência que a analogia exerce sôbre os fonemas, que detem na sua marcha progressiva e mesmo lhes faz tomar outra direcção, de modo que a perdida semelhança de formas torne a restabelecer-se entre palavras afins. Ao mesmo tempo ela mostra-nos também que, a-pesar-de forte, essa influência é impotente nalguns casos, sem dúvida por estarem de tal maneira radicadas no uso certas formas que não havia desalojá-las da posição adquirida desde séculos, contràriamente a outras, que porventura delas difeririam em terem emprêgo mais restrito, o que as enfraquecia, diminuindo-lhes portanto a resistência.

VII

Infinito pessoal

Dos que conhecem as línguas românicas, pelo menos as principais, como o espanhol, o francês e o italiano, é sabido que apenas o português e, portanto, o galego, possuem um infinito pessoal ou declinável, isto é, um infinito acompanhado das disinências respeitantes às pessoas, a saber: *-es* para a 2.ª do singular *-mos, -des* e *-em* para as três do plural. Eis o que hoje (1) penso sôbre a razão e a história dessa singularidade.

No latim, cuja estrutura serve de base à nossa língua, havia, como sabem os que dêle possuem algumas luzes, dois infinitivos — um do presente, outro do pretérito — os quais eram constituídos pelos temas dêsses tempos mais a partícula *re*, que, antes do rotacismo ou a transformação que nessa língua, ainda na sua fase arcaica, se operou de

---

(1) Na minha *Gram. Histórica* a pág. 309 segui explicação diferente.

todo o *s* intervocálico em *r*, era *se*, mas nem um nem outro admitiam variabilidade. Donde vem pois o pessoal, que certamente lá fomos buscar?

Comparando o seu sistema verbal com o nosso, vemos que nêle há formas que nós não conservamos, como são: o *futuro imperfeito do indicativo*, que trocamos por outro modo de dizer, o *imperativo* chamado *do futuro*, o *perfeito do conjuntivo*, que, a manter-se, seria igual ao futuro perfeito do indicativo, o *mesmo tempo do infinito*, que foi substituído por uma forma composta, e o *supino*, que, se se conservasse, a evolução fonética teria igualado ao particípio do perfeito ou passivo.

E o imperfeito do conjuntivo? Êste tempo, como igualmente se não ignora, desempenhava no latim duas funções — a correspondente ao do mesmo tempo no modo indicativo, mas em orações subordinadas, e outra que indicava, em oração principal, o que sucederia, caso viesse a realizar-se uma condição suposta, correspondendo dêste modo ao condicional imperfeito, que as línguas românicas criaram por processo idêntico ao do futuro. Ora, êsse pretérito imperfeito do conjuntivo era aparentemente igual ao infinitivo, sendo também constituído pela mesma partícula *re*, seguida das desinências pessoais. Se nos lembrarmos que o *-m* final, por representar, segundo parece, resonância nasal, não tardou a cair, conservando-se apenas em casos raros, geralmente em monosílabos, e que o *e* final, depois de consoante que podesse encostar-se à vo-

gal que o precedia, igualmente se não mantinha, como também não persistia o *t* em fim de palavra, logo verificaremos que êsse tempo se acha representado pelo nosso infinito pessoal.

E que na verdade isso se deu mostra-nos a nossa língua desde o seu aparecimento pela escrita, até à época actual. O dr. José Maria Rodrigues, numa erudita comunicação, feita à Academia das Sciências de Lisboa, a qual se acha inserta no vol. VII do *Boletim da segunda classe* e se intitula *O imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no português,* reuniu grande número de exemplos, colhidos em documentos, desde o ano de 943 até o século XVI, os quais confirmam plenamente a proveniência do infinito pessoal; dêles apenas aproveitarei estes. Num autógrafo daquela data lê-se: *Rogavi homines bonos ut fabulassent ad illo que misisse suo ganado pro me, quia ego non habebam unde* implere *illo.* Neste texto, através do qual se descortina já a língua (por exemplo, o *que* em vez de *ut),* lá aparece o infinito *implere* com valor de imperfeito do conjuntivo e sentido idêntico ao do actual infinitivo pessoal. Exemplos de construção similhante ocorrem noutros documentos posteriores e até João de Barros serve-se de igual processo, quando diz: «Pera penhor da qual venda queria ali leixar quatro ou cinco homens com alguma fazenda, *pera que,* emquanto êle fôsse, *poderem* comprar algũas cousas». Quanto à indeclinabilidade de forma, que na nossa língua por vezes e nas demais da

mesma proveniência sempre é a regra, deve ela a meu ver, ter resultado da preponderância da primeira pessoa do singular sôbre as restantes. Referindo-se a um passado, um Romano podia dizer, por exemplo: *quid dicerem?* e não me repugna crer que similhante expressão suplantasse mesmo a relativa ao presente *quid dicam?* vindo a dar o nosso *que dizer* ou os estranhos *que decir, que dire,* etc.

Mas, embora omitida ou trocada por preposição a primitiva partícula conjuncional, continuaram declináveis as formas do antigo imperfeito do conjuntivo e continuam ainda, principalmente quando o sujeito da oração em que entram diverge do da que dependem, Hoje já não está em uso dizer-se como Fernão Lopes de Castanheda: «tinhão despejada (a cidade) de suas fazendas, *pera que,* se ho governador a entrasse, as *terem* em salvo», mas diz-se com o padre António Vieira, por exemplo: «Os Neros e Dioclecianos nam atormentavam os Christãos *para* lhes *tirarem* a vida, etc.»

Entre os usos do infinito pessoal conhece a nossa língua um que logo nos traz à lembrança outro, de freqüente emprêgo entre os Romanos — o imperfeito do conjuntivo, acompanhado da conjunção *cum,* que geralmente se traduz pelo gerúndio, mas que podia sê-lo também pelo infinito com a preposição *com.* Eis um exemplo dentre inúmeros, tirado de Cícero: *Munatius Plancus quotidie meam potentiam criminabatur,* cum diceret *senatum quod ego vellem decernere,* que em português traduzire-

mos: Munácio Planco atacava todos os dias o meu poder *dizendo* (segundio Epifânio, *Gram. latina* de Madvig, epítome, parágrafo 293, Obs. 2) ou *com dizer* que o senado decretava quanto eu queria. É possível e talvez mais provável que neste caso a palavra *com* seja a preposição equiparada no seu emprêgo a outras *(a, por, para)*, mas há de concordar-se que é flagrante a similhança entre o latim *cum* (conj.) *dicerem* (ou *diceret), faceres, memoraremus, mentiretis, sederent* e o português *com dizer, fazeres, lembrarmos, mentirdes* e *serem.* A única objecção que se poderia fazer à proveniência do infinito pessoal português do imperfeito do conjuntivo latino seria a diferença de acentuação entre ambos nas primeira e segunda pessoas do plural, mas facto igual deu-se nas mesmas pessoas no imperfeito e mais que perfeito do indicativo e nota-se ainda no povo, que não raro subordina tôdas as pessoas à acentuação da primeira, fazendo esdrúxulos os graves *façamos, queiramos, sejamos, hajamos*, etc.

Na minha opinião, a afirmativa de que o imperfeito do conjuntivo desapareceu do romance, com excepção apenas do logudorês, um dos dialectos falados na Sardenha, onde persiste com a forma e função primitiva [1], deve sofrer ainda outra restrição, constituída pelo português e galego, que

---

[1] Das Lug. bewart das Imp. Konj. in ursprunglicher Form und Funktion — diz-se no *Grundriss der Rom. Philologie*, de Grober, I, 549.

dêle se servem igualmente com o mesmo sentido em que o empregava o latim, divergindo só em que, quando êste usava a conjunção *ut*, êles lançam mão de uma preposição. Verdade seja que o povo tende a dar a desinência da segunda pessoa do singular às formas originàriamente indeclináveis, como o gerúndio, que, pelo menos no Algarve, tenho ouvido empregar com essa desinência, dizendo-se, por exemplo: *em tu vindos*, etc. e neste caso, como pretende Leite de Vasconcelos [1], pelo mesmo processo ter-se-ia dito *amares*, e daí as restantes pessoas, havendo demais a influenciá-las o futuro do conjuntivo nos verbos regulares; mas, se o imperfeito do conjuntivo poder explicar o infinito pessoal, afigura-se-me desnecessário procurar hipóteses.

---

(2) *Estudos de Filologia Mirandesa*, I, 220.

VIII

Particípios

Como todos os organismos vivos, desde que vem à luz, se transformam contìnuamente, chegando com o tempo a adquirir aspectos que quási por completo os transformam, sem que todavia deixem de conservar sempre algum resto das primitivas formas, assim a língua, qual novo Proteu, vai-se alterando de contínuo, embora lentamente, só parando, e ainda assim não de todo, quando a escrita dela se apodera, como que prendendo-lhe os movimentos. Se não fôra essa detenção forçada, muito outros seriam do que hoje são os idiomas existentes. Se, a-pesar disso, a diferença que apresentam entre a fase actual e a mais antiga conhecida é nalguns tão grande que, quando os comparamos, parece-nos que nada de comum existe entre êles, nem nós podemos imaginar o que teria sucedido sem aquela barreira. Evidentemente que o facto não é de hoje, nem de ontem, mas de todos os tempos, pois já Cícero e Horácio confessam que a

língua dos primitivos tempos lhes era quási, senão inteiramente, inintelegível (1). Entretanto, no meio dessas transformações, uma ou outra coisa fica do passado, a ligar êste ao presente; é o que temos visto e uma vez mais nos vai mostrar a história dos particípios.

Como nos vários modos do verbo, também estes possuíam, em latim, formas especiais à maneira como o tempo se encara, isto é, eram *presentes*, *pretéritos* ou *passados* e *futuros*. Vejamos o destino de cada um dêles no português:

O *particípio do presente* subsistiu em ambos os números no período arcaico da língua, como mostram os documentos da época. Assim, na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, que é do século XV, lê-se: «E entam o fraire e seu companheiro, *ferventes* em no esprito e *comfiantes* em no Senhor, etc.» (II, 155); numa *Regra fragmentária de S. Bento*, a mais antiga versão conhecida, entre nós, todavia, segundo parece, não anterior ao século XIV, diz-se: «nẽ esse (o abade) *pregante* ous outros, mao seja achado». Mas já no latim êsse particípio exercia por vezes a função de adjectivo ou substantivo e podia ser substituido pelo caso ablativo do gerún-

---

(1) A pág. 7 da sua *Histoire abrégée de la litterature romaine* (tradução francesa de Vessereau), diz H. Bender: *Le langage de ces temps primitifs était devenu à peu près si non entièrement inintelligible à l'epoque de Ciceron et d'Horace.*

dio [1]; não admira, pois, que no antigo português o mesmo se observe, como se vê dêstes exemplos: «com o *chorante* choravam... com o *calante* calarom (*Cron. Fr. M.*, II, 261); a abastança e a sanha *seguinte* soem acompanhar ao poderio (id., 248); o qual (papa)... respondeu, *dizendo*, etc. (id., 260)». Foi esta última forma a que depois predominou, fazendo desaparecer a antiga, que hoje existe apenas como que fossilificada em *obstante, passante, salvante, temente, tirante*, etc., com perda do plural e por essa razão com aparência de invariabilidade. É possível que esta começasse já no período arcaico, a julgar desta frase: «*cobiiçante* nós põer cima aas demandas», que ocorre nas *Ordenações de D. Afonso II*, onde todavia o singular se poderá explicar por silepse de número ou concordância do particípio com a pessoa a quem se refere o *nós*, chamado majestático.

O *particípio do pretérito* ou *passivo* era em latim caracterizado pelo sufixo *-to*, que se juntava ao tema e podia alterar-se sob influências fonéticas. Naqueles verbos em que êste terminava em *-a* ou *-i*, êsse sufixo continuou a persistir, transmitindo-se

---

[1] Cf. *Dyonisius tyrannus cultros metuens* (Cic.) e *Homines ad deos... accedunt... salutem hominibus dando* (id.) em que, em vez de *dando*, se podia dizer também *dantes*. Depois o ablativo do gerúndio foi cada vez mais substituindo o particípio do presente; encontram-se exemplos dessa substituïção em todos os tempos; cf. Grandgent, § 104.º, tradução italiana do seu *Latin Vulgar*.

depois às línguas românicas, mas nos em *-e* esta vogal passou a *u*, suplantada, na língua popular, por igual letra de carácter consonântico que terminava certas raízes; pelo abrandamento costumado do *t* intervocálico, as terminações, nas três conjugações a que, em português, se reduziram as quatro latinas, passaram a ser *-ado, -udo, -ido*; essas mesmas vivem ainda, como é sabido, com excepção de *-udo*, que, na língua moderna, ou seja, desde o século XVI, se assimilou, como já dissemos, a *-ido*, dela restando hoje apenas vestígios em *teúdo, manteúdo, conteúdo*, que passou à classe de substântivo, e no nome próprio *Temudo*.

Êste particípio exercia também as funções de adjectivo, junto do substantivo a que se referia, e, como tal, concordava com êle em género e número. Ora sucedeu, sobretudo em latim vulgar, que, em vez de empregar-se um perfeito simples, quando se tinha em mente significar que uma acção perdurava ainda nos seus efeitos, recorreu-se a uma perífrase, formada pelo pretérito do verbo *habeo* mais um particípio, que servia como de aposto a um nome, e assim dizia-se, por exemplo, *cognitum, statutum habeo*, em vez de *cognovi, statui* (1). Por esta forma criaram-se os tempos compostos da activa, nas línguas

(1) Foi certamente por imitação popular que Cícero, nas suas *Cartas aos amigos*, disse: *Si Curium nondum satis habes cognitum, valde tibi eum commendo; tu si habes jam statutum quid tibi agendum putes, supersedeto hoc labore itineris.*

românicas, que continuaram — e algumas ainda continuam em parte — a observar a concordância; eis alguns exemplos na nossa, extraídos da citada *Crónica dos Frades Menores* [1]: «os quaaes (leitos) avia *feitos* aparelhar; ouve *ditas* aquellas visões; todalas cousas que avya *vistas* e *ouvidas;* palavra que avia *dita;* ajam *escolhida* a carreira da vida; aquelles que os aviam *atormentados;* aaquelle que... avia *feita* a misericordia; o porteiro... os avia *lançados* fora da cassa; aquella molher que os avia *recebidos;* os... priores se aviam *lançados* a dormir; os hereges que emtonce se aviam *alevantados;* se aviam *partidos* de ally os poboos; pães que aviam *sobejados;* em na quall (eira) aviam *ficadas* algũuas favas; a molher contou-lhe todallas cousas que lhe aviiam *comtecidas,* etc.».

Dos exemplos dados vê-se que os particípios concordavam com os substantivos a que se referiam, ainda quando pertencentes a verbos intransitivos. Mas que já então se praticava também a invariabilidade mostram estes exemplos, colhidos ainda no mesmo texto: «hũa parte (do ávito) avia *dado* aos pobres; aquelle homem nom aviia... *emtendido* as palavras; aquellas coussas que em parte lhe avia *mostrado;* tragido... ao lugar honde lhas (vacas) aviam *dado;* cousas... que... em tempos... avia *acomtecido*». Os dois processos constam até dêste

---

[1] Cf. pág. XLIII, onde se indicam os lugares respectivos.

exemplo: «males que aviia *vistos* e *ouvido* delles» e ocorrem ainda em Camões, apenas com a substituïção, que hoje perdura, do primitivo *aver* por *ter*, como mostram estes exemplos: «tem passados... tam asperos perigos, tantos climas e ceus *exprimentados;* tendo guarnecida a lassa frota (I, 29); que partes do mundo *corrido* tinham (id., 50), etc.». Hoje ainda, que o particípio se conserva invariável nos tempos compostos, casos há em que se faz a concordância, sem que o sentido sofra alteração sensível; é quando nos servimos de frases como estas ou idênticas: tenho *composto* dois livros ou tenho dois livros *compostos;* ela tinha *preparado* uma merenda ou tinha a merenda *preparada*, etc. A invariabilidade mantem-se, pois, actualmente, como é sabido, tôdas as vezes que o particípio se considera dependente do verbo *ter*, formando portanto com êle um tempo composto, se porém, desempenha o papel de adjectivo, segue a costumada concordância em género e número dêste.

Nem todos os particípios terminam em *-ado*, *-ido;* outros há que, em conseqüência de alterações fonéticas, apresentam finais diferentes; são os que, na sua maioria, pertencentes a verbos da 3.ª conjugação latina, ou seja de tema em consoante, recebemos já alterados; dêles muitos passaram à classe de nomes (substantivos ou adjectivos), se já dela não faziam parte, como *cinto, devesa, empreita, enfusa*, etc., outros, ao lado da forma irregular, tomaram depois, mas já dentro da língua, outra

regular, que entra em especial na formação dos tempos compostos, usando-se aquela como adjectivo e por vezes também na voz passiva; é o caso de *abrido*, *cingido*, *enxugado*, *prendido*, *soltado*, *tingido*, etc., a-par-de *aberto, cinto, enxuto, preso, solto, tinto,* etc., isto é, ao lado dos *fortes,* herdados, criaram-se outros, *fracos.*

O *particípio do futuro*, quer o activo, quer o passivo, chamado também *gerundivo*, deve ter sido de uso muito raro entre a plebe romana, só assim se explica que êle não tenha passado às línguas românicas, sendo substituído por outros modos de dizer. Existe em português um texto a que já me referi, a *Regra Fragmentária de S. Bento* [1], no qual um e outro são traduzidos por uma forma em *-doiro*, que, parece, se confundiu com a terminação *-turus* do primeiro, talvez sob influência de nomes em *-torius*, como *praetorius*, *senatorius*, etc. (cf. o antigo *ajudoiro* de *ajutorium*). Assim ao latim: *scientes pro hoc se recepturos mercedem bonam; cogitet tamen abbas se de omnibus judiciis suis Deo redditurum* (ou *reddere*) *rationem; constituenda est ergo a nobis dominici schola servitii; quae (via salutis) non est nisi angusto initio incipienda; cavendum est ergo omni hora fratres*, etc., fêz-se corresponder respectivamente o português: «sabentes por aquisto si *recebedoiros* mercee bõa; enpero cuide

---

(1) Cf. *Evolução da Língua Portuguesa,* publicação da Academia das Sciências, em que a inseri conjuntamente com outras duas versões mais modernas.

esse abade de todolos juizos a Deus *rendedoiro* razon; ergo *estabelecedoira* é a nós a escola de nostro senhor do santo serviço; que non é senon [per] compeço angusto *compeçadoira;* ergo *cavidoiro* é in toda hora, irmãos», mas também se verteu o segundo por um simples infinitivo, traduzindo: *Obedientiae bonum non solum abbati exhibendum est* por «[o] ben d'obedeença non solamente ou abade é aver». É possível que semelhante versão se deva atribuir em quem a fêz ou a pouco conhecimento da língua literária do tempo, ou talvez antes ao empenho de seguir à letra o texto latino. Contràriamente a êste tradutor, o da *Crónica dos Frades Menores* verteu, como hoje faríamos, *consilium est requirendum* e *futurum ibidem fratrum minorum conventum venerabilem prophetavit*, por: «se deve demandar conselho» e «prophetizou que em aquelle lugar avia de sseer huum moesteiro homrrado de fraires menores».

Do exposto se vê como na língua actual perduram ainda vestígios do estado antigo dos particípios.

IX

A propósito de algumas conjunções

I. — Aquele célebre axioma darwinista, que na luta da vida a vitória é dos mais aptos, em parte nenhuma tem, a meu ver, maior aplicação do que na linguagem; assim no-lo mostra a história desta. Sem mesmo ascendermos ao período primitivo, basta comparar entre si duas épocas ou fases de qualquer idioma, para disso nos certificarmos. Veremos então que palavras que num dêles gozavam de plena vida morreram depois, cedendo o lugar a outras que, muitas delas, na aparência passavam por menos aptas. Foi o que aconteceu em especial com a classe das invariáveis, conhecidas pelo nome de *conjunções*. Com efeito, se compararmos as que o latim clássico possuía com as que existem no português, reconheceremos que aquelas na sua quási totalidade desapareceram, salvando-se dêsse desastre apenas *e, nem ou,* nas coordenativas, e *se, ca* (comparativa e causal), nas subordinativas. E como procedeu a língua para reparar tamanha perda? Seguiu o mesmo processo de que o próprio latim já se servira — foi bus-

car aos advérbios e preposições principalmente o que lhe faltava e, porque êles não lhe davam o bastante, recorreu às declináveis, em tôdas as suas várias espécies, nomes (substantivos e adjectivos), pronomes e até verbos. Dos advérbios tomou, por exemplo, *bem, mal, assim, não, além, já, longe, quando, como,* etc., das preposições *de, por, sem,* etc., dos nomes *ora, via, modo* ou *maneira, fim, conseqüência* ou *conseguinte,* etc., dos pronomes *todo, outro,* etc., e dos verbos *quer, posto, visto,* etc., e, ou sós ou mais geralmente combinando entre si estas várias espécies de palavras, formou as simples e compostas ou *locuções conjuncionais.* É escusado advertir que das que hoje se nos afiguram simples nem tôdas o são na sua origem, como demonstra a sua análise, e que nalgumas delas a forma se modificou com o decorrer do tempo, tal qual aconteceu a outros vocábulos, é o que passo a mostrar.

Das adversativas que o latim possuía nem uma só sobreviveu; em lugar delas entraram palavras declináveis e indeclináveis. O advérbio de quantidade *multum,* originàriamente, como é sabido, o neutro do pronome-adjectivo *multus,* fazia no comparativo *magis;* daqui, pela queda regular do *g* intervocálico, *mais,* que passou a exercer também as funções de conjunção adversativa. Durante muito tempo não sofreu êle qualquer distinção de forma num e noutro caso, e ainda hoje não a sofre na língua do povo, mas depois, devido provàvelmente à sua qualidade de átono, quando usado como con-

junção, perdeu o *i,* ficando reduzido ao *mas,* exclusivo da língua culta [1].

Com o sentido de *por isto* serviam-se os Romanos da locução adverbial *proinde,* constituída pela preposição *pro* e o advérbio pronominal-demonstrativo *inde,* todavia o seu uso não se achava muito espalhado entre o povo, segundo parece depreender-se de só no castelhano e português ela se achar representada sob as formas *porende* e *porém,* que aquele perdeu e nós continuamos a manter, mas só a segunda e já desde tempos bastante antigos.

A sua primitiva significação é ainda bem visível nestes versos do rei-trovador, em que demais ambas ocorrem:

> Ca sabe Deus que, se m'end' eu quitar
> podera, des quant'á que vos servi,
> mui de grado o fezera logu'i,
> mais nunca pudi o coraçon forçar
> que vos gram bem non ouvess' a querer,
> e *porem* non dev'eu a lazerar,
> senhor, nen devo *porend'*a morrer.
>
> (*C. V.* 111).

e neste passo de Fernão Lopes: «... porque aquella fromtaria he grossa de gentes e grandes senhores... e aquelles que vós assinastes pera a guardarem comigo me parecem poucos, *por emde* tornei pera

---

[1] Nas obras del-rei D. Duarte aparece também *mes,* forma esta que deve ser já uma evolução de *mas.*

me dardes mais vassallos». (*Cron. de Dom João I*). Como se vê, a sílaba final *de* não tardou a cair, o que de resto sucedeu ao próprio advérbio, que se reduziu a *en* (1), e mais nomes em que entrava, *além* e *aquem,* tal qualmente havia acontecido no próprio latim, que, a-par-de *deinde, exinde, proinde,* dizia, *dein, exin, proin.* O sentido originário foi-se a pouco e pouco obliterando, sobretudo quando em frases negativas, passando ao de *oposição, contraste,* que é o que hoje tem na qualidade de conjunção adversativa.

Sentido idêntico a *porém,* quer na sua origem, que é o latim *per hoc,* quer posteriormente, mas de extensão maior do que aquele, pois, além da península hispânica, conservou-se também na Itália, foi *peró,* que já simples, já precedido de *em,* isto é, *empero,* a nossa língua usou, como conjunção adversativa, desde o seu aparecimento até pelo menos ao século XVI (2). A sua significação primária de *por isso* aparece ainda nestes versos do mesmo rei:

> Grave vos é de que vos ei amor,
> e, par Deus, aquesto vej' eu mui bem,
> mais *empero* direi-vos ũa rem
> ....
> *Pero* mais grave dev'a min de seer, etc.
>
> (*Id.* 94).

---

(1) Sôbre as funções desta partícula na antiga língua pode ver-se a minha *Gram. Hist.*, págs. 272 e 352.

(2) Morais no seu *Dicionário* abona *empero* e *pero,* respectivamente com citações ainda da *Monarquia Lusitana* e *Crónica da Guiné,* de Azurara.

Entre as conjunções, que dantes foram locuções e depois se reduziram a uma palavra única, figura, afora as duas acabadas de mencionar, *embora,* que hoje vale por concessiva. Sabe-se que esta palavra resultou da frase *em boa hora*, de que ainda hoje nos servimos por uma superstição atávica, que acreditava na existência de horas boas e más e considerava de bom agoiro o lado direito, como de mau o esquerdo, e tantas outras que nos são comuns com muitos povos antigos e modernos. À chegada ou à partida duma pessoa, dizia-se-lhe, à maneira de cumprimento: *venha* ou *vá-se em boa hora.* O uso freqüente de tal dito fêz que as duas últimas palavras se ligassem entre si, sendo o *a* final do adjectivo *boa* absorvido pelo *o* inicial do substantivo *hora* ou *ora* (cf. o *algũ hora* do povo por *algũa* (hoje *alguma*) *hora*); depois ainda se lhe juntou a preposição *em*, resultando dessas junções o vocábulo *embora*, que não só figura de conjunção, mas também de substantivo. A significação anterior perdeu-se com o tempo e hoje, nem quando damos os *emboras* a uma pessoa, nem quando a mandamos *embora*, pensamos mais em desejar-lhe *uma hora boa.*

Quanto à passagem da locução *em boa hora* a conjunção, afigura-se-me que o caso se daria assim. De um desejo, manifestado a alguém, quando se lhe dizia *venha em boa hora*, usando o verbo no presente do conjuntivo, como é de regra, passaria a supor-se que êle se realizara, admitindo-se que a pessoa que se tinha em mente chegara com efeito

numa das tais horas de felicidade; então aquele desejo deixaria de ser considerado uma manifestação da vontade, para se tornar numa concessão, em que é de lei também o conjuntivo, acompanhado de conjunção, ou mesmo só, como se pode ver nos exemplos dados por A. Epifânio Dias, no § 269, da sua *Sintaxe Histórica Portuguesa.*

II. **A partícula «se».**—Por todos os gramáticos, nacionais e estrangeiros, é classificada de conjunção, condicional umas vezes, integrante outras, a partícula *se,* ainda quando ocorre em proposições que teem todo o aspecto de principais ou independentes; nesse caso, explica-se o facto pela omissão de outra proposição, a que aquela se ache subordinada. Assim, por exemplo, o, aliás excelente, *Dict. Gen. de la Langue Française* de Hatzfeld e Darmesteter, organizado de harmonia com os preceitos da sciência filológica, entre os vários emprêgos do *si* condicional, aponta estes, colhidos em La Fontaine: *si je pouvais remplir mes coffres de ducats! encor si la saison s'avançait davantage,* advertindo que se deve subentender, como principal, esta oração, *je serais* ou *on serait heureux, si,* etc. Não obstante a minha veneração pelos laureados nomes dos autores, permito-me discordar neste caso da sua opinião, discordância que em seguida passo a fundamentar.

Havia no latim duas partículas, *si* e *sic,* que originàriamente apenas divergem em a segunda ter a

mais o apodíctico *ce,* que encontramos sobretudo nos pronomes *(hic, illic, istic)* e também já com a perda do *e* final. Ambas passaram para as línguas românicas e em português deram as formas *se* e *si,* arcaico, hoje *sim.* Uma e outra tinham *i* longo e a diferença de tratamento está, a meu ver, em que a primeira, introduzindo a frase, passara à condição de proclítica e, como tal, a pronunciar-se unida à palavra seguinte, perdendo portanto a acentuação própria e tornando-se átona [1] (cf. *feuza, vezinho,* etc., de *fiducia, vicinu,* etc.), emquanto a segunda conservara a sua independência, talvez por se empregar, sobretudo no povo [2], em seguida ao verbo. Se na sua origem não tinham diferença sensível, no seu emprêgo também às vezes se confundiam. Assim é que Horácio, desejando ao seu amigo Vergílio, que embarcara para Atenas, uma viagem feliz, dirigindo-se à nau que o transportava, diz-lhe: *Sic te diva,*

---

[1] A mesma explicação serve para o italiano, antigo francês e castelhano, se é verdadeira a informação, dada por Mascarenhas Valdez no seu *Dicionário Español Português,* de ter sido *se* a forma arcaica das actuais conjunção *si* e advérbio *asi.* Com a mudança sofrida em França e Espanha do velho *se* para o moderno *si* pode comparar-se igual fenómeno na fala do Brasil, parece-me, porém, que o motivo que a provocou aqui não foi o mesmo que nas outras regiões.

[2] Cf. a resposta afirmativa *senhor si,* usada entre nós ainda no século XVI. O *si* mantem-se ainda, como se sabe, em espanhol, francês e italiano.

potens Cypri... regat, etc. [1] Por seu lado êste outro poeta põe na bôca de Eneas, quando, depois de consultar a sibila de Cumas, vai em busca da entrada do inferno, estas palavras: *Si nunc se nobis ille aureus arbore ramus ostendat nemore in tanto!* [2] Já antes dêstes poetas, Plauto, nalgumas das suas comédias [3], empregara o *si* com sentido idêntico. Vê-se portanto dêstes passos que ambas as partículas se usavam por vezes na manifestação dum desejo e que êste processo não era exclusivo dos literatos, mas se encontrava também no povo mostra-nos a locução *si Deus mi perdon,* de que mais de uma vez se servem os nossos trovadores medievos, a-par desta *assi Deus me perdom* e mais freqüentemente *se Deus mi perdon.*

Mas, pondo de parte o *si,* que sob a forma *assim,* sua composta, continua a usar-se com a mesma significação na nossa língua e suas irmãs *(ainsi* no francês, *cosi* em ital., etc.), vejamos como o *se* tem até hoje persistido, pelo menos nestas quatro línguas, com sentido igual ao daquele. Do francês, na fase moderna, servem de exemplos os dois lugares

---

(1) Ode 3.ª do livro I. Mas o mesmo usa também o *si* optativo na *Sátira* 6.ª do livro II, versos 8 a 10. O emprêgo do *si* vê-se ainda, entre outros, em Propercio, I, 18 II e Tibullo, I, 1.

(2) *Eneida,* V, 187 e 8.

(3) Assim: no *Miles Gloriosus,* 571 e no *Epidicus,* 504 serve-se da frase optativa *si te di ament;* no *Persa,* 786, diz: *quem pol ego ut hominem... incompedis cogam, si vivam.*

atrás citados, na arcaica os passos seguintes, que traz Meyer-Lübke na sua *Gram. das línguas românicas* (III, pág. 691-2): *Dist Auberis: dis tu voir, messagier? Oil, dist il, se dieus me puist aidier. Se deus voz beneie, seignor baron.* Do antigo castelhano, de entre os muitos que ocorrem no *Cid*, sem falar noutras obras, há a frase, nêle freqüente, *si vos vala el Criador* (1324, 1442, 1328, 2798 e 3128); o actual exprime um desejo também dêste modo: *Si Dios quisiera tocarle en el corazon* (cf. *Dic. da Academia*, 1884). O Dante, na sua *Divina Comédia*, diz (*Inferno*, X, 82): *E, se tu mai nel dolce mondo regge, Dimmi perche*, etc.; na novela 1.ª do 4.º dia do *Decamerone*, de Boccacio, lê-se: *se egli nello amoroso sangue nella sua vecchieza non s'avesse le mani brutate.* O *Dicionário Italiano-Francês,* de Barbieri, traz esta expressão: *Se m'aite Iddio, disse il cavaliere, io il vi credo.*

Da nossa os exemplos sobejam desde o seu aparecimento pela escrita até hoje. Na minha *Crestomatia arcaica* (2.ª edição) podem ver-se, entre outros, estes: *se me valha Deus*, pág. 266), *se Deus me deixe de vós ben aver* (238), *se Deus me perdon* (246), *se Nostro Senhor me dê ben* (257), *se vos valha Deus* (268), *se eu d'el seja vingada* (289), *se ben ajades* (295), *se Deus vos empar* (341). Na *Demanda do Santo Graal*, lê-se: *se Deos m'ajude, eu ho vingarei a meu poder* (92). O Padre Eusébio de Matos começa dêste modo a sua primeira prática sôbre o *Ecce Homo*: *Se quisesse Deus... que amanhecessem luzes a nosso desengano!* Mais adiante, diz ainda: *Oh! se*

nossas culpas padecerão (mais que perfeito do indicativo pelo imperfeito do conjuntivo) *o último naufrágio na inundação daqueles rios!* Hoje ainda são correntes estes modos de dizer ou outros parecidos: *Ah! se eu fôsse rico! Se me não deixasse levar dos conselhos dêle!* nos quais, se por um lado se pode entender que quem os profere tem em mente uma condicionada, por outro também se significa um simples desejo, realizável ou não, conforme o verbo está no presente ou no imperfeito ou mais que perfeito, tal qual o fazia o latim. Não me parece, pois, que seja necessário supor-se que se oculta uma oração principal, em que se afirmaria o que aconteceria, caso se realizasse o indicado na que começa por *se*. Quando, por exemplo, um velho recorda com saüdade a juventude passada, pode exprimir êsse sentimento doloroso e só êle, sem mais ideia acessória, por estas palavras, que Vergílio (canto VIII, 560) põe na bôca de Evandro, ao despedir-se do filho Pallas, que parte a combater contra Turno: *O mihi praeteritos referat si Juppiter annos* (1), ou, como nós diríamos: *Ah! se eu fôsse novo!* Para disso nos convencermos, basta apenas trocar o *se* por *assim,* de que nós, juntamente com espanhóis, franceses e italianos (estes o composto *cosi,* como disse atrás), hoje nos servimos, quando exprimimos um voto ou

---

(1) Madvig, de harmonia com a opinião geralmente seguida, supõe haver aqui elipse: cf. sua *Gram. Latina,* § 351, *b.* Ob. 1.

reforçamos uma afirmativa, sobretudo com uma oração comparativa, clara ou oculta, dizendo: *assim aconteça! assim Deus me dê saúde!* Nesta exteriorização de um desejo, que nós fazemos pelo conjuntivo, só ou acompanhado das partículas *se, assim,* apenas continuamos um processo herdado dos Romanos, que lhes era comum com os gregos ([1]) e provàvelmente com outros povos ainda da antiguidade.

III. **Conjunções integrantes.** — Acabamos de ver como as partículas *se* e *si* tiveram igual valor na nossa antiga língua, valor êsse que já lhes vinha do latim, que em expressões idênticas usara de *si* e *sic.* ([2]), e provém da sua significação originária, a qual, tendo sido primeiro demonstrativa-temporal, com o sentido de *então*, passou depois a modal ou *assim* ([3]). Foi desta última de-certo que nasceu a de condicional que o *si* e os seus repre-

---

([1]) Cf. *Odisseia,* VI, 148, *Ilíada,* VII, 28.

([2]) Na língua popular estas duas partículas vieram naturalmente a confundir-se em consequência da perda do *c* na segunda, perda que deve ter-se dado pelo menos já no século V, como se deduz da condenação que de tal forma (*si* por *sic*) faz o gramático Consêncio: cf. F. Sommer, *Handbuch der Lat. Laut--und Formenlehre,* pág. 299.

([3]) Veja-se o *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch,* de Walde: cf. o *wenn* alemão, que pode ser ao mesmo tempo conjunção condicional e temporal. A origem pronominal destas partículas é manifesta.

sentantes românicos tomaram de preferência. Mas esta mesma, com o decorrer do tempo, chegou a obliterar-se por forma tal que, por vezes, veio a substituir outras, que costumavam introduzir orações, que serviam de completar o significado de um verbo transitivo, ou integrantes. Tal transformação deve, a meu ver, ter-se dado primeiro na língua do povo, donde passaria para a literária. Assim na sua interessante comédia, intitulada *Menechaemi* (acto I, scena 2.ª, verso 33), põe Plauto na bôca do parasito *Peniculus* estas palavras: *Iam sciam, si quid titubatumst, ubi reliquias videro.* E Terêncio diz igualmente (*Heaut.* 1, 1, 118): *Ibo et visam huc ad eum si forte est domi.* Nem mesmo o elegante Tito Lívio engeita essa construção com os verbos *quaerere* e *exspectare*, como antes dêle o purista Cícero, embora em obra *(De inventione)* escrita nos começos da sua vida literária. É de presumir que tal transformação resultasse do emprêgo do *si* com verbos que denotavam esfôrço por que uma coisa se realizasse, e nesse caso era verdadeira conjunção condicional; depois, por uma espécie de prolepse mental, considerou-se suposto êsse esfôrço e portanto o facto sôbre que êle devia recair objecto do verbo subordinante (1).

---

(1) Quando, por exemplo, se diz *veja se vem cedo*, embora o enunciado na oração de *se* constitua o objecto de *veja* e portanto se possa classificar de integrante, essa oração em rigor é uma condicional, porque a ideia completa seria: *faça a diligência*

Outra partícula que na sua origem não era conjunção integrante é *que*. É sabido que os Romanos introduziam uma oração causal, entre outras partículas, por *quod*, mas, por um processo muito similhante ao sucedido com *si*, o que a princípio era causa passou, sobretudo com verbos de afecto, a designar o objectivo da sua significação e assim dizemos hoje: *sinto (tenho pena)*, *folgo*, *alegro-me de que*, etc. Perdida a antiga noção de causa, não admira que o latim vulgar estendesse o mesmo processo a outros verbos, que na língua clássica não tinham tido tal construção, chegando mesmo a substituir uma integrante infinitiva por outra começada por *quod;* é exemplo disso o latim da Vulgata: *scio quod Redemptor meus vivit* (Job, XIX, 25) (1).

Outra partícula causal era *quia*, portanto sinónima de *quod;* de aí o concorrer também com esta no mesmo texto (cf. *scio quia omnia potes*, XLII, 1);

---

de vir cedo, se puder. Por isso diz Vergílio (*Eneida*, I, 180-2); *Aeneas omnem prospectum late pelago petit, Anthea si qua... videat.* Assim se explica, que, entre outros, o verbo *exspectare* se construisse em latim com *si:* (*hanc paludem*) *si nostri transirent, hostes expectabant,* Cesar, *de bello Gall.* (II, 9, 1), com *ut* (*Nisi forte exspectatis ut illa diluam,* etc. Cícero, *Rosc. Am;* e ainda com *infinito* (*exspecto eum venturum esse*), isto é, com integrante: cf. Riemann, *Syntaxe latine,* §§ 210, *bis,* 185 e 177, obs. IV, 1.

(1) Ascende ao latim arcaico o uso de *quod* como integrante, pois já se encontra em Ennio e Plauto; assim não admira que o povo o conservasse, visto a língua por êle falada ser a continuação daquele.

dela provém o nosso antigo *ca*, hoje completamente desaparecido (1).

Há ainda *como*, resultante de *quomodo*, isto é, de uma locução, constituida pelo pronome interrogativo *quis* e substantivo *modus*, ambos no caso ablativo, os quais traduzidos, como é sabido, dão *de que modo*. É evidente que tal locução só se empregava em interrogativas, directas ou indirectas; hoje, afora isso, usa-se ainda em simples integrantes, como quando dizemos, v. g.: *vou-te contar como o caso se passou*, etc. Também o *que*, de que acabei de falar, provém, não pròpriamente do *quod* latino,

---

(1) Podem ver-se vários exemplos na minha *Crestomatia arcaica;* citarei apenas êste: *sei muy ben... ca... nunca jamais com pesar morrerei* (pág. 239). Além de integrante, a mesma partícula continuava a manter a antiga significação causal; os dois sentidos tem ela nestoutro (*sei ca os meus olhos*) *non poderán dormir, ca viron o bon semelhar da que os fez por si chorar* (pág. 253). Na sua origem *quod* e *quia* foram pronomes relativos-indefinidos, ambos do género neutro, aquele do singular, êste do plural; a sua passagem a conjunções causais explico-a assim: primeiro tomou-se como objecto do sentimento do verbo subordinante o facto enunciado na oração a que êle pertencia, depois êste passou a ser considerado como a causa daquele sentimento; a primeira concepção, que se me afigura ter ressurgido, quando a oração passou a ter-se na conta de integrante, vamos encontrá-la já em Homero (*Odissea,* I, 382) onde aparece um pronome relativo, com valor de causal, mas que na realidade diz o que os pretendentes à mão de Penelope admiravam no filho Telémaco, isto é, a coragem com que lhes falava.

mas de *quid*, (1), que o substituiu, porque, servindo, na qualidade de pronome interrogativo, de introduzir uma pregunta, a analogia, que na linguagem desempenha papel importantíssimo, veio depois a reclamá-lo na resposta.

IV. **Ainda a partícula «que».**—Duma coisa complicada é costume dizer-se que tem os seus *quês*. Semelhante expressão deve ter-se talvez originado na, por vezes difícil, classificação desta partícula. Acabei de apontar a sua procedência pronominal e mostrei que a sua passagem à classe das conjunções ascendia já aos Romanos. Mas ainda aqui o seu papel é tão vário que nem sempre conseguimos compreendê-lo bem. Como se fôra um objecto de luxo, essa partícula parece ter perdido o seu antigo significado, servindo para comunicar à frase mais elegância e daí tomar não raro o lugar de outra, que se nos afigura inferior em beleza, e ainda o seu emprêgo, perfeitamente escusado. Com efeito, emquanto dizemos *são e salvo*, *dito e feito* e

---

(1) A qualidade de proclítica, que o *quod* tinha na frase, poderia explicar talvez a sua evolução em *que* (ainda com *d* no antigo italiano e francês, *ched* e *qued*) e assim pensa Körting no seu *Romanisches Wörterbuch*, prefiro porém a opinião de Bourciez (*Eléments de Linguistique Romane*, § 254 *a*), que aliás é a dos autores do *Dictionnaire Gen. de la Langue Française*, já citado, e de outros.

outras expressões, nas quais ligamos pela copulativa *e* palavras da mesma natureza e de sentido quási semelhante, casos há em que já assim não procedemos e, embora com igual função, substituímos aquela conjunção por *que*. Assim ninguém diz, ou pelo menos não está em uso dizer-se, por exemplo, *dá-lhe e dá-lhe*, o que se ouve é *dá-lhe que dá-lhe*. A frase popular *uma vez por outra* toma nos livros também esta forma *uma que outra vez*. Igual valor parece ter o *que* no adágio *uma hora cai a casa que não cada dia* e neste dito popular: *anda cá, que te dou uma coisa* (1). Mas, além de ligar, a mesma partícula emprega-se ainda para contrapor e alterar coisas entre si, equivalendo portanto a adversativa, como no ditado *em Janeiro mete obreiro, mês meante, que não ante* e nesta expressão de Camilo C. Branco: *sendo êsse não só o seu dever, que também a sua mais ardente vontade* (apud Cortesão, *Gram. Portuguesa*, pág. 110, nota), e a disjuntiva, de que é exemplo, afora variados modos de dizer, correntes na linguagem quotidiana, o provérbio: *que chova, que não chova, meu amo me dará que côma.*

Se já, como coordenativa, o *que*, só ou acompanhado de outra partícula, se insinua a cada passo na nossa fala, na qualidade de subordinativa então

---

(1) Para alguns êste *que* é final. A meu ver, tem êle o valor de causal, noutro dito parecido: *anda cá, que te quero dizer uma coisa.* Tenho-o igualmente na conta de copulativa na frase *outro que tal.*

quási que não há frase em que êle não entre de uma ou de outra forma. Do seu papel de causal e integrante já falei; vejamo-lo agora no das restantes conjunções desta classe. Precedido de *por* antes e hoje mais geralmente de *para*, serve de indicar o fim, podendo contudo dispensar a preposição; de ambos os modos encontramo-lo na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, onde se lê, a pág. 206 do vol. II: *Nós trazeremos aqui aqueste santo... porque a verdade de aqueste feito seja esclarecida: por ventura o Senhor nos endereçou a aquesta terra, que por nós outros a santidade falsa de aqueste homem seja descuberta.* Igual valor, segundo Epifânio Dias (cf. a sua *Sintaxe Histórica Portuguesa*, pág. 291) tem a mesma partícula *que* na locução *pouco falta (não falta muito) que uma coisa aconteça.* De concessiva serve ela igualmente, precedida de *ainda* ou *inda, em, bem, dado*, etc., mas não é sem exemplo o seu emprêgo, desacompanhada de outra palavra, como se pode ver no gramático acabado de citar, a pág. 292 e ainda nesta frase, mencionada por Cortesão (111, nota) *mil anos que eu viva nunca o esquecerei.* O mesmo acontece, quando usada em sentido temporal, porquanto, embora mais comummente venha com outras palavras, ocorre só, tôdas as vezes que antes dela está uma que já por si indique tempo, como *agora, hoje*, etc. Do seu valor de consecutiva e comparativa é escusado falar, tanto é o uso que nessa qualidade dela fazemos.

Vê-se, pois, que o *que*, na sua origem pronome

relativo ou interrogativo e portanto declinável, invadiu depois a classe das palavras indeclináveis, vindo tomar lugar entre as conjunções. Rara vitalidade a desta partícula! Emquanto tantas outras da mesma classe sucumbiram à lei fatal do tempo, continua ela, sempre forte, sempre nova, a manter as posições ganhas de há muito e não contente com isso, ainda conquistou outra nova, qual é a de advérbio, em que nos aparece, quando junta a outro, a um adjectivo ou verbo (1), como em: *que bem isso lhe fica, que elegante ela é;* com igual sentido usou-a o P. Eusébio de Matos, numa das suas práticas, dizendo: *ah! fieis, que temo que,* etc., e não é raro êste dito: *ah! que não sei como não morri de dor,* etc.

---

(1) Êste novo emprêgo de *que* afigura-se-me ser uma extensão do mesmo, quando pronome interrogativo, caso em que tanto pode vir só como acompanhando um substantivo, e ascende já ao latim, que o empregava com o mesmo sentido de *quanto,* que, se umas vezes era pronome, outras fazia as funções de advérbio, e por isso não admira que se encontrem juntos; é o que se vê nestas frases: *quas quantasque res*; *quod et quantum incendium,* etc. De relativo passou, já dentro da língua, o *que* a formar uma locução conjuntiva com o valor de concessiva, quando se acompanha da preposição *por* e entre as duas partículas se intercala um substantivo com seu adjectivo ou só êste. É possível que a princípio o verbo da oração respectiva se usasse no indicativo e só depois, pela ideia ligada à frase, passasse para o conjuntivo em que é de regra, já de há muito, como se depreende dêste verso de Dante (*Inferno,* XXV, 16): *No lascio per l'andar che fosse ratto,* igual a... *per ratto que fosse l'andar.*

Nesta última frase parece ter o *que* entrado para arredondá-la e comunicar-lhe mais graça, servindo assim de realçá-la, como acontece nestas locuções: *verdadeiramente que*, *por certo que*, *quási* ou *por pouco que*, etc., em que era escusada. O duplo emprêgo de advérbio e partícula de realce [1], que é o nome que se lhe dá no caso último, tem êle nesta exclamação do mesmo padre: *oh meu amantíssimo Jesus, que ferido, que lastimado que estais*, similhante a outras expressões que andam na bôca de tôda a gente.

É escusado advertir que a mesma resistência e variabilidade, manifestada na nossa língua pela partícula aqui estudada, mostra ela nas que teem igual procedência, donde se deduz que tais qualidades a acompanham desde o tempo em que fazia parte da linguagem, pitoresca e desembaraçada de peias gramaticais, da plebe romana.

---

(1) *Pleonástica* lhe chama Menendez Pidal na *Gramática*, apensa à sua edição do *Cantar de mio Cid*, vol. I, pág. 122, e com vários exemplos, colhidos neste poema e outras obras, mostra com razão ter ela, nos casos em que aparece como tal, resultado de elípse. Efectivamente, quando dizemos, por exemplo, *que riqueza que êle tem*, o segundo *que* classificamo-lo de *partícula de realce* e na verdade pode excusar-se, mas na realidade é um relativo que serve de complemento directo a *tem*, tendo-se omitido *é* na oração antecedente, na qual o *que* vale por *quanta* ou *que grande;* de modo semelhante dizemos *que rico que êle é.*

X

Prefixos e Sufixos

É sabido que a prefixação não só constitui um dos meios de maior enriquecimento das línguas, mas contribui ainda para lhes comunicar grande flexibilidade, permitindo-lhes representar as ideias em todos os seus variados aspectos. Desde que o homem retirou aos prefixos a vida própria que dantes possuiam, associando-os a outros vocábulos, a linguagem por êsse processo tornou-se logo apta a reproduzir todos os matizes do pensamento e, como êste, por sua natureza, está em constante elaboração, não é de estranhar que os seus produtos aumentem de contínuo. Sucede, porém, às vezes, certamente pelo uso mais freqüente que dêles se faz, não só perderem alguns dêsses elementos antepostos aos nomes a sua primeira significação, mas também, por esta se haver obliterado, permutarem com outros. E não admira que assim tenha acontecido, quando vocábulos de natureza mais resistente, por conterem em si muito maior número de elementos, no seu rolar constante por entre os caudais de tantas gerações,

se foram a pouco e pouco desgastando, chegando alguns quási que a perder tôda a carne que os envolvia, para ficarem reduzidos a uma espécie de esqueletos [1].

Já entre os Romanos, alguns prefixos, sem dúvida os mais empregados, confundiam-se uns com outros e até por vezes deixavam de acrescentar, como antes, ideia acessória à raiz, servindo quando muito de dar mais corpo à palavra; assim sucedia, por exemplo, entre *implere* e *complere*, *illudere* e *obludere* e os simples *plorare*, *spoliare*, *sponsare* e os seus compostos com o prefixo *de*. Outros assumiam ao mesmo tempo significações várias; assim: *dis*, que originàriamente continha a ideia de *separação* (*discalceare*, *disponere*, *discernere*, *diversus*, *dirimere*, etc.), veio depois a tomar as de *negação* (*difficilis*, *dispar*, *dissimilis*, etc.), *variedade* (*discolor*) e até de *aumento* ou estado mais elevado (*discipulo*, *dispereo*, *dispudet*, *distaedet*, etc.); *de* ao primitivo sentido de *origem* (*decedo*, *defugio*, etc.) ajuntou depois os de: *negação* (*debilis*, *dedecus*, etc.), *aumento* (*deamare*, *deosculare*, *desudare*, *devincere*, etc.), o mesmo sucedendo a *ex* (*effugio*, *egregius*, *effrenare*, *elinguis*, *emaculare*, *efferus*, *expallidus*, etc.). A partícula *in* não comunica ao nome a que se antepõe apenas a ideia de *negação*

---

(1) Exemplo bem frisante do descarnamento de que acima falo é a palavra *você*, que dos seus primitivos componentes apenas conserva o *vo* de *vostra* e *ce* de *mercede*.

(*inermis*, *immunis*, *irrevocabilis*, etc.), mas ainda a de *intensidade* (*incoctus*, *infractus*, *insignis*, etc.). Ora se já no latim clássico o mesmo sentido era expresso por prefixos diferentes, não admira que o popular e com êle os idiomas que o continuaram tenham procedido por igual forma, criando por vezes vocábulos que aquele desconhecia. Assim, pela significação idêntica que o prefixo *cum* tinha com *in*, ao lado de *invitare*, que deu *envidar*, aplicado especialmente ao jôgo, como o francês *envier*, criou-se **cumvitare*, que tomou sôbre si o sentido de *convidar*, que aquele tinha para os Romanos. Onde, porém, melhor se manifesta essa oscilação, como, aliás, já no latim, segundo mostrei, é nos prefixos *des*, *de* e *ex;* vê-se isso em *decair*, *decompor*, *decantar*, *deflorar*, *deleixado*, *demasiado*, *denegar*, *deplumar*, etc., que concorrem com formas em que entra *des*. Também, a-par-de *desposar*, *desvair*, *desvão*, *descampado*, *descandola*, *descarnar*, *descoar*, *desconjuntar*, *descomunal*, *desmaiar*, *desfalecer*, *desmorecer*, *despavorir*, *desterrar*, etc., diz-se *esposar*, *esvair*, *esvão*, *escampado*, *escandola*, *escarnar*, etc. [1]. Contràriamente à língua clàssica que dizia, por exemplo, *dedignari*, *denudare*, etc., a popular usava *disdignare*, *disnudare*, etc., como atestam os seus representantes *desdenhar*, *desnudar*, ou *desnuar*.

---

[1] No Algarve chama-se *escarar-se* (e derivados *escarado* e *escaração*) a *embebedar-se*, etc.; evidentemente por *descarar-se* ou perder a vergonha, como é próprio de quem pratica tal acção ou se encontra nesse estado.

Nestes últimos vocábulos vê-se que o prefixo *des*, se alguma função exerce, será continuar a reforçar o simples, como no latim. Por processo idêntico nós dizemos *desaustinado*, *desgastar* (1), *desinquieto*, *desinsofrido*, *desleixado*, *desinfeliz*, etc.

Pela mesma razão por que o povo trocou em *dis* o prefixo *de*, de *despoliare* fêz êle **depoliare* (2) e com o decorrer do tempo *debulhar*, cujo *de*, depois e já então a dentro da língua, tornou a mudar em *des*, donde *desbulhar* ou mais freqüentemente *esbulhar*. Mas que a forma primeira estava também em uso conclui-se de *despojar*, que fomos pedir à língua castelhana, como nos revela a transformação operada na sílaba final. Do exposto ressalta, a meu ver, bem nítida, a mobilidade da linguagem e quanto o povo inconscientemente, por êste e outros processos, tem em todos os tempos contribuido para lhe insuflar de contínuo vida e riqueza, além da alma que lhe comunica, como filha querida.

---

(1) Há também a forma *devastar*, que tem todo o aspecto de literária, mas nesta o prefixo foi ajuntado ao simples, pois só quando inicial é que o *v*, sob a influência da pronúncia germânica, pode dar *g*.

(2) Tal transformação faz supor que para o povo se tinha perdido a consciência de que o verbo era um composto de *spolium* e que, conseqüentemente, o prefixo era *de* e não *des*; parece, no entanto, que, para êle, ambos tinham igual valor e daí a troca freqüente de um pelo outro, troca essa que se observa igualmente noutras línguas da mesma procedência.

Outro processo, porém muito mais fecundo, pelo qual as línguas aumentaram e ainda aumentam o seu vocabulário, é a sufixação; por meio dêle não só se modifica, mas até por vezes se altera completamente o primitivo sentido das palavras a que se apõem certos e determinados elementos. Uma circunstância especial distingue os dois processos; é que alguns dêsses elementos, no primeiro, podem ter vida à parte, sendo acentuados, quando independentes, mas tornando-se átonos, desde que se antepõem aos vocábulos; no segundo, só vivem associados e, para poderem subsistir, carecem de ser tónicos.

Na maioria dos casos, prefixos e sufixos são *simples,* isto é, não costumam fundir-se entre si, porém sucede às vezes combinarem-se uns com outros, tornando-se assim *compostos,* embora nem sempre dessa combinação resulte sentido apreciàvelmente diferente, como mostram, por exemplo: *desfolhar*, *desvanecer*, etc., a-par-de *esfolhar*, *esvaecer*, etc., *porcaria*, *selvajaria*, [1] etc., ao lado de *covardia* ou *cobardia*, *cortesia*, etc., em que entram

---

[1] Devido a influência do francês, muitas pessoas trocam por vezes, na escrita e na fala, o sufixo *-aria* por *-eria,* dizendo e grafando *infanteria, loteria, selvageria,* etc.; mas essas mesmas dizem e escrevem sempre *livraria, mercearia, ourivesaria, padaria,* etc. Um pouco de reflexão far-lhes-ia ver que o sufixo é o mesmo em todos estes vocábulos.

respectivamente *des-*, que pode provir de *de* mais *ex*, *-aria*, resultante da junção de *ar* a *ia*, e só *-ia*.

Entre os sufixos compostos possuía a antiga língua um que a moderna pôs completamente de parte; era *-elinho*, de que, na formação dos deminutivos, ela se servia, afora outros, todos herdados do latim. Com efeito, em tal caso, recorria o clássico a estes principalmente: *ulus (ula), culus (cula), illus (illa), uleus, olus* e *ellus (ella)*; o popular ajuntou-lhes *inus*, de que aquele usava também, mas com outro sentido. A nossa língua [1] aproveitou de entre êles sobretudo *culo*, ou seja *lho*, com a adjunção da vogal final do tema, isto é, *alho, elho, ilho, olho, ulho* e *inu* ou *inho*; dos restantes, ainda que não os pondo inteiramente de parte, serve-se hoje com muito menor freqüência. Está neste caso *elo*, que continua a persistir em *cidadela, corrutela, pascoela, picadela, portela, rodela, viela*, etc., mas, a-pesar disso, a sua vitalidade parece ter deminuido muito, se é que não se acha quási completamente extinta. Não assim dantes, como, afora os exemplos citados, mostram os toponímicos *Agrelo, Covela, Fontela, Lordelo, Paradela, Penela, Quintela*, etc., sem falar naqueles nomes que, como *bostela, cabedelo, cadela, castelo, costela, cotovelo, escabelo, fivela, martelo, meselo, novela, sovela, tabela*, etc., já tínhamos her-

---

[1] Evidentemente refiro-me à popular, pois a literária reproduz todos.

dado do latim, nos quais o sufixo tinha deixado de ser sentido.

Da combinação dêste *-elo* com outro, *-ino,* de sentido idêntico, formou-se o citado *-elinho,* que se encontra pelo menos nestes vocábulos: *mocelinha, manselinha, fraquelinha* [1] e *eigrejelinha,* que mantemos ainda, mas com perda do primeiro elemento do mencionado sufixo, dizendo *mocinha, mansinha, fraquinha* e *igrejinha.* Dos vocábulos acabados de citar ocorrem exemplos nos n.os 351, 866 e 1.109 do *Cancioneiro da Vaticana,* dos três primeiros; o último encontrei-o numa velha tradução dos *Diálogos de S. Gregório,* que vem no códice inédito a que já me tenho referido e onde se lê: «indo Sã Bẽeto a hũa *eigrejelinha*».

---

(1) Esta forma subsiste ainda no povo, mas alterada em *fanquelim* ou *franquelim,* provàvelmente pelo processo da etimologia popular *(franco* e *fancaria);* a um tecido transparente ou pouco espêsso já ouvi dar aquela classificação.

EXPLICAÇÃO

Com excepção dos intitulados O sentimento na linguagem, *que foi publicado na* Revista de Língua Portuguesa *do Rio de Janeiro, e* Particípios, *que pela primeira vez vem a lume, todos os precedentes artigos foram escritos expressamente para o* Jornal *da mesma cidade; destinavam-se portanto ao público em geral e não a leitores especializados; convinha-me, pois, amenizar quanto possível a aridez própria do assunto; por esta razão procurei, sempre que me foi possível, evitar qualquer aparato de erudição e aligeirar o estilo por forma que parecesse antes conversar com quem me lia do que ensinar-lhe.*

Reünidos agora em volume e levemente modificados num ou noutro ponto, destinam-se ainda os mesmos artigos não aos filólogos, *mas aos simples* curiosos da língua, *que muitas vezes se transformam naqueles, pois é sabido que em geral o* amor *nasce da* curiosidade. *Que estes últimos, assim os de cá, que até aqui os desconheciam, como os da outra margem do Atlântico, que não prezam menos que nós o idioma que é de ambos, encontrem nêles algum prazer e proveito é o que ardentemente deseja e teve em vista*

O AUTOR,

Lisboa, Julho de 1928.

J. J. NUNES.

Correcções e Aditamentos

A pág. 27, na linha 10-11 da nota 1, emende-se *homidida* em *homicida*.

A pág. 32, linha 6, a *duplas formas* aponha-se esta nota: No mapa da antiga Gália, de Kieppert, o actual rio *Garonne* figura com o nome de *Garunda* junto à foz e *Garumna* no restante percurso. Outra forma que concorria com esta e certamente dela resultara era *Garunna*, donde provém a hoje em uso. Mas tanto a assimilação regressiva como a dissimilação nos grupos *nd* e *nn* pratica-a ainda o nosso povo, que troca *ind'agora* e *no ãno passado* por *innàgora* e *onde passado*, neste segundo exemplo, porém, pode ter influido o advérbio *onde*. No italiano central e meridional observa-se também a troca de *nd* por *nn*, pois diz *quannu* por *quando*.

A pág. 44, nota 1, acrescente-se: cf. o *male mulcatus graculus* do Fedro. Igual sentido deve o mesmo ter em frases como esta: *você está mal enganado comigo*. Também o seu antónimo se usa com igual significação, dizendo-se, por exemplo: *sempre fui bem asno, bem tolo*, etc., talqualmente o latim *bene robustus, nummatus* etc.

A pág. 94, nota 1, a *cousa* adicione-se: qual o estigma ou marca que, em Roma, era uso gravar com um ferro quente na testa ou no ombro dos escravos fugitivos e ainda a classificação do *infame* que os Censores infligiam aos maus cidadãos.

A pág. 98, à nota respectiva acrescente-se: Do mesmo radical. com alteração do suffxo *īta* para *ĭtta* vem a nossa *corveta*.

A pág. 110, linha 18, a *voto* junte-se a nota seguinte: O seu representante popular é *vodo*, como traz Viterbo, ou *bôdo* na pronuncia actual. Originàriamente não há diferença sensível entre os dois termos *vôdo* e *vôda*, representando aquele o singular e êste o plural neutro do mesmo vocábulo, que, como tantos outros, passou, em vista da sua vogal final, a ser encorporado nos nomes femininos; quando muito, *voda* conterá em si ideia colectiva, visto talvez referir-se a promessas feitas pelos dois nubentes.

A pág. 118, linha 10, a *mau habito*, acrescente-se esta nota. O seu representante literário, isto é, *sinistro*, quer como adjectivo, quer como substantivo, mantem ainda o sentido de *mau pernicioso, mau caso, desastre* (Morais).

A pág. 123, junte-se à nota 2: No codice inédito, citado aqui varias vezes, encontra-se *femea* na acepção de *mulher*, neste passo: quando se foi aquela onrrada femea sancta Scolastica.

A pág. 155, linha 8, leia-se *c, f* e *p* em vez de *c, p* e *f*.

A pág. 199, anteponha-se à nota 1: Por analogia com a 1.ª pessoa do singular, as restantes, quando acentuadas na penúltima sílaba, por algum tempo mantiveram o *u* daquela e manteem-no ainda nalgumas falas populares, sobretudo no imperativo. Em escritores quinhentistas ocorrem formas como *acude, construi (destrui), consume, fuge*, etc.

A pág. 218, a *-doiro* do texto aponha-se esta nota: Segundo Morais (na *Gramática* que precede o *Dicionário*), particípios com igual terminação e até em *-ondo*, como *recebondo*, encontram-se noutros textos.

VOCÁBULOS CITADOS

E

SUA EVOLUÇÃO FONÉTICA OU SEMÂNTICA

C

D

R

S

T

ÍNDICE

LÍNGUA

GRAMÁTICA